



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THAIS ROSALINA DE JESUS TURAL

**A SACRALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO:
FESTAS RELIGIOSAS, IGREJA CATÓLICA E ESTADO EM CUBA (1953-1970)**

BRASÍLIA

2018

THAIS ROSALINA DE JESUS TURAL

**A SACRALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO:
FESTAS RELIGIOSAS, IGREJA CATÓLICA E ESTADO EM CUBA (1953-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidades

Orientador: Prof^ª. Dra. Cláudia Costa Brochado

BRASÍLIA

2018

Nome: TURIAL, Thais Rosalina de Jesus

Título: A Sacralização da Revolução: Festas Religiosas, Igreja Católica e Estado em Cuba
(1953-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade de Brasília para obtenção do título de
Mestre em História.

Aprovado em: 05 de março de 2018

Banca Examinadora

Prof^ª. Dra. Cláudia Costa Brochado (presidente)
Programa de Pós-Graduação em História, UnB

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal (membro)
Programa de Pós-Graduação em História, UnB

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado (membro)
Universidade Federal de Uberlândia, UFU

Prof. Dr. Francisco F. Monteoliva Doratioto (suplente)
Programa de Pós-Graduação em História, UnB

À minha mãe, meu maior tesouro.

AGRADECIMENTOS

Felizmente, a elaboração deste estudo contou com a contribuição de inúmeras pessoas, sem as quais sua finalização não seria possível. Meus singelos agradecimentos:

À minha mãe Cleuza Rosa, por ter sido, sempre, um exemplo de perseverança frente aos obstáculos da vida e por me ajudar a progredir enquanto pessoa humana e profissional.

Ao professor, orientador e amigo Jaime de Almeida, por trilhar comigo toda esta jornada desde minha graduação até aqui, por me incentivar a prosseguir mesmo nos momentos de grande incerteza, e contribuir, sem medidas, para o meu crescimento intelectual.

Ao professor Carlos Vidigal, pela colaboração e incentivo. Por ter participado de todas as etapas de avaliação e por me ajudar a identificar importantes pontos a serem melhorados, contribuindo assim, para a qualidade do resultado final.

Ao professor Francisco Doratioto, pela imensa generosidade para com esta pesquisa. Pelos conselhos oportunos, o auxílio prestado à construção do meu arcabouço teórico-metodológico e pelas avaliações sempre muito pertinentes.

Ao professor Giliard Prado, da Universidade Federal de Uberlândia, pela interlocução desde os tempos da graduação, por, gentilmente, ter aceitado mais uma vez compor a banca examinadora e pelas sugestões tão enriquecedoras.

À professora Cláudia Costa Brochado, por prontamente ter-se disposto a substituir a orientação deste trabalho nos momentos conclusivos.

À Biblioteca Histórica do Itamaraty, no Rio de Janeiro, na figura da bibliotecária Simone, por ter me concedido absoluta liberdade de acesso ao fundo arquivístico pertencente a essa instituição.

Ao Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), em Goiânia, e a todos os seus colaboradores, que demonstraram enorme prontidão em me ajudar sobre as questões relacionadas ao arquivo, bem como pelo acesso irrestrito aos itens bibliográficos solicitados.

Ao Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, e a todos os seus colaboradores, por permitir acesso ao acervo histórico do jornal cubano *Revolución* e pela prestatividade ao me receber.

Ao Vagner Tavares da Silva, funcionário da Embaixada do Brasil no Vaticano, por generosamente ter se disponibilizado a fotografar e fazer chegar até mim, aqui no Brasil, páginas faltantes das fontes disponíveis na embaixada em questão.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História da UnB (PPGHIS), pela facilitação na resolução de procedimentos burocráticos de diversas demandas surgidas neste período.

Aos professores do PPGHIS pelas interlocuções, sugestões e contribuições a este estudo.
À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado.

Ao Anderson Almeida, meu suporte de todas as horas, cujo apoio foi determinante nos momentos finais, porém, mais difíceis, da elaboração deste trabalho.

Ao meu amigo Bráulio Fernandes, pela cooperação no processo de revisão e por todo apoio emocional prestado a mim durante todos estes anos.

Ao Marcos Marinho e ao Rodrigo Nunes pela convivência, discussões enriquecedoras e por terem tornado este processo muito mais leve e significativo.

A todos os cubanos, por escreverem uma história tão singular e, assim, possibilitarem empreendimentos como este.

El redentor

*Te clavaron sobre la cruz de América
pero tu carne desbordaba toda orilla,
no hay madera en el mundo para asir tu cuerpo,
tu sangre salpicó la cruz del sur,
tuvo que ir dios a lavar cada estrella en vano,
lloverá sobre la tierra eternamente,
siete clavos de pólvora te pegaron al tiempo,
uno en el corazón para que tengamos fuego siempre.
Idearon nuevos martillos para este calvario,
hubo yanquis romanos, nuevos Pilatos, judas diversos,
ya no prodrán comer, dormir la tierra se ha envenenado para ellos (...).
Caíste esculpiendo el rostro de la esclavitud por última vez.
Ernesto amor, Cristo Guevara, Che salvador,
hijo del hombre, la libertad y el espíritu en armas
padre de dios que vendrá en las gaviotas,
tu cruz seguirá ahí, revolucionaria, espléndida,
sus puntas enrojeciendo los océanos
la cruz del sur, y el sur crucificado,
los milenios y milenios de esta américa en jirones
que libraremos de los clavos con balas floridas
porque has resucitado.*

Julio Huasi

(HUASI, Julio. El redentor. **Diario Primicia**. Huancayo, 21 mar. 2016, nº 6868, p. 24)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo discorrer sobre a relação entre a Igreja Católica e a Revolução Cubana no período que se prolonga desde 1953 até 1970, apontando os principais eventos que podem ter concorrido para a intensificação dos antagonismos entre a visão radical-nacionalista da experiência revolucionária e a cosmovisão cristã. Pretende-se também, de modo concomitante, acompanhar as implicações desses conflitos no âmbito das tradições religiosas do país, em especial das festas. A proposta do primeiro capítulo é compreender o período relativamente amistoso de intercâmbio simbólico entre a religião e a Revolução, que serviu como uma estratégia de legitimação para o novo governo, ao passo que a Igreja, através do apoio supostamente dispensado à etapa insurrecional, tentava assegurar suas zonas de influência na sociedade. No segundo, são abordados os principais embates que surgiram após os primeiros anos dos revolucionários no poder, sobretudo em defluência da opção pelo marxismo-leninismo como ideologia oficial do regime em 1961. O terceiro capítulo focaliza a análise nas transformações trazidas pelo comunismo para o âmbito religioso, bem como nos esforços da Igreja para encontrar um *modus vivendi* com o Estado. No quarto e último, são investigadas, por meio de um diálogo com os teóricos da Revolução Russa e da Revolução Francesa, as tentativas de sacralização da experiência revolucionária cubana.

Palavras-chaves: Revolução Cubana; Igreja Católica; Conflitos religiosos; Sacralização do poder; História.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the relationship between the Catholic Church and the Cuban revolution during the period extending from 1956 until 1970, pointing out the main events which may have competed for intensification of the antagonism between the radical-nationalist vision of revolutionary experience and the Christian worldview. Concomitantly, the aim is also to follow up on the implications of these conflicts within the religious traditions of the country, in particular religious feasts. The proposal of the first chapter is to understand the relatively friendly period of symbolic interchange between religion and revolution, which served as a legitimization strategy for the new Government; while the Church tried to ensure her spheres of influence in society through the support supposedly given to the insurrectional stage. In the second chapter are approached the major shocks that have emerged after the first years of the revolutionaries in power, especially at the option by Marxism-Leninism as the official ideology of the regime in 1961. The third chapter focuses on the analysis on the changes brought about by Communism to the religious sphere, as well as in the efforts of the Church to find a *modus vivendi* with the State. In the fourth chapter are investigated the attempts of sacralization of Cuban revolutionary experience through a dialogue with the Russian Revolution and French Revolution theorists.

Keywords: Cuban Revolution; Catholic church; Religious Conflicts; Sacralization of power; History.

RESUMEN

Esta disertación tiene por objetivo discurrir sobre la relación entre la Iglesia Católica y la Revolución Cubana en el período que se prolonga desde 1956 hasta 1970, señalando los principales eventos que pueden haber concurrido para intensificar los antagonismos entre la visión radical-nacionalista de la experiencia revolucionaria y la cosmovisión cristiana. Se pretende también, de modo concomitante, acompañar las implicaciones de esos conflictos en el marco de las tradiciones religiosas del país, en especial de las fiestas. La propuesta del primer capítulo es comprender el período relativamente amistoso de intercambio simbólico entre la religión y la revolución, que sirvió como una estrategia de legitimación para el nuevo gobierno, mientras que la Iglesia, a través del apoyo supuestamente dispensado a la etapa insurreccional, intentaba asegurar sus zonas de influencia en la sociedad. En el segundo, se abordan los principales embates que surgieron después de los primeros años de los revolucionarios en el poder, sobre todo como consecuencia de la opción por el marxismo-leninismo como ideología oficial del régimen en 1961. El tercer capítulo se centra en el análisis de las transformaciones traídas por el comunismo hacia el ámbito religioso, así como en los esfuerzos de la Iglesia por encontrar un *modus vivendi* con el Estado. En el cuarto y último, son investigados, por medio de un diálogo con los teóricos de la Revolución Rusa y de la Revolución Francesa, los intentos de sacralización de la experiencia revolucionaria cubana.

Palabras claves: Revolución Cubana; Iglesia Católica; Conflictos religiosos; Sacralización del poder; Historia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - Igreja Católica e Revolução Cubana: da luta insurrecional ao guerrilheirismo simbólico	26
1.1 – Os católicos e a luta armada	28
1.2 – O poder das referências simbólicas: o discurso do triunfo revolucionário.....	40
1.3 – Os Três Reis Magos nas estratégias pedagógicas da Revolução	42
1.3 – A Igreja a serviço da justiça revolucionária.....	45
1.4 – Os primeiros desencontros ideológicos	49
1.5 – Entre o popular e o cívico: as tradições católicas em transformação	55
CAPÍTULO 2 - A Igreja Católica na construção do Socialismo em Cuba	62
2.1 - Igreja do silêncio	64
2.2 – O confronto entre Davi e Golias: a invasão à Baía dos Porcos e o enfraquecimento institucional da Igreja.....	69
2.3 – Em marcha para o exílio: a Operação Peter Pan e a nacionalização do ensino privado	72
2.4 – As celebrações religiosas no Estado Socialista: espaços de manifestação de fé e confrontação política.....	80
CAPÍTULO 3 - A luta pela sobrevivência da Igreja Católica em Cuba	87
3.1 – Religião ou Revolução.....	90
3.2 – A discriminação contra os religiosos	98
3.3 - O socialismo e a religião	99
3.4 – Estruturando novos diálogos com a Igreja: o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação	108
3.4 – Catolicismo X Revolução: Um problema de luta de classes?.....	113
CAPÍTULO 4 - A Revolução se sacraliza.....	116
3.1 – A Revolução Cubana e a transferência de sacralidade	119
3.2 – A corporificação religiosa do Estado.....	125
3.3 – A “Invenção das tradições” pela Revolução Cubana.....	127
3.4 – É possível falar de uma religião revolucionária em Cuba?.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
1 – FONTES	140
1.1 – Periódicos	140
1.2 – Encíclicas	142

1.3 – Documentos Diplomáticos	143
1.4 – Discursos	144
1.5 – Legislações e Decretos	147
1.6 – Livros	147
1.7 – Periódicos Online	147
2 – BIBLIOGRAFIA	148
2.1 – Livros	148
2.2 – Artigos	151
2.3 – Publicações em Anais.....	152
2.3 – Teses e Dissertações.....	153
2.4 - Jornais Online ou Websites.....	153
3 – REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	154
3.1 – Documentários	154
ANEXO.....	155

INTRODUÇÃO

O ano era 1959. O mundo se via ideologicamente dividido sob as diretrizes de duas superpotências: os Estados Unidos, capitalista, e a União Soviética, socialista. Nesse cenário bipolarizado, inicia-se, em Cuba, um movimento insurrecional que chegaria ao poder com apoio de diversas organizações políticas da sociedade, muitas delas de inspiração católica.

A Revolução Cubana, como ficou posteriormente conhecida, não gozava de um projeto político muito definido. As incertezas que gravitavam em torno do movimento fizeram surgir, desde a fase insurrecional, incessantes inquietações, tanto nos Estados Unidos quanto na Igreja em Cuba, sobre sua real natureza ideológica.

Os estadunidenses temiam, quase de forma profética, que uma revolução socialista a aproximadamente 145 quilômetros de distância pudesse minar seus objetivos geopolíticos de dominação continental, estabelecendo uma base para operações soviéticas hostis no flanco sul do seu território. Além disso, o Caribe era uma área bastante variada em termos de estruturas sociais: muitos países tinham passado ou estavam passando por revoluções, outros por constantes pressões políticas para derrubar os governos existentes.¹ A proliferação de conflitos na região poderia se tornar bastante desfavorável para a manutenção dos interesses dos Estados Unidos.

A Igreja preocupava-se que uma revolução de esquerda pudesse colocar Cuba na órbita soviética e que, com isso, recaíssem sobre os religiosos do país não apenas o ateísmo científico, que poderia prejudicar suas fontes de influência sobre a sociedade, mas também as perseguições aos cristãos presenciadas em diferentes lugares do bloco comunista, como na Polônia, Checoslováquia e Hungria, por exemplo.

Ao estudar a História da Igreja Católica é preciso, antes de mais nada, considerar que ela não é um organismo com uma identidade facilmente definida: a atitude da maioria de seus membros sobre assuntos não relacionados às questões da fé não limita a sua natureza. Os católicos podem ter opiniões e atitudes bastantes plurais que, em muitos casos, tornam-se contraditórias a longo prazo. A hierarquia eclesiástica possui a tendência de defender a manutenção de sua neutralidade em questões políticas muito complexas, garantindo um bom relacionamento com diferentes posições governistas.

¹ CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Special National Intelligence Estimate**. US. Department of State, Washington National Records Center, RG 330, OASD (C), A Files: FRC 71 A 2896, McNamara Briefing Notebooks. Washington, 17 jan. 1962, p. 707.

Um grande exemplo dessa dinâmica é que não houve qualquer hesitação por parte do Cardeal Arteaga, Primaz da Igreja em Cuba, em reconhecer o governo ilegítimo de Fulgencio Batista² logo após o golpe em 10 de março de 1952. Poucos anos depois, em 3 de janeiro de 1959, o arcebispo de Santiago de Cuba, monsenhor Enrique Serantes, um dos prelados mais importantes da ilha, em uma carta pastoral intitulada “*Vida Nueva*”³, não somente reconheceu o governo revolucionário, como teceu generosos elogios ao líder Fidel Castro.

Cuba foi uma das últimas colônias espanholas a tornar-se independente, tendo a Igreja se mantido aliada à metrópole durante todo o período de conflitos que se iniciou com a Guerra dos Dez Anos, em 1868, e terminou com a Guerra de 95, em 1898. Quando se estabeleceu a frágil república no país, os dirigentes eclesiásticos centraram-se, basicamente, em dois desafios: o primeiro era recuperar a credibilidade da instituição, bastante desgastada dado o seu compromisso com o poder colonial; o segundo, como uma consequência natural da secularização da sociedade, a reevangelização da população.

Um levantamento feito pela *Agrupación Católica Universitaria*, em 1954, evidencia que 72% da população se considerava católica, contudo, somente 24% dessa cifra assistiam regularmente à missa dominical, 42% assistiam irregularmente, 31% afirmaram que passavam anos sem ir e 3% nunca haviam ido.⁴ Duas organizações tinham um papel fundamental na expansão dos princípios cristãos na sociedade: a *Acción Católica Cubana* e a *Juventud Obrera Católica*, que, mais tarde, também teriam participação significativa na derrubada de Fulgencio Batista.

A proximidade entre a Igreja cubana e a Espanha também refletia-se no corpo sacerdotal; o historiador Enrique López Oliva estima que 75% do clero cubano era estrangeiro, a maioria espanhol, e muito deles estiveram ligados à Guerra Civil de 1936.⁵ Tanto o desencorajamento mostrado pela Igreja às causas independentistas quanto o elo dos sacerdotes da ilha com o governo de Franco serão a pedra angular das críticas dos revolucionários no momento do acirramento das divergências entre eles.

² Fulgencio Batista ocupou a presidência da República entre 1940 e 1944, eleito por meios constitucionais; e entre 1952 e 1959; na segunda ocasião, alcançou o poder através de um golpe militar e permaneceu no cargo até 1º de janeiro de 1959, quando fugiu do país diante do avanço das tropas rebeldes e da desestruturação do seu governo.

³ SERANTES, Enrique. *Vida Nueva*. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales**. Ciudad de México: La Buena Prensa, 1995, p. 22.

⁴ FERNÁNDEZ, Manuel. **Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta**. Miami: Saeta Ediciones, 1984, p. 22.

⁵ OLIVA, Enrique López apud LLANO, Pablo de. “En la isla se está expandiendo la religión, pero no el catolicismo”. **El País**. La Habana, 19 sep. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/09/18/actualidad/1442610888_788166.html>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Desde os momentos iniciais da experiência revolucionária, emergiu a necessidade de empreender uma institucionalidade — simbólica, identitária e política — que garantisse a sua permanência no poder. Para Pierre Bourdieu, a revolução política requer sempre uma revolução simbólica, a primeira só encontra sua plena realização através da segunda, “que a faz existir plenamente dando-lhe os meios de pensar a si própria em sua verdade, ou seja, como inaudita, impensável e inominável, segundo todos os crivos antigos, em lugar de tomar-se por qualquer uma das revoluções do passado”.⁶ Assim, estimulou-se a construção de uma leitura do processo revolucionário como continuidade histórica das guerras de independência, frustradas pela intervenção dos Estados Unidos, reivindicando a liderança intelectual de José Martí. Pois, para Fidel Castro, seu líder principal, aquelas guerras e a Revolução eram etapas de um mesmo processo originário, ou seja, a luta pela soberania nacional. “*Dos generaciones y un solo ideal*” era um dos slogans dessa propaganda.

Era preciso, portanto, superar uma concepção de revolução tida como uma interrupção efêmera no fluxo histórico e modificar a própria questão da sua temporalidade, a fim de não somente estabelecer precedente, mas também de eternizá-la como uma vitória genuína do povo, que precisava ser defendida dos antagonismos ideológicos causados pelo contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. A sua naturalização, em primeira instância, e a sua legitimação, em segunda, demandaram a construção de novos significados para as imagens do passado que ainda ecoavam no presente. Afinal,

A tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos como um pesadelo. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se, a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nessas épocas de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os seus nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar, nessa linguagem emprestada, a nova cena da história universal.⁷

A atribuição de valor fundamentava-se no comprometimento com o passado; na gestão destas simbologias, matizavam-se tanto elementos religiosos quanto patrióticos para atuarem como cimento de coesão grupal.⁸ A religião tornar-se-ia fundamental nesse momento de afirmação histórica, pois, segundo Geertz,

(...) ela representa o poder da imaginação humana de construir uma imagem da realidade na qual, para citar Max Weber, ‘os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas têm um significado e acontecem por causa desse

⁶ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 78.

⁷ MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 15.

⁸ HOBBSBAWM, Eric; TERENCE, Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 10.

significado' (..) ela dá ao conjunto de valores sociais aquilo que eles talvez mais precisam para serem coercivos; uma aparência de objetividade.⁹

Durante muitos séculos, a função quase que primordial da Igreja Católica tem sido a de atribuir significados, seja à existência humana, seja às ações dos indivíduos. Por meio dos sacramentos ou eventos religiosos, assumiu a responsabilidade pela própria percepção de pertencimento de pessoas a grupos, classes e esferas sociais e, além disso, cumpriu um papel importante “em favor das funções políticas em virtude de sua eficácia propriamente simbólica”¹⁰. Nessa perspectiva,

A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões dessa ordem (...) pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a ‘naturalização’, capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa (...).¹¹

A história da Revolução Cubana parece revelar que, pelo menos em Cuba, o campo religioso e o político não são domínios apartados; em realidade, confundem-se facilmente nas concepções dos seus dirigentes: “Vivemos numa época em que a política entrou num terreno quase religioso em relação ao homem e à sua conduta”¹². Em uma entrevista ao Frei Betto, Fidel Castro afirmaria ainda que “Assim como a Igreja sempre teve seus mártires e heróis, também a história de qualquer país tem seus mártires e heróis, que formam uma espécie de religião. (...) ao lado da história sagrada de que falávamos antes, outra história sagrada, a história do país e de seus heróis”.¹³

É plausível supor que ele possa em algum momento ter tido contato com os escritos de Thomas Carlyle — cujas ideias serviram de inspiração também para Marx e Engels —, sobretudo com a obra *Heroes and Hero worship*. Carlyle comenta que a história da humanidade se define como a biografia dos grandes homens, que são os modelos, os exemplos e os executores de todas as coisas realizadas no mundo. Portanto, o herói é fundamental para revolucionar as mentalidades, já que pode reunir em si mesmo características de poeta, profeta, rei, padre, pensador, legislador, filósofo, enfim, ser um líder espiritual. Sua condição como

⁹ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 96.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **op. cit.**, p. 78.

¹¹ **Ibidem**, p. 34.

¹² BETTO, Frei. **Fidel e a Religião: Conversas com Frei Betto**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 14.

¹³ **Ibidem**, p. 159.

objeto de adoração coloca o heroísmo, segundo o autor, na base de todas as religiões, inclusive das cristãs.¹⁴

O herói, em Carlyle, é um líder espiritual que tem a capacidade de enxergar e traduzir para os demais homens o *grande segredo do Universo*. Ele saberia centrar-se na essência e não na aparência das coisas, por isto seria comparado à luz que ilumina e inspira a humanidade diante da escuridão do mundo.¹⁵

As afirmações feitas por Fidel Castro anteriormente citadas e muitas outras discutidas nos capítulos a seguir, sugerem que a percepção sobre o poder legitimador religioso e, principalmente, sua aplicabilidade pedagógica, levou a um verdadeiro intercâmbio de símbolos entre a Igreja e a Revolução para fins de propaganda e legitimação política.

Ainda que Christopher Dawson, ao comentar a história religiosa dos séculos XVIII e XIX, observe que, nesse período, a religião já não ocupava mais o espaço central que possuía nos séculos anteriores, levando ao triunfo da secularização da cultura ocidental e, conseqüentemente, à retirada da Igreja do palco da história,¹⁶ na contemporaneidade, falando especificamente da católica, ela tem se mostrado cada vez mais como um elo nas relações exteriores de países em conflitos, trazendo novamente à tona a discussão sobre o papel das religiões no âmbito político. Impulsionando, assim, — com a ascensão da Nova História Política e sua perspectiva mais aproximada do cotidiano, do social e do imaginário — um amplo espectro de trabalhos sobre a temática. No bojo das reflexões aqui desenvolvidas, André Prado e Alfredo Moreira ressaltam, ao comentar as análises de Dominique Julia, que a

(...) Nova História Política, aquela defendida por René Rémond (1918-2007), que abandonando a tradição positivista (com os temas clássicos sobre o papel do Estado, dos heróis políticos, das guerras, etc.), passou a dar maior atenção para a relação entre política e religião, analisando o papel e a influência política das instituições religiosas, denunciando o poder representativo que exercem na sociedade (...).¹⁷

A abordagem histórica das religiões ampliou-se também, em grande parte, pelo reconhecimento do seu papel como um importante tecido social, como vínculo das sociedades, como fundamento do político que atravessa as fronteiras turvas do poder, elementos que podem

¹⁴ CARLYLE, Thomas. **Heroes and Hero worship**. New York: The Macmillian Company, 1897, p. 8.

¹⁵ ANDRADE, Débora El-Jaick. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. **História e Perspectivas**, Uberlândia, vol. 35, p. 211-246, jul/dez.2006.

¹⁶ DAWSON, Christopher. **A divisão da cristandade**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 48.

¹⁷ PRADO, André Pires do; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções. **Religare**. João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 04-31, março de 2014.

ser tão estruturantes da investigação como o econômico e o social,¹⁸ produzindo um campo bastante fecundo para o historiador.

O conceito de religião que mais se adequa a esta proposta foi o desenvolvido por Geertz, que a define como

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.¹⁹

A centralidade da religião neste trabalho cede algum espaço também para a análise de suas tradições, especialmente das festas religiosas. Diferentes perspectivas teóricas podem surgir ao investigá-las: há os que “*enfatican en su capacidad de estructurar tiempos, espacios y actividades; los que muestran su eficacia simbólica en la configuración de identidades culturales; los que subrayan su acción integradora, socializadora y de representación de la communitas.*”²⁰ Contudo, há também as abordagens que emergem da cultura política, que entendem a festa como um desdobramento da sociedade da qual se origina, capaz de agenciar em si mesma, as contradições, os conflitos e as disputas simbólicas de um dado momento da história, contribuindo para a redescoberta do caráter político das manifestações culturais:

*Resultan ser excelentes indicadores de las transformaciones habidas a lo largo del tiempo por su capacidad de adaptarse a los cambios que se originan en los contextos sociales donde están insertos, a pesar de la aparente inmovilidad de los rituales derivada de su anclaje en la tradición. La tradición evoca una imagen de continuidad y atemporalidad que proporciona al ritual parte de su eficacia, en tanto esa impresión de estabilidad hace que individuos y colectivos puedan afrontar los diversos desafíos sociales a los que están sometidos, ya sean previstos e imprevistos.*²¹

Em termos conceituais, a compreensão de “tradição” que se buscou trabalhar vai além do seu entendimento como um conjunto de sistemas simbólicos que, em vista do seu caráter repetitivo, é passado de geração a geração, mas sim, como o proposto por Giddens e Lash que apontam que

(...) a tradição está ligada à memória, especificamente aquilo que Maurice Halbwachs denomina “memória coletiva”; envolve ritual; está ligada ao que vamos chamar de noção formular de verdade; possui “guardiães”; e, ao

¹⁸ SERNA, Pierre. Prólogo. In: MATHIEZ, Albert. **Los orígenes de los cultos revolucionarios (1789-1792)**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2012, p. 11.

¹⁹ GEERTZ, Clifford. **op. cit.**, p. 67.

²⁰ MADARIAGA, Celeste Jiménez de. Rituales festivos y confrontación social. Cruces de mayo de la provincia de Huelva. **Gazeta de Antropología**. Jaén, v. 27. n. 2, p. 1-15, 2011.

²¹ **Ibidem**, p. 1-15.

contrário do costume, tem uma força que combina conteúdo moral e emocional.²²

Portanto, esta pesquisa focaliza as tradições em seu contexto mais abrangente, entrelaçando-as com os ambientes políticos e econômicos. Assim, ao analisar a relação entre a Igreja e a Revolução, concomitantemente acompanhando os ecos desses conflitos nas tradições religiosas, acredita-se ser possível identificar os pesos das transformações lançadas pelo governo na continuidade da expressão da religiosidade da população, os desafios que a radicalidade do processo impõe para sua manutenção, as transformações dos valores vis-à-vis ao nascimento do “novo homem” idealizado pelo marxismo e a capacidade que a religião, juntamente com seu depósito de símbolos e valores, possui de aliar-se à política para consolidar posições.

Esses princípios interpretativos abrem espaço privilegiado, dessa forma, para o estudo do poder e suas diferentes modalidades,

(...) com as suas apropriações e as relações por ele geradas, com os seus mecanismos de imposição e transmissão, com a sua perpetuação através da ideologia, com a sua organização através das redes de atores sociais e com as suas possibilidades de confrontação através de fenômenos coletivos como as revoluções ou de resistências individuais no âmbito dos micropoderes, e com tudo o mais que ao poder se refere.²³

Por outro lado, torna-se imperiosa a necessidade de entender como a Igreja, enquanto instituição, lidou com as diferentes etapas revolucionárias, evidenciando seus níveis oscilantes de aproximação com o regime, desde o período insurrecional, iniciado em 1953, quando demonstrou uma postura mais colaborativa, passando por todo processo de inclinação de Cuba ao socialismo até os estágios de maior sovietação do país, no final da década de sessenta. Outrossim, não se tratava de uma instituição apartada de sua administração geral, e as decisões tomadas no âmbito do Vaticano refletiam-se em suas ações na ilha; portanto, é igualmente importante compreender como os principais pontífices lidaram com a questão do comunismo em situações análogas às da cubana.

A propósito disso, o diálogo comparativo com as Revoluções Russa e Francesa tende a ser enriquecedor neste tipo de abordagem, já que elas também estabeleceram conflitos religiosos ao longo de suas trajetórias, permitindo, assim, identificar a singularidade com que o governo em Cuba lidou com a questão. Embora os contextos sejam distintos, essas experiências

²² GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p. 81.

²³ BARROS, José D'Assunção. História Política, Discurso e Imaginário: Aspectos de uma interface. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa, v. 12, p. 128-141, jan./ jun. 2005.

revolucionárias resguardam em si questões em comum. Entrecruzam-se em alguns objetivos, nos métodos empregados e, em alguns casos, até mesmo nos erros cometidos. Não pode haver senão benefícios na congruência analítica entre os dois fenômenos.

Dessa forma, o primeiro capítulo dedica-se a analisar a relação Igreja-Revolução desde os assaltos aos quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, que inauguraram a luta insurrecional, em 1953, até o fim do primeiro ano do governo revolucionário, em dezembro de 1959, focando, sobretudo, nas trocas simbólicas que marcaram esse período inicial. O segundo capítulo, por sua vez, delimita o espaço de maior conflito, fazendo uma investigação que contempla a intensificação das discussões sobre a iminente virada comunista da Revolução, em 1960, até a acomodação das principais divergências entre a Igreja Católica e o governo, em 1970. O terceiro capítulo, com recorte temporal equivalente ao capítulo anterior, assume a proposta de evidenciar as consequências que as hostilidades da década de 1960 trouxeram para o âmbito religioso, procurando também mostrar como eventos internacionais — o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação — favoreceram o retorno dos diálogos entre as esferas religiosa e política no país. Finalmente, o quarto capítulo aprofunda o debate entre o comunismo e o catolicismo, e busca identificar, fazendo um apanhado das medidas adotadas nos 17 anos que correspondem ao intervalo de tempo analisado, as tentativas de sacralização do poder em Cuba.

Para conseguir atingir todos os níveis da análise histórica proposta, um repertório documental bastante variado precisou ser montado para favorecer a enorme diversidade de situações apresentadas nas narrativas, tentando apreender, na trama dos discursos, os sentidos compartilhados e as lutas de representações. Para tanto, o arsenal metodológico empregado precisou ora ser direcionado a uma perspectiva política, ora a uma perspectiva cultural, tentando evitar as lacerações que podem surgir no processo investigativo quando se ambiciona separar fenômenos que se encontram interligados. Como advertiu Antoine Prost, “As separações, por vezes úteis de um ponto de vista metodológico, são sempre mutilações.”²⁴

Isso apenas se tornou possível quando as ciências humanas presenciaram, ao longo do último século e do atual, uma profunda reflexão epistemológica no que tange aos seus campos teórico-metodológicos. Assiste-se a um intenso processo de renovação dessas áreas sob a

²⁴ PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 137.

primazia da interdisciplinaridade. Tal postura intensificará o surgimento de novas problemáticas de estudo nas análises históricas.²⁵

Sob os ventos dessas transformações vê-se, também, uma verdadeira “revolução documental”. A própria disciplina passa a problematizar a veracidade das fontes, quais delas podem compor o leque de instrumentos disponíveis para o seu trabalho, o papel do historiador e a sua interferência na narrativa histórica. Essas reflexões sobre as fronteiras do fazer histórico permitirá o uso de documentos até então negligenciados na prática historiográfica dado o seu grau de subjetividade, como os jornais impressos, por exemplo. Na ampliação desse debate, Capelato aponta que

O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.²⁶

Os jornais são documentos vivos, são partes intrínsecas da história de um país, produtos das condições históricas das quais emergem, inevitavelmente atrelados ao seu tempo de produção, o que enriquece ainda mais o trabalho historiográfico, pois ele não está isolado, está inserido em um contexto de representações que o justifica.

O jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas.²⁷

Considerando essas premissas, dois jornais impressos compõem o conjunto de fontes selecionadas para este trabalho: o primeiro é o *Revolución*, porta-voz do governo cubano e o segundo é o *Diario de La Marina*, fundamentalmente católico.

O *Revolución* começou a circular clandestinamente, na Sierra Maestra, ainda durante a ditadura de Fulgencio Batista, e só alcançou a legalidade em sua primeira publicação oficial, em 2 de janeiro de 1959, na cidade de Santiago de Cuba. O primeiro editor do jornal, depois diretor, foi um importante dirigente revolucionário, o jornalista Carlos Franqui, que mais tarde

²⁵ LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 112.

²⁶ CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988, p. 21.

²⁷ **Ibidem**, p. 21.

abandonaria sua função e partiria para o exílio. No dia 1º de outubro de 1965, Fidel Castro comunicou a fusão dos jornais *Hoy* e *Revolución* e a criação de um novo: o *Granma*, órgão oficial do Partido Comunista de Cuba desde esse momento. O acesso às edições estudadas neste projeto foi disponibilizado pelo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no Paraná.

O *Diario de la Marina* é um dos periódicos mais antigos de Cuba, sua primeira publicação data de 1844. Foi fundado por Nicolás Rivero e se manteve em circulação por mais de 100 anos, ganhando o epíteto de "*El decano de la prensa cubana*". De caráter conservador, tornou-se um dos maiores opositores ao governo revolucionário, o que levou ao seu fechamento em maio de 1960. No exílio, em Miami, funcionou como um semanário até 1961. As edições aqui utilizadas fazem parte do acervo da *Digital Library of the Caribbean*, nas seções *Caribbean Newspaper Digital Library* e *Cuban Newspapers & Periodicals*. Nessa biblioteca, encontram-se disponíveis as tiragens desde 1844 até 1961; entretanto, apenas aquelas entre 1956 e 1961 foram analisadas.

Em termos metodológicos, o tratamento dessas fontes ocorreu por meio de quatro procedimentos distintos: o primeiro passo correspondeu ao processo de seleção, ou seja, fazendo um levantamento das páginas que traziam quaisquer informações que abarcavam os seguintes temas: "catolicismo", "revolução", "tradições", "festas religiosas", "marxismo", "cultura popular", entre outros; em seguida, procedeu-se à leitura aprofundada, identificando os textos que mais dialogavam com a proposta aqui defendida; o terceiro passo foi a confrontação dessas notícias nos dois jornais para verificar como os discursos convergiam ou se contrapunham entre si; e, por último, o correlacionamento deles com outras fontes e com a bibliografia especializada para levantar as condições históricas de produção.

O entrecruzamento dessas fontes permitiu uma observação mais apurada da configuração dos conflitos iniciais entre a Igreja e a Revolução e possibilitou perceber como os jornais foram instrumentos úteis para o guerrilheirismo simbólico que alimentou os debates sobre a questão religiosa nesse período, as relações de poder que os permeavam e, em termos conceituais, compreender o que os discursos evocavam dentro do universo documental.

Embora o *Diario de la Marina* fosse um periódico católico, suas publicações não refletiam com exatidão as opiniões da hierarquia eclesiástica. Por isso, outra fonte foi selecionada para suprir eventuais lacunas: as circulares episcopais. São 100 documentos compilados em forma de um livro, sob o título *La voz de la Iglesia en Cuba* publicado pelo *Secretariado General de Obispos Católicos de Cuba*. Este era o meio pelo qual durante anos

os dirigentes da Igreja propagaram suas opiniões, análises e respostas frente aos acontecimentos históricos experienciados por eles. Essas circulares eram distribuídas em todas as congregações da ilha, atingindo um grande número de leitores pelo tempo que conseguiram se manter circulando. Apenas os documentos a partir de 1956 até 1970 foram selecionados. No entanto, nessas edições, há um intervalo de oito anos sem nenhuma publicação (1961-1969), em decorrência da censura levada a efeito pelo governo, resultando apenas 34 documentos disponíveis para leitura.

O intuito ao utilizá-los foi observar a maneira como a Igreja Católica lidou com as medidas adotadas para efetivação do estado socialista — reforma educacional, nacionalização das escolas privadas, militarização da sociedade, supressão da propriedade privada, paredes de fuzilamento, a resposta à Invasão à Baía dos Porcos, censura à imprensa, ateísmo científico como filosofia oficial do regime, entre outras questões.

Ainda como uma forma de transpor o discurso jornalístico dos eventos, mas, sobretudo, para complementar a construção do contexto político, foram estudados os documentos diplomáticos da política externa do arquivo histórico do Departamento de Estado dos Estados Unidos, nas seções “*Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume X, Cuba*”. Os seus volumes contêm itens das bibliotecas presidenciais, dos Departamentos de Estado e da Defesa, do Conselho de Segurança Nacional, da Agência Central de Inteligência, da Agência para o Desenvolvimento Internacional e de outras agências de assuntos externos, bem como dos documentos privados de pessoas envolvidas na implementação da política externa do país. O procedimento de análise desses arquivos foi semelhante ao dispensado nos jornais: a seleção daqueles que continham as palavras chaves e, depois, a leitura aprofundada de todos eles.

Mesmo com a extensão do *Revolución* e do *Diario de la Marina*, suas edições contemplam apenas os anos entre 1953 a 1961, haja vista a censura aos meios comunicativos. Para driblar a escassez de fontes do período entre 1962 e 1970, a título de abarcar os problemas que norteiam a pesquisa, recorreu-se ao uso de três tipos de fontes distintas: dois jornais eletrônicos da atualidade, o *14ymedio* e o *Diario de Cuba*, os discursos de Fidel Castro e os *Anuarios Pontificios*.

Os dois jornais eletrônicos atendiam a um propósito bastante pontual: encontrar nas memórias dos seus principais colunistas indícios que pudessem ajudar a compor a história da religião em Cuba nos anos em que toda a imprensa independente foi suprimida. Ao fazer isso, o diálogo constante com o presente foi inevitável, podendo ser visto com maior nitidez no terceiro capítulo. O *14ymedio* é o primeiro diário digital independente feito a partir da ilha. As

reportagens, artigos e notícias são narrados por jornalistas imersos na realidade do país, o que faz com que seja mais focalizado na vida cotidiana. O *Diario de Cuba* é um dos maiores portais de notícias cubano da internet. É dirigido por Pablo Díaz Espí e se tornou um dos mais críticos do governo atual.

Os discursos de Fidel Castro analisados compreendem aqueles entre 1961 e 1970, um total de 229 foram consultados, seguindo os mesmos procedimentos já mencionados. Todos estão disponíveis online no portal do governo de Cuba. Além dos discursos, as 23 horas de entrevista concedida pelo líder da Revolução ao Frei Betto, disponível no famoso livro “Fidel Castro e a Religião: Conversas com Frei Betto”, foram tomadas como fontes primárias. A escolha desse instrumental baseou-se na possibilidade de conseguir identificar nessas narrativas a forma como o governo, na figura do seu líder principal, entendia a religião e relacionava-se com ela.

O Anuario Pontificio é um periódico da Igreja Católica elaborado pelo Departamento Central de Estatísticas da Igreja, sob a responsabilidade da Secretaria de Estado do Vaticano. Nele, é possível encontrar listas completas com informações sobre cardeais e bispos católicos em todo o mundo, as dioceses, capelas, os departamentos da Cúria Romana, as missões diplomáticas da Santa Sé no exterior, as embaixadas credenciadas junto à Santa Sé, a sede de institutos religiosos, certas instituições acadêmicas e outras informações similares. Através dos anuários de 1958 até 1970, foi possível mapear o número de católicos, de capelas, de Igrejas, de conventos, de escolas em Cuba antes e depois do triunfo da Revolução, verificando possíveis baixas nessas estatísticas com o advento do socialismo. As edições utilizadas foram encontradas na Embaixada do Brasil no Vaticano, na Biblioteca Histórica do Itamaraty no Rio de Janeiro e no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) em Goiânia. Primeiramente, foi feita a sistematização dos dados, elaborando uma tabela com todas as informações dentro do recorte deste trabalho e depois fez-se a análise dos resultados.

As discussões do quarto capítulo são alicerçadas por mais duas fontes: as encíclicas papais e os escritos de Lenin. A proposta era entender o que os dirigentes da Igreja e os principais teóricos russos pensavam sobre a questão “comunismo x religião”. As encíclicas selecionadas foram as dos papas Pio XI, João XXIII e Leão XIII, todas disponíveis no portal do Vaticano, na internet. Os documentos de Lenin estão em forma de livro sob os títulos *Socialism and Religion* e *Religion*, publicado pelo *Foreign Languages Publishing House* e pelo *Communist Party of Great Britain (Marxist–Leninist)*, respectivamente.

O importante a destacar sobre o tratamento das fontes é que elas não foram analisadas

de maneira isolada. O contraponto ocorreu constantemente, pois dois tempos são fundamentais para qualquer análise historiográfica, como observa Campos Sosa: “um objetivo que interpreta o texto escrito efetivamente e outro subjetivo que precisa entender aquilo que não aparece escrito, mas é possível identificar à luz do contexto histórico”²⁸. Assim, impôs-se primordialmente “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos”²⁹.

O arsenal metodológico que orientou as reflexões desta dissertação exigiu o debate com importantes teóricos e categorias de análises que acabaram por guiar a interpretação dos eventos narrados: a sociologia dos sistemas simbólicos de Bourdieu foi essencial para entender os mecanismos subjacentes do intercâmbio entre o simbolismo católico e o simbolismo revolucionário. Os estudos sobre a cultura do antropólogo estadunidense Geertz auxiliaram na compreensão sobre a importância pedagógica das tradições.

Cabe destacar as contribuições do filósofo polonês Leszek Kołakowski a respeito da mentalidade revolucionária do marxismo, que permitiram uma aproximação maior do tema com o catolicismo. Também Mathiez, com seu trabalho sobre os cultos revolucionários, e Mona Ozouf, com seus estudos sobre a Festa Revolucionária, mostraram-se fundamentais para entender o processo de transferência de sacralidade e identificá-lo na experiência cubana. Também Alcir Lenharo, por meio de suas reflexões sobre o corpo teológico do poder, e Hobsbawm, através de suas pesquisas sobre a invenção das tradições, compuseram o arcabouço teórico-metodológico.

Embora exista um amplo número de iniciativas que se dedicam ao estudo das relações entre a Igreja e a Revolução Cubana no exterior, a bibliografia especializada, salvo poucas exceções, tem se circunscrito dentro de duas abordagens antagônicas: aqueles autores mais sintonizados com a perspectiva oficial defendem a atuação da Igreja como mais uma das forças contrarrevolucionárias à serviço dos interesses das classes privilegiadas, marcadamente contra as reformas do governo; enquanto que aqueles aliados a uma perspectiva mais oposicionista apresentam-na como uma vítima das perseguições que supostamente tiveram lugar com os desdobramentos da adoção do marxismo-leninismo.

²⁸ SOSA, Derocina Alves Campos. **A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007, p. 11-12.

²⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 378.

Neste sentido, parece importante um esforço investigativo dessa envergadura, que busca um diálogo com esses espaços apartados da historiografia, contrastando a versão oficial com os pontos de vista divergentes, buscando encontrar contribuições de uma e outra parte para compor uma análise mais abrangente dos eventos. Essa produção foi motivada, entre outros aspectos, pela necessidade de encontrar pontos de contato entre esferas que, a priori, em um contexto comunista, eram tidas como indiferentes, mas que um olhar mais aproximado evidencia trocas que precisam ser consideradas. E, finalmente, por acreditar que assumir as festas como uma variável investigativa permite analisar a experiência revolucionária cubana por um ângulo, ao que tudo indica, inédito. Espera-se, dessa forma, contribuir para a qualidade do debate sobre Religião e Revolução, bem como cristianismo e marxismo, no âmbito da historiografia latino-americana.

CAPÍTULO 1

Igreja Católica e Revolução Cubana: da luta insurrecional ao guerrilheirismo simbólico

A participação da Igreja no movimento revolucionário começa desde os assaltos malsucedidos aos quartéis Moncada, na província de Santiago, e Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo, em julho de 1953. Aproximadamente 135 homens, a maioria oriundos do Partido Ortodoxo cubano, fundado por Ramón Grau San Martín, Eduardo Chibás e Carlos Prío Socarrás, sob a liderança de Fidel Castro, atacaram o mais importante símbolo da repressão governamental no oriente da ilha. A quantidade de católicos entre os insurgentes ainda é incerta, mas o líder do movimento afirmou, em 1985, que, “Embora não haja dados ou estatísticas — porque ninguém pesquisou sobre essa questão —, é indiscutível que muitos dos participantes do Moncada eram cristãos”³⁰.

O plano consistia em provocar uma revolta nacional para derrotar Fulgencio Batista. Caso isso não fosse logrado ou caso o governo contra-atacasse com força superior, tomariam as armas e marchariam para as montanhas para dar início a uma guerrilha.³¹ Os rebeldes foram facilmente derrotados pelo exército. Alguns morreram durante a ação, outros foram apreendidos no campo, tentando fugir de Santiago ou disfarçados em hotéis. Durante a semana, aconteceu um verdadeiro banho de sangue, 70 foram torturados e assassinados sumariamente, e as execuções só tiveram fim diante dos esforços da Igreja.³²

Apesar de ter fugido para as montanhas, o líder do assalto foi finalmente capturado e levado a julgamento em setembro de 1953. Como advogado, fez sua própria defesa, uma chance de promover sua visão política, mais tarde publicada em forma de livro, sob o título de “A História me Absolverá”. Inicialmente apenas um panfleto, a defesa de Castro acabou por se tornar algo próximo a um plano político. Nas palavras de um dos líderes do movimento de oposição nas áreas urbanas, Ramon García,

“A História nos absolverá”, como dizíamos muitos de nós, era uma bíblia para nós, tornou-se a primeira constituição do país para nós da oposição. Porque foi onde Fidel falou do problema dos pobres, das escolas, da terra para os camponeses, que era um problema muito sério, habitações e todos aqueles sérios problemas.³³

³⁰ BETTO, Frei. **Fidel e a Religião**: Conversas com Frei Betto. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 174.

³¹ FIDEL Castro America's Nemesis. Produzido e dirigido por Tistan Quinn. Reino Unido: BBC, 25 nov. 2016, 1 DVD (50 min).

³² GOTT, Richard. **Cuba**: Uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 174.

³³ FIDEL Castro America's Nemesis. Produzido e dirigido por Tistan Quinn. Reino Unido: BBC, 25 nov. 2016, 1 DVD (50 min)

A retórica de Fidel Castro, no momento do julgamento, não foi suficiente para livrá-lo da prisão. Foi condenado a 15 anos de reclusão em regime fechado, dos quais cumpriu somente dois; em maio de 1955, foi solto graças a uma anistia. Enquanto esteve preso, ampliou seus conhecimentos sobre História e Política. Foi também o momento em que pôde se aproximar, através de suas leituras, das ideias de importantes políticos russos, entre eles, Lenin.³⁴

No dia do assalto, monsenhor Enrique Serantes³⁵, arcebispo de Santiago de Cuba e um dos prelados mais importantes da ilha, estava em uma cidade localizada a 130 quilômetros da capital oriental. Ao retornar, seu secretário, o padre Ángel Hernández, atualizou sobre o ocorrido, informou que várias personalidades haviam-no procurado com o intuito de pedir-lhe ajuda para interceder pela vida dos prisioneiros. Após uma reunião com membros das *Instituciones Cívicas de Santiago de Cuba* e com a família de Castro, telefonou ao Quartel Moncada solicitando uma audiência com o coronel Chaviano, chefe do exército da região. A reunião aconteceu no dia 28, acordou-se que a repressão cessaria se os fugitivos se entregassem às autoridades militares; em subsequência, seria também permitida a retirada dos cadáveres que se encontravam nos arredores da cidade”.³⁶

Não muito depois, um grupo de rebeldes foi levado às autoridades militares pelo arcebispo com a garantia pessoal dele de que seriam julgados por um tribunal responsável e um comunicado do estado maior foi divulgado: “Às tropas que buscam os invasores do Moncada e seus arredores: Fidel e Raúl Castro devem ser capturados e apresentados vivos...”³⁷ O primeiro foi detido descansando em uma choupana nas Montanhas Orientais, na região conhecida como Pedra Grande, pelo tenente Pedro Sarría³⁸. O segundo foi preso enquanto pedia carona entre El Cristo e San Luís. Embora as negociações de Monsenhor Serantes tenham surtido efeitos — os dois foram poupados e depois, levados a julgamento —, sua atuação foi, posteriormente,

³⁴ GOTT, Richard. *op. cit.*, p. 176.

³⁵ Enrique Pérez Serantes nasceu em Tui, na Espanha, em 1883. Chegou em Havana em 1901. Três anos depois, foi enviado a Roma para concluir os seus estudos em Filosofia e Teologia. Regressou a Cuba em 1910, onde foi ordenado sacerdote. Foi professor do Seminário de Havana (1910-1916), vigário geral de Cienfuegos (1916-1922), bispo de Camaguey (1922-1948) e arcebispo de Santiago de Cuba desde 1948 até sua morte em 1968.

³⁶ URÍA, Ignacio. **Iglesia y Revolución en Cuba**: Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el obispo que salvó a Fidel Castro. Madrid: Encuentro, 2011, p. 146.

³⁷ CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos**: a história secreta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 100.

³⁸ Pedro Manuel Sarría Tartabull entrou no exército cubano como soldado, em 1925 e, em 1945, tornou-se tenente. À época do assalto ao Quartel Moncada, liderava a patrulha que procurava Fidel Castro e seus companheiros. Quando os encontrou, contrariando as ordens de seu comandante Pérez Chaumonte, levou os prisioneiros à Casa de Detenção de Santiago de Cuba, onde ficaram à disposição da justiça civil, e não ao quartel como havia sido ordenado. Sua atitude, na opinião de Fidel Castro, salvou a vida de todos do grupo, pois se o tenente os tivesse levado para o quartel, certamente, seriam assassinados. Por esta razão, ele foi licenciado do Exército. Após o triunfo da Revolução Cubana, o próprio Fidel o promoveu a capitão e o presidente provisório, Manuel Urrutia, o nomeou assistente presidencial.

minimizada pela história oficial da Revolução, restringindo seu envolvimento somente com a libertação dos insurgentes menos notáveis:

A cidade fica sabendo que estão matando cada prisioneiro que apanham. A sociedade civil se organiza, se mobiliza e visita o arcebispo de Santiago de Cuba, monsenhor Pérez Serantes, de origem espanhola. Por razões humanitárias, ele intervém para salvar os sobreviventes. (...) Efetivamente, alguns sobreviventes foram salvos graças às gestões do arcebispo e do grupo de personalidades, ajudados pela atmosfera de profunda indignação da população. (...) Alguns foram salvos porque se apresentaram através do arcebispo. Mas, no caso de nosso grupo [de Castro], o fator determinante foi o tenente.³⁹

1.1 – Os católicos e a luta armada

As execuções sumárias após o assalto somadas ao abortado ataque civil armado a um quartel de Matanzas,⁴⁰ em 29 de abril de 1956, culminaram em uma série de eventos que enfraqueceram a posição política de Batista, embora ainda não houvesse perigo real para sua destituição. Após a promulgação da anistia que o colocou em liberdade em 1955 e depois de alguns meses de preparação no México, sob a bandeira do Movimento 26 de Julho, Castro retornou com pouco mais de 80 insurgentes para iniciar uma guerrilha para a derrubada do regime em dezembro de 1956.⁴¹

A imagem subjacente do cenário da revolta armada era a Guerra Fria, que direcionava as interpretações dos eventos a duas posições político-ideológicas antagônicas. Essa conjuntura fez gravitar desde 1959 até 1961— momento em que se declarou o caráter socialista da Revolução — as incertezas sobre a posição ideológica do movimento. Batista, baseando-se nos preceitos do esboço de projeto político do M-26-J, afirmava tratar-se de uma insurreição comunista.⁴² Em linhas gerais, o programa previa o fim da ditadura repressiva do governo; fim da corrupção, da evasão fiscal, do desemprego estrutural; e a adoção de várias medidas para a

³⁹ BETTO, Frei. *op.cit.*, p. 186.

⁴⁰ Em 29 de abril de 1956, um grupo de revolucionários, encabeçados por Reynold García, tentaram tomar o quartel Goicuría, em Matanzas, para derrubar o regime de Fulgencio Batista. O objetivo dos revolucionários consistia em apoderar-se das armas da fortaleza, sequestrar o comandante, o coronel Pilar García, e tomar a estação de rádio do território para informar à população os detalhes da ação armada planejada. Contudo, uma denúncia alertou o comando militar, levando ao fracasso do plano: quando os assaltantes chegaram ao local, foram recebidos a tiros, resultando na morte de Reynold e 15 outros combatentes. Algumas dessas mortes aconteceram na tentativa de tomada do quartel, as demais em execuções posteriores.

⁴¹ HOLLAND, Henry F. **Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Holland) to the Secretary of State**. US. Department of State, central files, 737,00/5-856. Washington, 8 may 1956, p. 832.

⁴² SMITH, Earl E.T. **Despatch From the Ambassador in Cuba (Smith) to the Department of State**. US. Department of State, central files, 737.00/12-757. Habana, 7 dec 1957, p. 866.

melhoria da educação, da saúde e do bem-estar da comunidade, aliadas a um projeto de reforma agrária.

A Revolução começou a ganhar notoriedade somente em meados de 1957; o fracasso do desembarque e a redução do movimento, no início da guerrilha, à apenas poucos membros,⁴³ foram superados conforme o movimento ganhava publicidade internacional e Castro consolidava sua imagem carismática na província Oriental de Cuba. Com efeito, foi ficando cada vez mais difícil para Batista se manter no poder; ataques frequentes às suas forças minavam sua moral, e uma oposição crescente dificultava a continuidade de sua posição.

A vida cultural, em 1957, prosseguiu sem grandes alterações. As comemorações do Dia de Reis⁴⁴, a tradicional procissão de *San Juan Bosco*⁴⁵, a festa da *Virgen de Regla*, a aclamada procissão de *Jesús Nazareno del Rescate*⁴⁶, as festas em comemoração à instauração da república⁴⁷, os atos de ação de graças à *Virgen del Camino*⁴⁸, as tradicionais festas de Santa Ana⁴⁹, a esperada procissão em homenagem a *Virgen de la Caridad*⁵⁰, todos aconteceram com normalidade, contando com expressiva participação popular.

Nas proximidades da *Sierra Maestra*, o cenário se modificou. De acordo com correspondentes da cidade, protestos para impedir as comemorações da Semana Santa nos dias 19 e 20 de abril ocorreram durante todo o dia 18 em diferentes locais da província de Santiago.⁵¹ Questionava-se o sentido da celebração quando o sangue de inúmeros cubanos estava sendo derramado não muito longe dali. Em primeira instância, encarou-se a manifestação como um clamor legítimo da população, mas posteriormente, surgiu a desconfiança de que nesses

⁴³ O desembarque em Cuba, em 2 de dezembro de 1956, foi um verdadeiro desastre: o iate *Granma* não conseguiu chegar ao seu destino final. Os expedicionários acabaram perdendo armas, remédios e provisões; estavam cansados, famintos e vulneráveis. Poucos dias depois, em 05 de dezembro de 1956, foram surpreendidos por ataques das forças de Batista em *Alegría de Pío*. Não mais do que duas dezenas de homens sobreviveram e conseguiram fugir para a *Sierra Maestra*.

⁴⁴ EL “DÍA de Reyes” en Santiago de Cuba. **Diario de la Marina**. La Habana, 22 ene. 1957, n. 19, año CXXV, p. 38B.

⁴⁵ LA PROCESIÓN habanera de San Juan Bosco. **Diario de la Marina**. La Habana, 5 feb. 1957. Crónica Habanera, n. 31, año CXXV, p. 10A.

⁴⁶ FIESTAS religiosas en Arroyo Arenas y en El Cano. **Diario de la Marina**. La Habana, 2 mar. 1957. Crónica Habanera, n. 53, año CXXV, p. 17A.

⁴⁷ BRILLANTE y concurrida recepción presidencial en la conmemoración de la Fiesta Patria del 20 de Mayo. **Diario de la Marina**. La Habana, 21 may. 1957. Noticias Nacionales, n. 120, año CXXV, p. 1A.

⁴⁸ ACTO en Acción de Gracias a la Virgen del Camino. **Diario de la Marina**. La Habana, 19 abr. 1957. Crónica Católica, n. 128, año CXXV, p. 13A.

⁴⁹ SANTA Ana. **Diario de la Marina**. La Habana, 26 jul. 1957. Crónica Habanera, n. 175, año CXXV, p. 5A.

⁵⁰ LA FESTIVIDAD de la Caridad. **Diario de la Marina**. La Habana, 10 sep. 1957. Crónica Católica, n. 215, año CXXV, p. 10A.

⁵¹ PROTESTA católica en Oriente por las fiestas de estos días. **Diario de la Marina**. La Habana, 19 abr. 1957. Provincias, n. 94, año CXXV, p. 13A.

protestos havia membros do M-26-J infiltrados, certamente acreditando que as festas de grande porte poderiam tirar o foco da sociedade no confronto armado.

A Igreja Católica mantinha uma posição heterogênea: por um lado, alguns padres aderiam às filas da Revolução com autorização dos seus superiores: até o fim, os capelães Sardiñas, Rivas, Lucas, Guzmán, Cataño, Cavero e Barrientos iriam acompanhar as atividades revolucionárias fornecendo ajuda espiritual;⁵² por outro, a hierarquia católica se autoafirmava acima de qualquer partidarismo político, recusando-se, por muito tempo, a defender algum dos dois lados do conflito. Em junho de 1957, o secretário das conferências episcopais divulgou uma nota, oriunda de uma reunião onde participou toda a hierarquia eclesiástica de Cuba, afirmando que “(...) *la iglesia sin desentenderse nunca de la alta política, que es el bien común, permanece fuera y sobre todo partido político*”⁵³.

Internacionalmente, o combate ao comunismo figurava nas agendas políticas de inúmeros países. O papa Pio XII mantinha opiniões bastante severas sobre o assunto. Em outubro de 1958, em uma mensagem que deu início ao segundo congresso do apostolado laico, convocou os católicos a lutarem contra o inimigo declarado da Igreja, e disse “*que la Iglesia de Cristo no piensa en ningún modo abandonar el campo a su enemigo declarado sin pelear. Esta lucha será realizada hasta el final, pero con las armas de Cristo*”⁵⁴. O *Diario de la Marina*, jornal mais tradicional da ilha, publicava incontáveis reportagens sobre a perseguição religiosa aos católicos, sobretudo na Polônia⁵⁵. As colunas *La guerra del comunismo contra la religión* e *Catecismo Comunista* destinavam-se, exclusivamente, a divulgar os principais fundamentos da filosofia marxista a fim de combatê-la.

As preocupações não eram de todo infundadas. Michael Bourdeaux, padre anglicano que em 1969 tornou-se chefe do Centro de Estudos de Religião e Comunismo em Londres, publicou em 1967 um importante livro sobre a religião cristã na União Soviética. A obra é baseada em extensas pesquisas realizadas quando morou nesse país. Segundo ele, a religião sofreu sensivelmente durante diferentes períodos da dominação soviética:

Das cinquenta e quatro mil cento e setenta e quatro igrejas que existiam no tempo da Revolução, não mais do que cem estavam abertas em 1939. Tinha havido quase tantos padres de paróquia quanto igrejas; haveria agora uns

⁵² FERNÁNDEZ, Manuel. **Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta**. Miami: Saeta Ediciones, 1984, p. 87.

⁵³ RIU, Carlos. Reitera el Episcopado Cubano que la iglesia Católica es apolítica. **Diario de la Marina**. La Habana, 21 jun. 1957. Noticias Nacionales, n. 145, año CXXXV, p. 1A.

⁵⁴ PIDE Pio XII que se luche hasta el fin contra el comunismo. **Diario de la Marina**. La Habana, 06 oct. 1957. Noticias Nacionales, n. 237, año CXXXVI, p. 1A.

⁵⁵ Cf. VALKENIER, Elizabeth. The Catholic Church in Communist Poland, 1945-1955. **The Review of Politics**. Cambridge, vol. 18, nº. 3, pp. 305-326, jul., 1956.

poucos cem. Tinha havido cento e sessenta e três bispos; agora havia sete ocupando suas sedes. Todos os conventos e mosteiros, mais de mil ao todo, haviam sido fechados, e seus cem mil ocupantes e dependentes dispersos. Dos seminários, escolas e bibliotecas paroquiais, nem uma só fora deixado.⁵⁶

Nikita Khrushchev, chefe do partido comunista da União Soviética, alegava que o socialismo não demoraria a conquistar o mundo: “*Estamos firmemente convencidos de que el capitalismo tarde o temprano tendrá que dar paso al socialismo. Nadie puede detener este movimiento de avance tal y como nadie puede detener la sucesión de los días y las noches*”⁵⁷, declarou em agosto de 1957.

Os horrores das notícias que vinham da URSS, a postura de Roma e o *red scare* característico do vizinho do norte criavam uma atmosfera de grande temor à ameaça vermelha. Cuba parecia não correr grandes riscos, Batista respeitava a liberdade religiosa e tinha considerável apoio de algumas figuras proeminentes da hierarquia da Igreja; além disso, havia colocado o partido comunista na ilegalidade em 1953, e o *Diario de la Marina*, sabidamente de inspirações católicas, pôde continuar com suas publicações mesmo nos períodos de censura à imprensa. A insurreição ainda não era uma ameaça definitiva.

Os Estados Unidos e a Igreja, no final de 1957, já não estavam tão céticos a respeito de uma posição realmente de esquerda do movimento revolucionário. Havia o medo crescente de que, ao chegar ao poder, sofresse influências significativas dos comunistas, pois Castro ainda carecia de um projeto político claro, suas filosofias também não eram muito conhecidas. Para seus opositores, era comunista e, para seus aliados, seguidor de Jose Martí. Um despacho do embaixador norte-americano em Cuba, Earl Smith, resume bem a visão da diplomacia deste país, no período:

*A state of acute tension, accompanied by recurrent acts of violence, exists in Cuba, resulting from the harsh discipline imposed by a dictatorial government and from the conspiratorial and terroristic efforts of a disorganized opposition to unseat it. The situation threatens the continuation of democratic institutions in Cuba, and possibly the safety of American lives and property. If the government falls, a period of chaos and anarchy is likely to ensue which Communist elements within and outside Cuba may be expected to exploit to the maximum extent of their ability.*⁵⁸

A maioria dos cubanos não considerava, sequer, a possibilidade de que o movimento de Castro pudesse ser infiltrado por comunistas. Eles diriam que tal acusação era absurda.

⁵⁶ BOURDEAUX, Michael. **A religião cristã na URSS**. Rio de Janeiro: Vozes, 1967, p. 65.

⁵⁷ DICE Khrushchev que el comunismo ha de conquistar el mundo. **Diario de la Marina**. La Habana, 10 ago. 1957. Noticias Nacionales, n. 188, año CXXXV, p. 10A.

⁵⁸ SMITH, Earl T. **op. cit.**, p. 865.

Mesmo sabendo que um dos comandantes mais confiáveis, Ernesto Guevara, era marxista ou, pelo menos, simpatizante. Invariavelmente, preferiam acreditar que ele era um aventureiro idealista.⁵⁹

Em janeiro de 1958, a embaixada dos EUA em Cuba foi informada de que a hierarquia eclesiástica estava apoiando as atividades revolucionárias de grupos como o Movimento 26 de Julho. Entretanto, parecia mais provável, para a diplomacia estadunidense, que o envolvimento de alguns clérigos tinha sido motivado unicamente por considerações humanitárias e que suas ações não se baseavam em nenhuma posição que a Igreja tivesse tomado na situação política do país.⁶⁰

A administração da Universidade Católica de Santo Tomás de Villanueva vinha fazendo esforços árduos para manter a instituição funcionando e seus estudantes desassociados da agitação política, temendo que, de outra forma, a universidade pudesse ser fechada como havia acontecido com as outras do país. Apoiar ativamente as atividades da oposição significaria uma reversão completa da postura que estava adotando.⁶¹

Os prelados mais importantes permaneceram, inicialmente, separados do embate, refletindo a atitude tradicional da Igreja e, claro, pela preocupação em proteger seus interesses. O arcebispo de Havana, o cardeal Arteaga, era conhecido por uma postura conciliatória, de não envolvimento com assuntos políticos muito conflituosos. O arcebispo de Santiago de Cuba, Pérez Serantes, embora a oposição frequentemente alegasse que ele os apoiava, parecia agir mais por um desejo de restaurar a tranquilidade no país do que por convicções políticas. O apoio às atividades revolucionárias vinha de certas organizações como a Juventude Operária Católica e a Ação Católica, além disso, com o envolvimento de alguns membros no Movimento de Resistência Cívica (MRC).⁶²

A Igreja estava no meio de um fogo cruzado simbólico; em fevereiro de 1958, começou a espalhar-se nos meios de comunicação que o exército havia prendido o monsenhor Serantes. O general Río Chaviano, que possuía uma boa relação com o arcebispo desde os tempos do assalto ao Moncada, divulgou uma nota informando que tudo não se tratava mais do que uma estratégia para manipular a opinião pública nacional com publicações que foram desvirtuadas tendenciosamente, e acrescentou:

⁵⁹ GUERRA, Oscar H. **Despatch From the Consulate at Santiago de Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files 737.52/2-2158. Santiago de Cuba, 21 feb. 1958, p. 36.

⁶⁰ BRADDOCK, Daniel M. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files 837.413/1-1058. Havana, 10 jan. 1958, p. 3.

⁶¹ BRADDOCK, Daniel M. **op. cit.**, p. 4.

⁶² **Ibidem**, p. 5.

En relación con esa infundada noticia de la detención en Niquero de mi particular amigo monseñor Enrique Pérez Serantes, arzobispo de Santiago de Cuba puedo informar que la realidad ha sido que enterado de que se encontraba en aquella peligrosa zona, dispuse se le pusiera guardia personal permanente que garantizara su vida, y que en momento alguno ha estado detenido, como se ha publicado.⁶³

Homer Bigart, conhecido jornalista do *New York Times*, retornou a Havana no dia 23 de fevereiro, desse mesmo ano, depois de duas semanas passadas na *Sierra Maestra* com o Movimento 26 de Julho. Ao chegar à cidade, fez algumas pontuações à Embaixada dos EUA em Cuba, revelando o status da guerrilha. Sobre a presença de sacerdotes no movimento, informou que viu apenas o Padre Sardiñas entre eles. Nenhuma evidência apontava para a existência de outros clérigos, como os porta-vozes do grupo frequentemente alegaram.⁶⁴ Provavelmente, os outros padres conhecidos por fazerem parte da Revolução ainda não haviam aderido às forças combatentes. Essas alegações sobre a existência de outros mais era, possivelmente, propaganda para uma maior aceitação do movimento e depois, para as novas adesões.

Em março de 1958, as chances de uma solução pacífica para a crise política já tinham desaparecido. No dia 10, o líder da guerrilha, rejeitou os esforços de mediação da Igreja Católica — feitos através de circulares e cartas pastorais, em prol da paz e do fim do prolongado derramamento de sangue —, emitindo, dois dias depois, um manifesto ao povo cubano declarando guerra total ao governo; um pedido de greve geral deveria ser esperado como o ato final para derrubar o governo.⁶⁵

Nesse período, a dinâmica cultural da ilha alterou-se profundamente. A grande quantidade de festas religiosas anunciadas no jornal *Diario de la Marina*, em 1957, teve um declínio exponencial. A dedicação ao assunto caiu para menos da metade. Possivelmente, efeito de uma dupla causa: muitas delas deixaram de se realizar em virtude do risco iminente sobre a vida dos que estavam na zona de conflito, resultado da expansão para o ocidente e de uma maior adesão da população à causa; e a guerra gerava assuntos mais emergenciais. Dois exemplos bastante significativos dessa nova realidade foram a explosão do Santuário Nacional da *Virgen de la Caridad del Cobre* e o roubo da imagem de São Marcos, em Artemisa.

⁶³ DECLARACIONES del general Río Chaviano. **Diario de la Marina**. La Habana, 7 feb. 1958. Noticias Nacionales, n. 33, año CXXVI, p. 1A.

⁶⁴ GILMORE, Eugene A. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files 737.00/2–2858. Havana, 28 feb. 1958, p. 39.

⁶⁵ ARNESON, R. Gordon. **Memorandum From the Deputy Director of Intelligence and Research (Arneson) to the Secretary of State**. US. Department of State, central files 737.00/4–158. Washington, 2 apr. 1958, p. 77.

A explosão aconteceu em abril de 1958 e foi anunciada pelos órgãos oficiais como um ato intencional antirreligioso por parte do movimento revolucionário. Quase todo o altar, janelas, portas e imagens foram completamente destruídos ou seriamente danificados, e por sorte a imagem da padroeira ficou intacta. O arcebispo de Santiago, no dia 16, fez circular uma nota não reconhecendo o ocorrido como uma ação rebelde conscientemente intencionada, mas em realidade, como efeito de uma guerra fratricida:

*Que absoluta y totalmente incierto, falto de todo fundamento de verdad, lo que por algunos voceros de la opinión pública, se nos ha hecho decir, a saber: «Es un acto de barbarie, manos anticristianas lo han perpetrado para ofender la fe religiosa de los orientales». Otros han dicho otras cosas parecidas e igualmente falsas.*⁶⁶

Em Artemisa, tradicionalmente, após missas e novena, a imagem de São Marcos era carregada pelas ruas da cidade acompanhada por uma grande banda musical. Também em abril, os rebeldes Rolando Cordero e Luis Gil chegaram à igreja antes do horário da celebração, invadiram a sacristia, e, com a ajuda de um coroinha, conhecedor da rotina do padre responsável, roubaram a imagem que seria levada no cortejo.

A sabotagem à tradicional festa foi explicada pelo jornal *Revolución* como uma forma de protesto contra a tirania de Fulgencio Batista:

*San Marcos Evangelista, patrono de Artemisa, fuera sustraído de la iglesia en pleno día 25 de abril por dos jóvenes revolucionarios de esta ciudad pertenecientes al Movimiento 26 de Julio, para impedir a procesión, a la que las autoridades del régimen querían darle caracteres y perfiles de gran fiesta, ignorando cínicamente los sentimientos del pueblo, que a esa hora, como toda Cuba, lloraba la sangre de sus mártires.*⁶⁷

O recorrente interesse por parte do movimento rebelde em impedir as realizações de ritos tradicionais ao longo de sua trajetória até o triunfo revolucionário parece evidenciar a preocupação quanto ao mascaramento da gravidade do conflito. Pensavam, basicamente, que eventos como as festas religiosas poderiam produzir uma sensação de retorno à normalidade. A ideia de ruptura revolucionária deveria sobrepor-se a qualquer indício de cotidianidade. No entanto, impõe-se também o questionamento sobre até que ponto a sacralidade e a popularidade desses rituais incomodariam a ideologia revolucionária em construção.

O grau de infiltração comunista no Movimento 26 de julho era definitivamente um elemento de crescente preocupação. O Departamento de Estado estadunidense solicitou à

⁶⁶ SERANTES, Enrique. Explosión del Polvorín de el Cobre. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 17.

⁶⁷ RESTITUÍDA a su iglesia la imagen de San Marcos. **Revolución**. La Habana, 27 ene. 1959, n. 45, año II, p. 2.

embaixada que fizesse um estudo especial sobre o assunto. A preocupação era crescente proporcionalmente aos relatos de que os comunistas e outros elementos antiamericanos estavam se mobilizando para assumir um papel importante em Cuba. As tensões aumentaram quando os insurgentes sequestraram 47 cidadãos dos EUA⁶⁸ e as transmissões da *Radio Rebelde* começaram a apresentar um tom bastante ácido contra a América do Norte.

Em 10 de julho de 1958, o presidente Fulgencio Batista disse pessoalmente ao embaixador Earl Smith que estimava a força do Partido Comunista como sendo superior a cem mil militantes. Em um almoço privado na embaixada, em 18 de junho desse mesmo ano, Eusebio Mujal, Secretário Geral da Confederação Cubana dos Trabalhadores, ex-comunista, com longa experiência no campo do trabalho organizado, estimava que o número era superior a 50 mil membros portadores de inscrição, com 100 mil simpatizantes adicionais e entre 25.000 e 30.000 no movimento trabalhista organizado; dos 1.833 sindicatos do país, os comunistas controlariam cerca de 30.⁶⁹

O PSP fora fundado em 1925, se registrou como um partido político em 1939 com o nome de *Unión Revolucionaria Comunista*, assumindo o nome definitivo de Partido Socialista Popular (PSP) somente em 1944. O seu desempenho mais expressivo ocorreu em 1948, quando obteve 56 mil inscrições e 151 mil votos nas eleições.⁷⁰ No entanto, a sua força não se refletia nos números. Era um dos partidos mais bem organizados, fundador da cultura política de esquerda em Cuba. Estava inserido na América Latina, uma região de grande interesse para o comunismo internacional por ser a maior rede de domínio comercial/estratégico dos Estados Unidos. Não se pode perder de vista as declarações feitas pelo chefe do departamento internacional do comitê central do PCUS em novembro de 1958. Boris Ponomarev afirmou, na ocasião, que os partidos comunistas latino-americanos, longe de estarem decaindo, estavam se fortalecendo. Apontou que, à época, havia pelo menos 360.000 filiados no continente e que a força do movimento operário obrigara muitos governos a retirarem-no da clandestinidade. Mencionou levantamentos na Colômbia, na Venezuela e no Brasil e supunha uma queda

⁶⁸ Em junho de 1958, o Movimento 26 de Julho sequestrou perto da Base Naval de Guantánamo 47 americanos e três cidadãos canadenses. Entre os norte-americanos havia 30 marinheiros e 17 civis, trabalhadores de uma companhia de mineração que se localizava ali perto. A operação foi conduzida por Raúl Castro com o propósito de usá-los para interromper a ofensiva de Fulgencio Batista. Temendo que algum dos reféns pudesse ser atingido, o presidente cubano ordenou o cessar-fogo completo na área. Os norte-americanos foram soltos três semanas depois. Para os Estados Unidos, o sequestro evidenciou uma maior influência dos comunistas nas forças rebeldes. DULLES, John Fost. **Instruction From the Department of State to the Embassy in Cuba**. US. Department of State, central files, 737.001/7-258. Washington, 2 jul. 1958, p. 124.

⁶⁹ SMITH, Earl T. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files, 737.00/7-2458. Havana, 24 jul. 1958, p. 160.

⁷⁰ **Ibidem**, p. 160.

crescente do prestígio dos Estados Unidos, pois os países do continente estariam mais determinados a se protegerem dos assaltos imperialistas.⁷¹

Muitos anos mais tarde, Fidel Castro considerava que o PSP tinha conseguido forças no movimento operário, tinha um número relevante de militantes, gozava de muito prestígio entre eles, mas não tinha grandes possibilidades de projeções para o futuro.⁷² O partido apoiava o objetivo da Revolução de derrubar o governo de Batista, mas discordava das táticas escolhidas.⁷³ Mantiveram contatos discretos e graduais no curso da revolta, mas somente quando Batista começou a perseguir o PSP de modo implacável através do *Buró de Repressão de Actividades Comunistas*, ou BRAC, agência policial secreta cubana, e quando a vitória dos rebeldes parecia inevitável é que foi forçado a considerar unir-se à luta armada. Algum tipo de aliança entre eles tinha um sentido prático. Era a entidade política mais bem organizada do país: a experiência dos membros, como a do dirigente Blas Roca, poderia ser importante na formação do novo governo, e o PSP, por sua vez, precisava garantir alguma proeminência política futura.

A somar com o avanço do que se anunciava como uma infiltração comunista, os dirigentes da Igreja Católica dos Estados Unidos divulgavam, no final de 1958, notas alarmantes sobre a perseguição aos cristãos na URSS, referindo-se a ela como uma verdadeira guerra de extermínio, “*la peor persecución de los dos mil años de la historia cristiana*”⁷⁴. Diziam ainda que

*Muchos de ellos – y sólo Dios sabe cuántos – han perecido ya con aras de sus convicciones sagradas. Muchos más están encarcelados y son sometidos a las más terribles torturas con el propósito de obligarles a abjurar de su fe. El enemigo quisiera ocultar este horror con un manto de silencio, pero ningún católico puede olvidar la prolongada pasión de estos colegas seguidores de Cristo. Nuestros hermanos católicos no tienen libertad para profesar y practicar su religión. En algunos países, hasta se les priva del derecho de existir y se les persigue hasta darles muerte.*⁷⁵

Além de se solidarizar com as preocupações de Roma, eles estavam sob o que Kuznick e Gilbert evidenciam como o maior impacto da Guerra Fria. Isto é, toda a sociedade passara a ver o mundo a partir de uma oposição ideológica, onde quem não estivesse ao lado dos

⁷¹ SE VIGORIZAN los partidos comunistas de la A. Latina. **Diario de la Marina**. La Habana, 19 nov. 1958. Noticias Internacionales, n. 271, año CXXVI, p. 1B.

⁷² BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 165.

⁷³ ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 353.

⁷⁴ SUFRE la Iglesia Católica hoy su peor persecución. **Diario de la Marina**. La Habana, 27 dic. 1958. Noticias Nacionales, n. 305 año CXXVI, p. 1A.

⁷⁵ **Ibidem**, p. 1A.

americanos queria aniquilá-los. Nessa linha argumentativa, demandava o esforço conjunto de todas as instituições para conter essas ameaças ao mesmo tempo reais e imaginárias.⁷⁶

Em Cuba, alguns clérigos manifestavam uma posição mais favorável à revolta, principalmente aqueles mais próximos ao povo. Sobretudo, porque viam diariamente as consequências do governo a mãos de ferro adotado por Batista neste momento mais conclusivo do conflito. Enquanto que membros das esferas superiores tinham uma posição mais contrária, alimentada pela influência de Roma e pelo temor da perda do espaço de atuação.

Com a iminência da vitória das forças rebeldes sobre o exército, em dezembro de 1958, o cônsul de Santiago de Cuba, Park Wollam, informou ao Departamento de Estado que Jorge Bez Chabebe, um sacerdote do gabinete do arcebispo de Santiago, havia sugerido que os Estados Unidos estabelecessem uma relação mais positiva com o Movimento 26 de Julho, enviando um emissário secreto para lidar diretamente com Fidel Castro. Esta proposta suscitou algumas observações: primeiro, a sugestão poderia ser um esforço para obter informações acerca de um possível reconhecimento do governo rebelde em caso de chegada dos guerrilheiros ao poder; segundo, se os Estados Unidos comesçassem a esboçar algum tipo de diálogo diplomático com o movimento, isto poderia ser encarado como uma admissão tácita de que Batista já estava derrotado.⁷⁷ Diante das incertezas, o emissário nunca foi enviado.

A não intervenção nos assuntos internos de Cuba por parte dos Estados Unidos baseava-se na preocupação em não destruir o resto de confiança que os cubanos ainda depositavam neles quanto ao apoio à causa da democracia no mundo. Acreditavam também que agir a favor de Batista, provavelmente, prejudicaria o seu apoio na ONU (Organização das Nações Unidas), na OEA (Organização dos Estados Americanos), bem como o apoio de outros países democráticos do hemisfério ocidental. A imprensa em todo o continente vinha sendo esmagadoramente anti-Batista, criticando qualquer evidência de suporte a seu regime.⁷⁸ Pesava ainda sobre os Estados Unidos a ociosidade perigosa em não usar a grande influência que possuíam para ajudar a solucionar o problema, e a tensão aumentava com a inconclusividade das informações da diplomacia a respeito da posição política de Castro. Se ele fosse realmente comunista, o momento crucial para derrotá-lo estava escapando das mãos dos estadunidenses.

⁷⁶ KUZNICK, Peter J.; GILBERT, James. **Rethinking Cold War Culture**. Washington, D.C.: Smithsonian, 2001, p. 11.

⁷⁷ WOLLAM, Park. **Telegram 37 from Santiago de Cuba, December 15; Department of State**. US. Department of States, central files, 737.00/12-1558. Santiago de Cuba, 15 dec. 1958, p. 312.

⁷⁸ DEPARTMENT OF STATE. **Draft Memorandum Prepared in the Office of Middle American Affairs**. Central files, 737.00/7-2158, 25. Washington, jul. 1958, p. 171.

As vitórias de Ernesto Guevara em Santa Clara, a de Camilo Cienfuegos em Yaguajay, e o domínio completo do oriente pelas forças do Movimento 26 de Julho, finalmente abriram caminho para o triunfo revolucionário. Fulgencio Batista e Rivero Agüero, ganhador das eleições presidenciais de 1958, fugiram para a República Dominicana na madrugada do dia 01 de janeiro de 1959, deixando o país completamente acéfalo. Ao tomar conhecimento da fuga, Fidel Castro ordenou que suas forças no ocidente avançassem para Havana. Sem resistência, a cidade foi ocupada no dia seguinte.

No dia 3 de janeiro, Manuel Urrutia Lleó fez o juramento presidencial acompanhado pelos principais chefes revolucionários, autoridades eclesiais, alguns capelães militares e outros representantes de algumas entidades de destaque. A participação dos católicos no movimento insurrecional seria comentada pela primeira vez em Santa Clara, poucos dias após o triunfo. Na ocasião, Fidel Castro disse ao enviado especial do *Diario de la Marina* que “*Prestaron los católicos de Cuba su cooperación decidida a la causa de la libertad*”⁷⁹. A imprensa iniciou uma longa campanha para evidenciar, para todos os efeitos, a colaboração dispensada pelos religiosos à causa revolucionária. Um artigo retirado do jornal citado anteriormente, de 8 de setembro de 1959, evidencia isso:

*Muchos católicos jugaron un papel de importancia en la lucha que culminó con el triunfo del primero de enero. Miembros de juventudes católicas tomaron parte activa en esa lucha. Otros figuraron en el movimiento clandestino de las ciudades y de la capital. El clero corrió la suerte de la feligresía heroica. Muchos sacerdotes se fueron a la Sierra Maestra y a las lomas de Escambray y actuaron como capellanes en los diversos frentes de combate. Y en un momento crítico de aquel angustioso proceso la voz de los prelados se hizo oír admonitoriamente y su enfoque veraz e enérgico de la situación cubana contribuyó al ablandamiento de la dictadura y a su derrota final.*⁸⁰

Em 1960, quando os tensionamentos com o novo governo se acirraram, o arcebispo Serantes também fazia sua defesa. Segundo ele,

*Por la Revolución, por Fidel, su Líder muy querido, se dio todo: dinero, ropas, oraciones, sacrificios y todos los hombres que se necesitaron, los cuales, con el mayor desinterés, con gran fervor, como quien va a una Cruzada, escalaron la Sierra dejándolo todo, sin volver la vista atrás.*⁸¹

⁷⁹ ESTEBAN, Enrique Grau. Prestaron los católicos de Cuba su cooperación decidida a la causa de la libertad – F. Castro. *Diario de la Marina*. La Habana, 07 ene. 1959. Noticias Nacionales, n. 5, año CXXXVII, p. 1A.

⁸⁰ REVOLUCIÓN, Religión, Economía. *Diario de la Marina*. La Habana, 8 sep. 1959. Noticias Nacionales, n. 211, año CXXXVII, p. 1A.

⁸¹ SERANTES, Enrique. Ni traidores ni parias. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA *op. cit.*, p. 69.

A opinião de Castro sobre o tema oscilava. Em 1959, quando ainda mantinha relações amigáveis com a Igreja, afirmou em distintos momentos, que ela teria contribuído de forma contundente para o triunfo revolucionário, mas em 1971, no Chile, alegou que “*No podemos decir que en Cuba los cristianos aportaron lo mejor de ellos a la revolución. Hay que decir que los elementos religiosos no jugaron un rol como tal en el proceso revolucionario cubano, o digamos en la fase de la lucha por la conquista do poder.*”⁸²

A opção adotada pela hierarquia eclesiástica em não assumir ou dar visibilidade para o seu envolvimento, cria obstáculos para as análises posteriores sobre o real papel da Igreja na luta armada. A maioria dos cubanos, mais que 70 por cento deles, se definiam como católicos. Entre praticantes e não praticantes, muitos estavam na guerrilha.

Sabe-se, todavia, da importância de alguns periódicos de influência na crítica ao governo de Batista, como o *Semanario Católico*, depois modernizado e convertido na revista *La quincena* dirigida pelo padre Ignacio Biaín e a revista oficial da *Juventud de Acción Católica*. Além disso, a fundação da *Juventud Obrera Católica (JOC)*, bem como os jovens da *Agrupación Católica Universitaria*, teriam presença crescente nas lutas do movimento estudantil e outras atividades revolucionárias.

Alguns membros mais notáveis podem ser mencionados, como o secretário geral da JOC, Reinol González. Ele entrou, em 1957, para a Dirección Nacional Obrera do Movimento 26 de Julho, mas acabou por ser preso e depois marchou para o exílio com a ajuda do Cardeal Arteaga. Junto com o dirigente da Ação Católica José de J. Plana, trabalhou na América Central para conseguir armas e na América do Sul para arrecadar fundos para a *Sierra Maestra*. Ademais, a guerrilha contou com a colaboração do padre Sardiñas, pároco da Isla de Pinos, tendo depois a adesão do padre Rivas e do padre Lucas Iruretagoyena, a pedidos de Raúl Castro. Mais tarde, participaram os padres Cavero e Guzmán da Companhia de Jesus.⁸³

O papel realizado por esses padres na *Sierra* era, sem dúvidas, vital para o processo revolucionário, pois eram um elo de ligação com os camponeses. Muitos os procuravam para realizar cerimônias religiosas de muita importância social. Eram a face mais humanitária da Revolução. “A presença dele [Padre Sardiñas] e o fato de atuar como sacerdote, batizando muitas crianças, era um modo de vincular ainda mais aquelas famílias à Revolução, à guerrilha, estreitando os laços entre a população e o comando guerrilheiro”,⁸⁴ lembrou Castro em uma conversa com Frei Betto.

⁸² FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 11.

⁸³ **Ibidem**, p. 27.

⁸⁴ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 192.

1.2 – O poder das referências simbólicas: o discurso do triunfo revolucionário

Após o triunfo da Revolução, em uma grande peregrinação ao lado de revolucionários com barbas nazarenas, Fidel Castro deixou a província do Oriente com destino a Havana. O famoso discurso da vitória, do dia 08 de janeiro de 1959, cuidadosamente encenado, entraria para a história. O que naquele espaço performático pertencia ao acaso e o que havia sido projetado? Ainda uma pergunta difícil de responder.

No início de sua fala no acampamento de Columbia, pombas brancas voaram da plateia ao seu encontro. Duas pousaram no palanque e uma nos seus ombros, permanecendo lá durante todo o discurso. A mesma ave também é amplamente associada à imagem de José Martí, personificado como a esperança de liberdade para os cubanos. Os poemas *Amor de ciudad grande*, *Donde no se despierta*, *Astro puro*, *Mi poesía*, *Sé, mujer, para mí, como paloma...*, *Una virgen espléndida* e *Pollice verso*, são alguns dos que mencionam o animal. Nesse último, uma passagem comumente é usada para referir-se ao pensamento do poeta:

*Y yo pasé, sereno entre los viles,
Cual si en mis manos, como en ruego juntas,
Sus anchas alas púdicas abriese
Una paloma blanca.*⁸⁵

As pessoas presentes e as análises jornalísticas posteriores àquele momento não puderam conter a euforia, pois para a Santería⁸⁶, uma das religiões mais expressivas de Cuba, a pomba branca é a mensageira dos deuses. Aquela que eles teriam enviado para indicar o escolhido para salvar Cuba de toda corrupção dos governos anteriores. Ela é igualmente importante na iconografia cristã, ora representada como o próprio Espírito Santo, ora como a mensageira da paz, responsável por trazer as boas novas. É inegável a semelhança entre os acontecimentos no discurso e as passagens do batismo de Jesus no Jordão, quando o espírito santo desce em forma de uma pomba e repousa sobre ele.⁸⁷

Havia um esforço por parte de Fidel Castro em aproximar sua campanha messiânica às interpretações próximas às bíblicas, sobretudo ao espírito de sacrifício presente na história da

⁸⁵ MARTÍ, José. **Obras Completas: Poesía**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2016, p. 570.

⁸⁶ Santería é um conjunto de sistemas religiosos que funde crenças católicas com a religião tradicional iorubá, praticada pelos escravos trazidos da África Ocidental para Cuba para trabalhar nas plantações de açúcar. A religião se conhece também como “La Regla de Ocha”, ou a religião lucumí. A proibição aos cultos africanos nas colônias fez com que os escravos adorassem os seus deuses sob a forma exterior dos santos católicos, criando assim o que seria a Santería hoje. Várias religiões equivalentes se praticam no Brasil e também em África Ocidental.

⁸⁷ BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 4. ed rev. São Paulo: Canção Nova, 2006, p. 1252.

paixão de Cristo e à indignação desse diante das injustiças impostas pelos ricos sobre os pobres. Também, sem muitas reservas, apontava-se como caminho exclusivo para a salvação dos cubanos, o qual predestinadamente, viera para mudar o fluxo da história, afastar a sujeira e anunciar uma nova ordem. Em uma visita à Jamaica, em 1977, com uma fala semelhante à usada pela Teologia da Libertação, afirmou:

Conheço bastante os princípios cristãos e as pregações de Cristo. Tenho minha convicção de que Cristo foi um grande revolucionário. Esta é a minha convicção! Era um homem cuja doutrina está toda consagrada aos humildes, aos pobres, a combater os abusos, a combater a injustiça, a combater a humilhação do ser humano. Eu diria que há muito em comum entre o espírito, a essência de sua pregação e o socialismo.⁸⁸

Em Mateus 10:16, a pomba novamente é mencionada, agora associada a uma ideia de simplicidade.⁸⁹ O trecho é bastante sugestivo para a análise dos eventos posteriores ao pouso das aves. Em um dado momento, Castro vira-se para Camilo Cienfuegos e outros revolucionários na parte de trás do palanque, e diz: “¿Voy bien?” A pergunta atribuiu uma humildade oportuna, servindo, posteriormente como aporte às estratégias de legitimação do governo.

Um artigo bastante entusiasmado do dia 10 de janeiro de 1959, do jornalista Miguel F. Márquez y de la Cerra, analisa o ocorrido:

*Ayer, aquí en nuestra Patria redimida, un hombre ha sabido ver muchas cosas. Ha sabido ver una blanca paloma descender pausadamente y rozar con infinito cuidado su hombro cansado (...) Después de aquel feliz presagio, ¿qué más? (...) Aquí en un solar maldito hasta ayer, delante de Marte humillado, pisando las armas rendidas, nuestra democracia ha resucitado. (...) Recuerde el lector que el hombre de la paloma posada en el hombro cansado jamás se cansa de preguntar. Yo creo firmemente en el feliz destino de un pueblo que posee un hombre que sabrá preguntar en los momentos de angustia, en las ocasiones en que se encuentre perplejo, frente a la oscuridad agorera de algún nubarrón pasajero, ante los ataques de la ira, del prejuicio, de la mentira y también ante la embestida brutal de la gloria: ¿Voy Bien, Camilo?*⁹⁰

Não restam dúvidas de que as pombas brancas foram propositalmente incluídas naquele cenário. Mas mesmo que tenham sido lançadas da plateia por ordens do líder, certamente a permanência delas nos ombros dele foi um inesperado golpe de sorte. No fim, elas cumpriram

⁸⁸ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 17.

⁸⁹ BÍBLIA. **op. cit.**, p. 1160.

⁹⁰ DE LA CERRA, Miguel F. Márquez y. ¿Voy Bien Camilo?. **Diario de la Marina**. La Habana, 10 ene. 1959. Editorial, n. 8, año CXXVII, p. 4A.

o seu papel: o de legitimar, de atribuir humildade, de anunciar. Mas que mensagens elas estavam trazendo?

Para muitos cubanos, só poderia ser a paz. A colunista Anita Arroyo mostra isso claramente em um artigo publicado em 11 de janeiro de 1959:

El héroe de la guerra es ahora el héroe de la paz. Si en la primera dio pruebas de una extraordinaria capacidad como militar en la segunda acaba de demostrar una excepcional capacidad política, de corte tan nuevo entre nosotros que tu estilo resulta asombrosamente inusitado. (...) Anoche, cuando dialogaba espontanea y directamente con su pueblo (...) se le posó al héroe una paloma blanca en el hombro (...) y allí permaneció el ave simbólica de la paz, segura y confiada, como en el alero de un palomar. La imagen ha quedado grabada en el corazón de todos los cubanos.⁹¹

Contudo, ainda era cedo para prever quais seriam, de fato, os legados deixados pela Revolução Cubana; os próximos anos, sem dúvidas, abrandariam a euforia desse período inicial. As simbologias gestadas no discurso de 08 de janeiro de 1959 além de atuarem como mecanismos de legitimação contribuíram para a mitificação da experiência revolucionária, um exemplo nítido da atuação do poder simbólico em função da consolidação política.

1.3 – Os Três Reis Magos nas estratégias pedagógicas da Revolução

Um dos episódios evangélicos que sempre inflamou o imaginário das crianças cubanas foi a visita dos Reis Magos celebrada no dia 06 de janeiro. Um costume quase imemorial oralmente transformado em tradição. Trata-se, para os católicos, da Epifania de Nosso Senhor, ou seja, a vinda ao mundo do Messias anunciado pelos profetas do Antigo Testamento.

A passagem é relatada no livro de Mateus, no capítulo 2. De acordo com o evangelista, depois do nascimento de Jesus na Judéia, Magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém guiados por uma estrela. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, ajoelharam-se diante dele e o adoraram. Abriram os seus cofres e lhe ofereceram presentes: incenso, mirra e ouro.⁹²

O evangelista não fala a quantidade exata de Magos, nem seus nomes, tampouco se refere a eles como realeza. Apenas uma tradição posterior lhe atribuiu nomes, datando do século

⁹¹ ARROYO, Anita. La paloma al hombro. **Diario de la Marina**. La Habana, 11 ene. 1959. Editorial, n. 9, año, CXXXVII, p. 4.

⁹² BÍBLIA. **op. cit.**, p. 1150.

IX: Melquior idoso, Gaspar, jovem, e Baltazar de pele negra. A condição de reis é reconhecida pela liturgia somente no século XII e daí passa para a iconografia.⁹³

No que diz respeito à celebração, é considerada mais importante que o Natal em Cuba. Todos os anos, as crianças deixavam debaixo de suas camas alimentos para os camelos que trariam os Magos carregados de presentes para aqueles que lhe enviaram cartas com os pedidos. Fidel Castro recorda do tempo de menino quando passava por essas experiências:

Já que estamos falando de convicções religiosas, uma das primeiras coisas nas quais nos ensinaram a crer foi nos Reis Magos. Talvez eu tivesse 3 ou 4 anos a primeira vez que apareceu um Rei Mago (...). Seis de janeiro era o Dia dos Reis e aprendíamos que os três Reis Magos que foram saudar o Cristo por ocasião de seu nascimento, vinham todos os anos trazer brinquedos para as crianças.⁹⁴

O líder da Revolução conhecia bem as crenças e os ritos tradicionais católicos; ele era oriundo de uma família bastante religiosa; sua mãe, Lina, uma “cristã fervorosa” nas palavras do próprio Fidel, criou todos os filhos dentro das tradições da Igreja. Além disso, fez toda sua formação escolar em colégios católicos: estudou, primeiramente, no colégio dos Irmãos de La Salle, onde iniciou o catecismo e teve contato com a história sagrada dos Antigo e Novo Testamentos; no quinto ano, foi transferido para um colégio de Jesuítas, o Colégio Dolores, onde ampliou sua formação religiosa; no segundo ano do curso secundário, decidiu transferir-se para um colégio de Jesuítas, em Havana, o Colégio Belém, a melhor escola de jesuítas do país.⁹⁵ Nas proximidades da *Sierra Maestra*, foi padrinho dos filhos de alguns camponeses e, após o triunfo, também apadrinhou a filha do presidente Manuel Urrutia. Os conhecimentos que Fidel Castro possuía sobre a história sagrada podem ter sido úteis para moldar as propagandas políticas revolucionárias direcionadas à legitimação do novo governo.

Geertz em *A Interpretação das Culturas* afirma que as imagens tradicionais possuem um grande poder persuasivo.⁹⁶ O novo governo em Cuba dava sinais de que entendia esse efeito pedagógico da iconografia religiosa, passando a usá-la para propagação do ideário revolucionário, aliando-a à memória da Revolução. Inicialmente, em 1959, três magos revolucionários eram representados carregando um presente para o menino Jesus: a liberdade.

⁹³ MOMMÉJA, Edith. **As festas cristãs: história, sentido e tradição**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 62.

⁹⁴ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 115.

⁹⁵ **Ibidem**, p. 116-157.

⁹⁶ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 82.

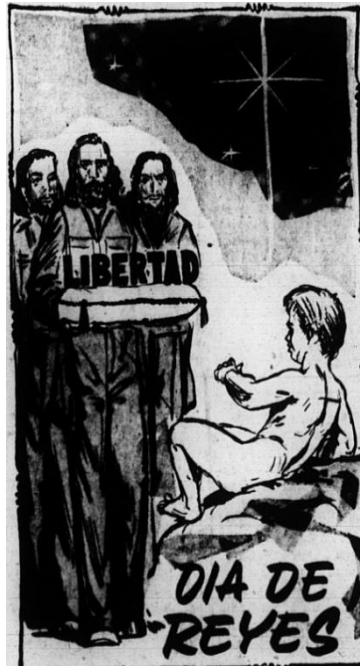


Figura 1: El Mejor regalo de Reyes. **Revolución**. La Habana, 5 ene. 1959, n. 26 año II, p. 1.

Nos anos posteriores, esse conceito seria melhor desenvolvido: nas novas propagandas distribuídas pelo país, os três Reis Magos são substituídos por Fidel, Guevara e Juan Almeida, o único negro entre eles, como na iconografia. Ao fundo, as montanhas da *Sierra Maestra*. O lugar onde acontecia o nascimento do menino Jesus era retratado como um *bohío*, uma cabana típica do interior de Cuba. Traziam consigo três presentes: a alfabetização, a industrialização e a reforma agrária. Ademais, José Martí substituíra a estrela, guiando os novos reis magos até a manjedoura.



Figura 2: Mural “Jesús del Bohío”. Fonte: Documentário **Cuba Sí**. Direção: Chris Marker, 1961.

Alguns fatores facilitaram a analogia dos rebeldes aos Reis Magos: as barbas longas; o fato de eles também terem percorrido um longo caminho para chegar até ali, isto é, dois anos de luta; terem sido guiados por um astro, o Apóstolo; por fim, o fato de terem prometido presentes aos cubanos ainda mais valiosos do que os que os reis traziam: a liberdade, a educação, a igualdade e o desenvolvimento nacional. As equipes envolvidas na produção da propaganda revolucionária pareciam acreditar que as reminiscências bíblicas iriam ajudá-los a consolidar o novo governo no poder, isso claramente se reflete na utilização da tradição cristã como veículo de propagação da ideologia revolucionária.

Os milagres de Jesus, posteriormente, seriam também utilizados. Um artigo de outubro de 1959, no jornal *Revolución*, dizia que “*En Cuba se está haciendo por el Estado un milagro que no es sólo un hecho simbólico: se están multiplicando los panes y los peces. Esa multiplicación de los panes y de los peces la ha emprendido el gobierno revolucionario.*”⁹⁷

As pombas do discurso da vitória e o mural *Jesús del Bohío* evidenciam o uso de velhos modelos para justificar novos fins, sustentando as transformações em referências anteriores. Busca-se a modificação e ao mesmo tempo a manutenção da essência simbólica das imagens do passado. Cannadine, ao analisar os rituais da monarquia inglesa, nos ajuda a pensar sobre a manutenção, inicialmente, de alguns símbolos católicos pelo regime cubano:

Numa época essencialmente estática, a conservação de rituais imutáveis pode ser um indicio e um reforço genuínos da estabilidade e do consenso. Porém, num período de mudança, conflito ou crise, o ritual pode permanecer deliberadamente inalterado, de maneira a dar a impressão de continuidade, comunidade e segurança, embora existam indícios contextuais esmagadores em contrário.⁹⁸

A religião atua, nesse sentido, como um instrumento de comunicação, como um veículo simbólico para a estruturação de uma impressão de continuidade entre a história bíblica e a história revolucionária, estimulando, assim, a confiança do povo nos projetos do novo governo.

1.3 – A Igreja a serviço da justiça revolucionária

⁹⁷ LA MARINA, la Revolución y el catolicismo. **Revolución**. La Habana, 17 nov. 1959, n. 294, año II, p. 2.

⁹⁸ CANNADINE, David. Contexto, Execução e Significado Ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção da Tradição”, c. 1820 a 1977. In: HOBSBAWM, Eric.; TERENCE, Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 115

Com os guerrilheiros já no poder, o mundo observava atônito as ações da justiça revolucionária. Apenas em Santiago de Cuba, os jornais anunciavam 300 pessoas presas para julgamento nos primeiros dias, porém, mais tarde, soube-se que esse número era bem maior. A revista *Time*, em 14 de janeiro de 1959, estimava que pelo menos 3.000 estavam nas mãos dos rebeldes à espera de julgamento.⁹⁹ Os prisioneiros eram divididos em dois grupos: o primeiro composto por aqueles que haviam cometido delitos menores, portanto julgados por um tribunal civil especial; o segundo por aqueles que cometeram crimes graves, julgados por um tribunal militar marcial. Participavam desses conselhos oficiais do Movimento 26 de Julho e, ocasionalmente, civis. A estrutura era composta por um presidente, dois juízes, um procurador, um advogado de defesa e um secretário. Muitas execuções, resultantes de investigações apressadas, foram filmadas e divulgadas no exterior, juntamente com a notícia de que muitos executados não tiveram um julgamento dentro das formalidades judiciais adequadas. Alguns compareciam apenas para ouvir a sentença.¹⁰⁰

Raúl Castro mostrava-se pouco preocupado com a atenção mundial desfavorável contra as execuções arbitrárias que se estendiam por Guantánamo, Manzanillo e também Holguín. A quantidade surpreendente de pessoas executadas em tão pouco tempo gerou protestos na imprensa dos Estados Unidos e de outros países da América Latina. Em defesa própria, o governo revolucionário afirmava que os estadunidenses, dada a distância que optaram por manter do conflito, não haviam tomado conhecimento das atrocidades cometidas pelo regime anterior e o mesmo se aplicava à Organização das Nações Unidas e à Organização dos Estados Americanos.¹⁰¹

De fato, Batista conduzira o conflito de forma severa. Em poços, nos porões de delegacias e em sepulturas sem identificação, centenas de famílias cubanas procuravam os corpos de seus filhos assassinados pela polícia. Em 1958, Monsenhor Serantes ficou horrorizado ao tomar conhecimento de que tinham arrastado pelas ruas de Santiago o corpo, já morto, de um jovem rebelde, causando indignação à multidão obrigada a assistir o espetáculo macabro.¹⁰² Em um prédio abandonado em Pinar del Río, encontraram 13 corpos em decomposição depois do fim do conflito.¹⁰³ Vítimas mutiladas apareciam e eram expostas no *Revolución* com frequência assustadora. E notícias semelhantes não paravam de surgir. Era

⁹⁹ LA REVISTA “Time” y la Revolución Cubana. **Revolución**. La Habana, 15 ene. 1959, n. 35, año II, p. 8.

¹⁰⁰ WOLLAM, Park. **Despatch From the Consulate at Santiago de Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files, 737.00/1–1459. Santiago de Cuba, 14 jan. 1959, p. 358.

¹⁰¹ WOLLAM, Park. **op. cit.**, p. 359.

¹⁰² SERANTES, Enrique. Paseo Macabro. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 19.

¹⁰³ LA REVISTA “Time” e la Revolución Cubana. **Revolución**. La Habana, 15 ene. 1959, n. 35, año II, p. 8.

necessário considerar, no entanto, se uma política nos moldes do “olho por olho dente por dente” era a forma mais adequada de conduzir o país naquele momento em fase de reestruturação.

Por inicialmente não ir de encontro às bases dos fundamentos cristãos, a Igreja manifestou o seu apoio quase que total à Revolução, inclusive aos paredões de fuzilamento. Sobre o assunto, o arcebispo de Santiago, declarou que

*(...) las sanciones penales aquí aplicadas a los llamados criminales de guerra, no superaron, ni aun igualaron en dureza a las aplicadas en otros lugares en análogas circunstancias por hombres altamente responsables, cuáles eran los jefes supremos o sus representantes en las naciones que se reputan las más civilizadas del mundo.*¹⁰⁴

Monsenhor Muller, bispo auxiliar de Havana, defendeu que por mais que a Igreja não fosse partidária da pena capital, as execuções eram necessárias.¹⁰⁵ Padre Ignacio Biaín, diretor da revista *La Quincena*, também se mostrou favorável. Para ele, a condenação de algumas centenas de culpados à morte era um castigo benigno diante das atitudes horrendas do governo anterior e, concluiu dizendo que “*No ha sido fusilado ningún civil, ningún político. No ha habido fusilamiento en masa de políticos*”¹⁰⁶.

Outros padres menos conhecidos no cenário nacional também mostrariam posições semelhantes, como o padre Pastor González, que defendeu as condenações usando como argumento a bíblia sagrada:

*Quiero decir aquí públicamente que toda la vida he sido partidario de la pena de muerte. Yo sé que esta declaración en boca de un sacerdote asombra. No puede asombrar porque no hay una sola iglesia, ninguna, que no sea partidaria de la pena de muerte. No hay ningún tratado de moral inspirado en principios religiosos que no sea partidario de la pena de muerte. En el viejo Testamento desde el libro del Génesis se habla de la pena de muerte y se dice que el que derrama la sangre del Hermano debe ser ajusticiado.*¹⁰⁷

Alguns sacerdotes, aliados ao Movimento 26 de Julho, criaram uma brigada religiosa para dar os últimos auxílios espirituais aos condenados. Eram liderados pelo Padre Madrigal, colaborador da Revolução desde a época da luta armada. Abrigou rebeldes fugitivos, cedeu o espaço da sua igreja para reuniões e a transformou em um ponto de contato com a *Sierra*

¹⁰⁴ SERANTES, Enrique. El Justo Medio. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA **op. cit.**, p. 26.

¹⁰⁵ LA IGLESIA a favor de condenas. **Revolución**. La Habana, 19 ene. 1959, n. 38, año II, p. 18.

¹⁰⁶ **Ibidem, loc. cit.**

¹⁰⁷ LA IGLESIA no se ha opuesto jamás a la pena de muerte. **Diario de la Marina**. La Habana, 22 jul. 1959, n. 170, año CXXVII, p. 1.

Maestra. No final, já perseguido por Batista, teve que se exilar na Espanha por dois meses.¹⁰⁸ As imagens desses momentos finais de alento espiritual se espalharam pelo mundo e até hoje são encaradas como uma face lamentável da Revolução.

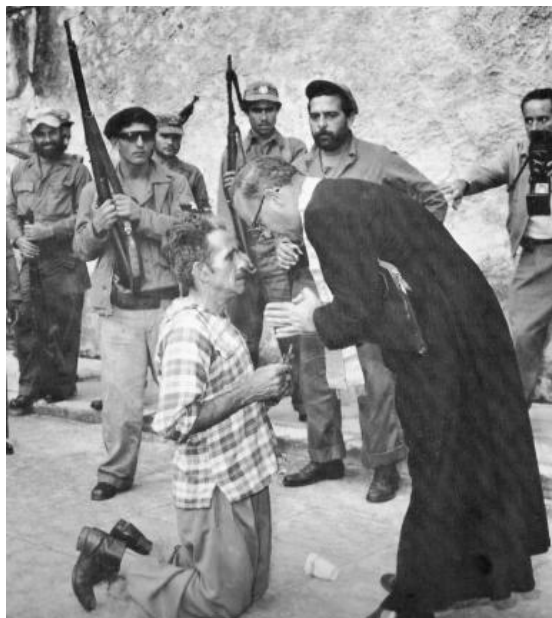


Figura 3: El cura asiste al condenado en su último momento, detrás los que lo fusilarán. Havana, 1959, 1 fotografia. Fonte: Periódico Cubanet. Disponível em: <<https://www.cubanet.org/destacados/limpiar-la-sangre-de-la-cabana/>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

Com a incumbência de comandar a fortaleza de *La Cabaña*, Che Guevara ficou responsável pelos fuzilamentos em Havana. Huber Matos, ex-comandante revolucionário, esteve preso nos calabouços por um período depois de seu julgamento. De onde ficava, à noite, conseguia ouvir com nitidez as execuções. O ritual consistia na ordem para disparo, a tentativa dos presos em dizer algo, fazer uma última súplica, a descarga dos fuzis e os corpos caindo. Por fim, eram envolvidos em sacos plásticos e retirados do local por um automóvel. Em antítese às declarações do padre Biaín sobre o tipo de pessoas que eram assassinadas, Matos narra em suas memórias que “*En La Cabaña (...) fusilan a oficiales de la marina, del ejército. Fusilan a jóvenes cristianos que en el paredón antes de la descarga de los fusiles, gritan: ¡Viva Cristo Rey!*”¹⁰⁹

¹⁰⁸ OFRECEN auxilios espirituales para los condenados a muerte. **Revolución**. La Habana, 8 ene. 1959, n. 29, año II, p. 3.

¹⁰⁹ MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 436.

1.4 – Os primeiros desencontros ideológicos

Os alertas contra o comunismo continuavam a ser explorados pelos jornais mais tradicionais: as colunas *La guerra soviética contra la religión e ¿catolicismo o comunismo?* tratavam exaustivamente sobre o tema. Em abril de 1959, o papa João XXIII divulgou uma nota de advertência contra o comunismo: a excomunhão, penalidade máxima canônica, que antes poderia ser usada contra militantes comunistas, agora, com o decreto do Santo Ofício 1949/07/01, n. 1, poderia se estender para qualquer um que professasse o cristianismo e respaldassem ou ajudassem a causa comunista.¹¹⁰ A medida endossava um decreto publicado pelo Vaticano em 1949¹¹¹, ademais, dizia que “*no es licito ni permitido que los católicos voten por los candidatos o partidos que, aunque se califiquen a sí mismos de cristianos, se unan en la práctica con los comunistas o los favorezcan en su actuación*”¹¹².

Nesse ínterim, o PSP foi informalmente posto novamente na legalidade. O antigo jornal sob a direção deles, o *Hoy*, reapareceu com uma pequena edição voltada para questões dedicadas a celebrar a vitória revolucionária, tentando reivindicar algum crédito no triunfo. As revistas *Mella* e *Fundamentos* também voltaram a ser produzidas.¹¹³ Pessoas com antecedentes no partido ou, ao menos, com tendências sociais extremas, foram escolhidas para ocupar algumas posições significativas na esfera governamental. Sobre o governo, pesavam as posições de Ernesto Guevara, definitivamente marxista e Raúl, que quando jovem havia feito parte da juventude socialista do PSP e parecia compartilhar as mesmas visões. Os dois faziam parte da nova cúpula do poder e atuavam como uma porta de entrada para a infiltração vermelha às forças armadas.

Fidel Castro tentava conter os ânimos exaltados pelo medo à ameaça comunista, temendo um desgaste desnecessário à Revolução que prejudicaria suas relações com os Estados

¹¹⁰ NUEVA advertencia de la iglesia sobre el comunismo. **Diario de la Marina**. La Habana, 15 abr. 1959. Editorial, n. 88, año CXXVII, p. 4A.

¹¹¹ O decreto foi publicado na *Acta Apostolicae Sedis*, e é apresentado sob a forma de um *dubium*: ou seja, em formato de perguntas e respostas. Ele apresenta quatro perguntas, juntamente com as respostas do Santo Ofício: (1) É permitido se juntar ou apoiar os partidos comunistas? (2) É permitido publicar, distribuir ou ler livros, revistas, jornais ou panfletos que apoiem a doutrina ou atividade comunista ou escrever para eles? (3) Os cristãos que conscientemente e livremente cometam os atos das perguntas 1 e 2 podem receber os sacramentos? (4) Os cristãos que professam a doutrina comunista materialista anti-cristã, e, especialmente, aqueles que defendem e a propagam, incorrem na pena de excomunhão como apóstatas da fé católica? As respostas no decreto foram negativas para as três primeiras questões e afirmativa para a quarta. O documento na íntegra pode ser consultado na página do arquivo do vaticano no seguinte link: <http://www.vatican.va/archive/aas/index_po.htm>. Acesso em: 29 jul. 2017.

¹¹² NUEVA advertencia de la iglesia sobre el comunismo. **Diario de la Marina**. La Habana, 15 abr. 1959. Editorial, n. 88, año CXXVII, p. 4A.

¹¹³ BRADDOCK, Daniel M. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State**. US. Department of State, central files, 737.001/4-1459. Havana, 14 apr. 1959, p. 461.

Unidos e com a Igreja. A dependência de Cuba em relação aos estadunidenses era enorme — demoraria até que se pudesse estabelecer uma diversificação maior da economia. Por diversas vezes, defendeu estar alheio ao dilema histórico da Guerra Fria; não se sentia obrigado a escolher uma posição entre os dois blocos. A Revolução, disse ele, não se inclinava ao comunismo e tampouco ao capitalismo, não era uma virada à esquerda nem à direita, nem mesmo uma permanência no centro. Ela caminhava por uma terceira posição, dita, humanista.¹¹⁴

O desgaste da relação Igreja-Estado, após o triunfo revolucionário, resultou de fatores tanto internacionais quanto nacionais. Todavia, o primeiro confronto teria início com uma questão bastante específica: a educação. O ensino privado/religioso sempre foi a espinha dorsal da Igreja Católica em Cuba. Era o veículo principal de propagação da filosofia cristã e também da evangelização. Em fevereiro de 1959, decretou-se a *Ley Once*: resumidamente, não se reconheceriam mais como válidos os títulos outorgados pelas universidades privadas do país depois de 30 de novembro de 1956 até dezembro de 1958. O argumento principal era de que durante esse período as universidades públicas tinham sido fechadas e os estudantes obrigados a abandonar os estudos por questões políticas. A lei afetava sensivelmente a Universidade Católica de Santo Tomás de Villanueva, uma das mais importantes de Cuba, fundada por agostinianos.

No esteio da reconstrução da maquinaria governamental, promulga-se, também em fevereiro, a *Ley Fundamental*, substituindo em vias práticas a Constituição de 1940. Três artigos circunscreviam os direitos básicos do cidadão quanto à expressão de sua religiosidade. O artigo 10 rechaçava qualquer discriminação, seja por crenças religiosas ou outras questões individuais de opinião, raça ou classe. O artigo 35, o mais importante nesse sentido, determinava que era livre a profissão de todas as religiões e exercício de todos os cultos e nessa mesma disposição legal, reafirmava a separação entre a Igreja e o Estado. E por último, o artigo 10 legislava sobre o ensino público, o qual deveria ser laico, e as instituições de ensino privado ficavam sujeitas a regulamentação do Estado, mas conservavam o direito de separadamente oferecer educação religiosa.¹¹⁵ A questão da laicidade somada aos rumores de que o ensino privado seria suprimido gerava inquietação constante entre os prelados.

¹¹⁴ FIDEL Castro America's Nemesis. Produzido e dirigido por Tistan Quinn. Reino Unido: BBC, 25 nov. 2016, 1 DVD (50 min).

¹¹⁵ CUBA. **Ley Fundamental de 1959**. La Habana, 7 de febrero de 1959. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/38.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

Com os crescentes boatos sobre a nacionalização da educação, monsenhor Serantes entrou em conflito direto com o governo. A perda das escolas seria um golpe desestabilizador para a Igreja, pois muitos religiosos estavam no país apenas para dedicar-se ao trabalho educacional; ademais, a sua rede de influência diminuiria potencialmente e, não há como negar, seria um escoamento considerável de verbas, inviabilizando os projetos de evangelização e a manutenção da instituição. O arcebispo chegou a clamar diversas vezes para que o povo não permitisse ao Estado ultrapassar os limites de suas funções. Em uma circular intitulada *La enseñanza privada*, declarou:

*Esperamos que el nuevo Régimen, conquistado por el esfuerzo de todos, pero en primer término por el vigor, el esfuerzo y el apoyo de los católicos, el mayor número de los combatientes y simpatizadores de la Revolución, habrá de tener en cuenta los derechos de la Iglesia, que son los de Dios, que demanda lo suyo sin detentar lo de nadie, así como los derechos que tienen nuestros educandos a que se rompan de una vez las cadenas tiránicas del laicismo.*¹¹⁶

As circulares foram recebidas com profunda desaprovação por parte do governo. Interpretadas como tentativas de estabelecer conflitos religiosos em um momento delicado de reconstrução do Estado. O reverendo Joaquín Valdés criticou as declarações do arcebispo como pedras, inoportunamente sendo colocadas no caminho da Revolução triunfante. Concluiu dizendo que o maior exemplo de moral cristã naquele momento era deixar o regime trabalhar.¹¹⁷

O *Revolución* também responderia, na edição de 2 de março, com o extenso artigo intitulado *Educación Romana, ¿para qué?*. O autor Euclides Candela se referiu à Igreja como um grupo conservador e retrógrado, cujo único interesse era a liberdade de ficar estacionada no tempo em contraposição ao avanço da história. Acusaram-na de manter-se às margens dos ideais independentistas, aliando-se com a metrópole durante a Guerra de 95 para garantir a permanência do *status quo* de colônia. O laicismo é apresentado como uma conquista indeclinável do progresso intelectual do homem em contraste com a educação religiosa onde se assentam as mais profundas raízes da reação.¹¹⁸ Além disso, criticou a Igreja por ter se mantido ao lado de Batista e vinculou alguns clérigos ao falangismo espanhol desde a guerra civil de 1936, ideologia considerada fascista. Afirmou ainda que a hierarquia romana, para não desaparecer, firmou um pacto com as oligarquias latino-americanas para impedir a capacidade

¹¹⁶ SERANTES, Enrique. *La enseñanza privada*. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 28.

¹¹⁷ VALDÉS, Joaquín. *No quieren a Cuba los que plantean pugnas religiosas*. **Revolución**. La Habana, 20 feb. 1959, n. 66, año II, p. 8.

¹¹⁸ CANDELA, Euclides Vazquez. *Educación Romana, ¿para qué?*. **Revolución**. La Habana, 2 mar. 1959, n. 73, año II, p. 1.

de resistência das massas ao poder vigente. E com um discurso bastante arraigado a teorias marxistas, acrescentou que

*Si por la educación romana fuera, América sería aún un conjunto sumiso de colonias españolas. (...) La tática de dominio de la iglesia romana en América ha sido la de educar, para su servicio, a las clases y grupos dominantes. Para quedar bien con Jesús de vez en vez se abren colegios que enseñan a los pobres. La educación romana no ha servido más que para convencer al rico, cada vez más de su riqueza y de su preeminencia social, y al pobre, cada vez más de su pobreza y su necesaria inferioridad (...). Se habla también de la necesidad de moralizar a la sociedad cubana a través de la educación romana. Y yo me pregunto abismado que otro tipo de educación fundamental hemos tenido en los cuatro siglos de supuesta inmoralidad que ya llevamos?*¹¹⁹

O jornal condena a Igreja historicamente pelo lapso moral de todos os cubanos por ter sido, hegemonicamente, responsável pela educação da população desde o momento de construção da colônia espanhola. A fé dos militares de Batista aos santos, principalmente a Santa Bárbara, era um indicador que não podia ser descartado das reais alianças da instituição. A verdadeira religião de Cuba, disse o autor, não é o Catolicismo e sim uma mescla dele com a Santería; e concluiu sinalizando para uma postura mais tarde adotada por Castro: “*Seria extraordinariamente edificante, que la iglesia, si le es posible, se revolucionara*”¹²⁰.

Em edições futuras, os debates sobre a demanda de inserir o ensino religioso nas escolas públicas novamente foram encarados como um atentado contra a unidade, como uma forma de acobertar propósitos reacionários. Ao se referir à Igreja, usava-se sempre “católica romana” ou “Igreja de Roma” para evidenciar o seu vínculo a um poder externo a Cuba, aliavam-na, também, ao fascismo espanhol, aproveitando-se da origem estrangeira não apenas da instituição, mas de muitos clérigos:

*El laicismo que defendemos es un muro protector contra la intervención de la religión en los asuntos oficiales del Estado, y el más fuerte baluarte para la defensa de la más grande de todas las libertades: la libertad de consciencia. El ejemplo de la España de Franco es muy elocuente. Los cubanos queremos ser verdaderamente libres desde ahora y para siempre. No podemos permitir que Cuba sufra mañana lo que España sufre hoy.*¹²¹

Castro também acusaria a Igreja de atuar como um falso estandarte dos contrarrevolucionários:

Ya empiezan a buscar pretexto de tipo religioso para despertar fanatismos contra la Revolución Y yo me pregunto ¿Qué tiene que ver la religión con la

¹¹⁹ CANDELA, Euclides Vazquez. **op. cit.**, p. 23.

¹²⁰ **Ibidem**, p. 23.

¹²¹ **Ibidem**, p. 23.

*Revolución? (...) ¿Por qué van a venir a meter la religión en la Revolución, si la Revolución no se ha metido con la religión.*¹²²

Sinais de melhora na relação Igreja-Estado começaram a surgir quando a comunidade eclesial fez publicações, nos distintos meios de comunicação, clamando aos católicos para um espírito de colaboração, serenidade e patriotismo. A defesa principal era de que os postulados sociais revolucionários eram proporcionais às aspirações da justiça social cristã. Sobre a reforma agrária, por exemplo, o bispo de Havana, Evelio Díaz, publicou em maio uma circular que dizia que

*La Reforma Agraria en sus justas intenciones y en su necesaria implantación en nuestra Patria se ajusta fundamentalmente al pensamiento de la Iglesia en cuanto a su principio de Justicia Social. Su realización compromete la conciencia de todo cristiano, que, como tal, deponiendo todo interés egoísta y personal, debe contribuir al «interés del bien común» generosa y pacíficamente, como buen cubano y mejor cristiano.*¹²³

Outras autoridades como o bispo de Matanzas, Alberto Martín Villaverde, e o arcebispo de Santiago, Enrique Serantes, também faziam declarações em defesa da reforma. Essas publicações causaram uma virada na postura do *Revolución* que reconheceu que “*Con esos pronunciamientos, la iglesia cubana se ha situado en una posición efectivamente revolucionaria, y puede entenderse que es la Iglesia Católica más revolucionaria en la América Latina*”¹²⁴. Mas os desgastes estavam apenas começando.

Publicamente, os católicos mais influentes defendiam uma orientação do novo governo voltada para um humanismo mais cristão, moderado e anticomunista. A Ação Católica, a Juventude Católica e as Juventude Operária Católica faziam grandes esforços para assegurar o mesmo prestígio que gozavam no governo anterior. Muitos líderes dessas organizações eram partidários incondicionais do Movimento 26 de Julho. No entanto, desenvolveu-se uma inquietação para a elaboração de um projeto que visasse à formação de um Partido Democrata-Cristão em preparação para as eleições gerais previstas em dois anos. Mas em 26 de abril, em uma entrevista em Boston, Fidel anunciou que não haveria mais eleições em 18 meses; os cubanos teriam que “*esperar cuatro años para una elección general*”, pois “*La base original*

¹²² CASTRO, Fidel. La religión falso estandarte de los contrarrevolucionarios. **Revolución**. La Habana, 14 mar. 1959, n. 84, año II, p. 13.

¹²³ DÍAZ, Evelio. Entrevista con Mons. Evelio Díaz. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 38.

¹²⁴ QUIEN sienta la religión apoya la reforma. **Revolución**. La Habana, 15 jun. 1959, n. 161, año II, p. 8.

de la democracia auténtica es el partido político. Se necesita tiempo para crear la maquinaria política”¹²⁵.

Nessa mesma viagem aos Estados Unidos, o vice-presidente deste país o convidou para uma conversa em seu gabinete. Nixon o confrontou com perguntas sobre a ausência de convocações para novas eleições, o não cessamento das execuções dos aliados de Batista e sobre o avanço do comunismo em Cuba. Suas impressões eram de que Castro, apesar de possuir habilidades de um grande líder, demonstrava óbvia falta de compreensão dos princípios econômicos mais elementares e as ideias dele sobre como administrar um governo eram menos desenvolvidas do que as de quase todas as figuras mundiais que conheceu. Sobre a inclinação ao comunismo, depois da conversa, Nixon declarou: "*He is either incredibly naive about communism or under communist discipline*". Seu palpite, disse ele, era o primeiro.¹²⁶ O assessor de segurança nacional dos Estados Unidos em Cuba, Robert Pastor, leu posteriormente o memorando sobre as impressões do vice-presidente, e em resposta à fala sobre se era incrivelmente ingênuo ou um comunista de fato, Castro lhe disse: "*I was both or I was neither*". Para Pastor, ficou claro que ele não tinha certeza naquele tempo do que realmente era.¹²⁷ Quando retornou, Fidel Castro suspendeu momentaneamente os fuzilamentos em uma tentativa de contorno às severas críticas que ouvira.

As impressões de Nixon são sintomáticas do discurso encontrado em outras fontes do período. O governo revolucionário funcionava com um alto grau de experimentação. Em parte, isso se devia à dificuldade em lidar com o resultado do colapso da estrutura governamental anterior e à inexperiência dos indicados a compor o novo governo. Guiava-se muitas vezes pela necessidade de cumprir algumas promessas essenciais de sua proposta política revolucionária, pois cumpri-las garantiria continuidade de apoio das classes mais baixas. Porém, como concebê-las sem prejudicar as relações e/ou atacar os interesses estadunidenses? Por mais que tentasse escapar, o dilema da Guerra Fria estava imposto e precisaria de muita excepcionalidade política para escapar dele.

A relação com os Estados Unidos começou a se deteriorar rapidamente. Os jornais, sobretudo o órgão oficial do governo, *Revolución*, começaram a especular uma diminuição punitiva da cota de açúcar. Uma nova legislação sobre a compra do produto para o país deveria

¹²⁵ NO ES POSIBLE una democracia pura hoy en Cuba, declaró en Boston el doctor Fidel Castro. **Diario de la Marina**. La Habana, 26 abr. 1959, n. 98, año CXXVII, p. 1.

¹²⁶ AMBROSE, Stephen E. **Nixon: The Education of a Politician, 1913-1962**. New York: Simon & Schuster, 1988, p. 516.

¹²⁷ FIDEL Castro America's Nemesis. Produzido e dirigido por Tistan Quinn. Reino Unido: BBC, 25 nov. 2016, 1 DVD (50 min).

ser aprovada em 1960, e o temor de que houvesse uma alteração desfavorável para a ilha causava desgastes. Sobretudo, porque Castro temia que as medidas mais radicais que estava tomando e que, conscientemente, prejudicavam os interesses dos Estados Unidos, pudessem levá-los a modificar o tratamento preferencial por Cuba no mercado do açúcar. Alguns também encaravam a retórica sobre a neutralidade na Guerra Fria como um perigo para a posição dos Estados Unidos no continente.¹²⁸ E para agravar ainda mais, aviões distribuindo panfletos com conteúdo “contrarrevolucionário” sobrevoavam Cuba, não havendo dúvidas, para o governo, de que eram provenientes dos Estados Unidos, refúgio prioritário de vários dissidentes.

Os casos mais expressivos relacionados à Igreja são os dos sacerdotes Eduardo Aguirre e Ramón O’Farrill. Em novembro de 1959, os dois padres fugiram do país e denunciaram junto às autoridades eclesásticas de Boston que o governo revolucionário tinha a intenção de construir uma Igreja Católica em Cuba independente de Roma, algo análogo ao que havia sido proposto em países comunistas há não muito tempo atrás.¹²⁹ O *Revolución* limitou-se a chamá-los de “*curitas*” renegados, pois os verdadeiros sacerdotes continuavam em Cuba.¹³⁰

As notícias de que uma guerra estava sendo travada entre a Igreja e o governo começaram a se espalhar rapidamente no final de 1959, contribuindo para acelerar um processo de desilusão já crescente com a Revolução. O regime anunciava tratar-se de uma medida contrarrevolucionária para fazê-lo parecer negador sistemático da doutrina religiosa e, conseqüentemente, desmoralizá-lo. Defendia não haver contradição com a cosmovisão cristã — ao contrário, haveria muitos objetivos em comum.

*La Iglesia Cubana debe echar a los mercaderes del templo e impedir que semejantes hipócritas, infieles y tahures continúen utilizando su nombre para provocar la discordia, en el iluso propósito de desencadenar la guerra civil. La unidad del pueblo es completa, y por encima del catolicismo (...).*¹³¹

1.5 – Entre o popular e o cívico: as tradições católicas em transformação

Nesse clima de tensão, é celebrado um dos maiores eventos religiosos da história do país. O Congresso Nacional Católico reuniu uma multidão estimada em cerca de um milhão de

¹²⁸ BONSAL, Philip. **Telegram From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files, 611.37/10-2359. Havana, 23 out. 1959, p. 640.

¹²⁹ ACLARACIONES al viaje de 2 sacerdotes. **Diario de la Marina.** La Habana, 16 dic. 1959, n. 296, año CXXVIII, p. 10B.

¹³⁰ SOCRÁTES. Esta no es una revolución de curitas. **Revolución.** La Habana, 28 dic. 1959, n. 327, año II, p. 18.

¹³¹ LA MARINA, la Revolución y el Catolicismo. **Revolución.** La Habana, 17 nov. 1959, n. 294, año II, p. 2.

pessoas. Contou com a participação de peregrinos, dos dirigentes da Igreja em Cuba, do papa João XXIII (fez uma transmissão desde o Vaticano) e de líderes do governo revolucionário, como o primeiro-ministro Fidel Castro e o presidente Dorticós. Críticos do evento afirmavam que o congresso era, na verdade, uma medida de enfrentamento ao novo regime, dando início a uma campanha por parte dos organizadores para desmentir as acusações. Diziam que o congresso tinha a intenção “*simple y llanamente de dar una demostración pública y evidente de nuestras creencias, demostrar la fe en nuestra religión y también logicamente, la fe que tenemos en la suerte de nuestra Patria, en el destino de nuestra nación*”¹³². Mas os esclarecimentos foram infrutíferos. Um dia depois, o jargão “*Caridad sí, comunismo no*” estava estampado nas capas dos jornais menos aliados ao governo como o *Avance* e o *Prensa Libre*, por exemplo.¹³³ Isso, sem dúvidas, intensificou as ameaças contra a liberdade de imprensa no país.

O congresso foi oportuno para expor os principais pontos do pensamento social católico. Em linhas gerais, defendeu-se o direito natural do homem à dignidade, o conceito cristão de propriedade, o direito de escolha sobre como educar os filhos, a igualdade dos homens de todas as raças e a condenação das doutrinas totalitárias.¹³⁴ Mesmo com os esforços em ressaltar a não implicação política do evento, o discurso subjacente parecia ser o de buscar na afirmação da fé o antídoto para se preservar diante do avanço de teorias radicadas em um materialismo científico ateu.

A embaixada dos Estados Unidos em Cuba fez uma análise bastante positiva sobre as motivações do evento, no dia 30 de novembro de 1959:

*Hard to assess what impact it will have on local political situation. Basic motivation for congress clearly religious, but many observers consider that Catholic Church attempted make its voice clearly heard on social and political issues confronting country including communism. Impact will be lessened because lack firm leadership and unity among Catholic hierarchy and reluctance take stand on public issues.*¹³⁵

Para o governo, representou mais uma oportunidade de se defender das acusações de que uma guerra ideológica não-bélica estava em curso entre ele e a Igreja. Além da participação

¹³² EXENTO el Congreso Católico Nacional de todo matiz político. **Diario de la Marina**. La Habana, 17 nov. 1959, n. 271, año CXXVIII, p. 1.

¹³³ LA PRENSA contrarrevolucionaria y el congreso católico. **Revolución**. La Habana, 1 dic. 1959, n. 306, año II, p. 3

¹³⁴ “JUSTICIA social, si; pero el comunismo no”, fue el unánime grito en el Congreso Católico. **Diario de la Marina**. La Habana, 1 dic. 1959, n. 283, año CXXVIII, p. 1.

¹³⁵ BONSAL, Philip. **Telegram From the Embassy in Cuba to the Department of State**. US. Department of State, Central Files, 837.413/11-3059. Havana, 30 nov. 1959, p. 683.

de líderes na organização, o traslado da *Virgen de la Caridad del Cobre* do Santuário Nacional no Oriente para Havana foi feito em um avião chamado *Sierra Maestra*, da força revolucionária. Membros das tropas rebeldes fizeram toda a escolta da imagem até o seu destino final e, ao chegar, a Virgem foi saudada com o hino nacional.

Com motivações semelhantes, os rebeldes que um ano antes haviam roubado a imagem de São Marcos, padroeiro de Artemisa, para impedir a realização da festa tradicional, devolveram, em janeiro, o santo à cidade, após percorrerem as ruas em uma imponente caravana de automóveis organizada por líderes rebeldes. Uma banda da polícia municipal revolucionária encabeçou o desfile seguida por uma multidão à espera do retorno do santo. A música tocada no ato quase tornava-se inaudível ofuscada pelos gritos de “*viva a la revolución, a sus libertadores y al Patrono de la Libertad*”.¹³⁶ O popular estava se tornando cívico.

Os velhos costumes iam na contramão da dinâmica transformadora das novas incursões nacionalistas que a Revolução propunha, por isso começaram a ser interpretados como obstáculo ao progresso. Ainda que não estivesse pensando na realidade cubana, Geertz analisa que esse tipo de transição nunca é linear, “Em tais assuntos, não há uma simples progressão do “tradicional” para o “moderno”, mas um movimento sinuoso, espasmódico, não-metódico que se volta tantas vezes para retomar as emoções do passado como para repudiá-las”¹³⁷.

Sinais dessa transição, em Cuba, começaram a aparecer com maior relevância em março de 1959, dois meses após o triunfo, quando um artigo do *Revolución* comparou o poder das *Navidades* (celebrações que se iniciam em 25 de dezembro e vão até 06 de janeiro) ao poder da Revolução contra a tirania. Ao lembrar o Natal de 1958, o jornal afirmava que

*(...) la festividad navideña que con toda su poderosa fuerza tradicional no ha podido romper la barrera de la voluntad popular, no ha podido aflorar – indicarse siquiera – no ha podido perforar los vastos muros de la voluntad del pueblo, embaluartada en su decisión inexorable de arrasar la tiranía. (...) nadie tiene ánimo festivo, porque cuando la Patria se desangra, sus hijos no tienen ánimo festivo.*¹³⁸

E o artigo concluiu afirmando que aquelas festas de fim de ano haviam sido “*Sin arbolitos de Navidad, sin guirnaldas en las calles, sin alborozos, sin bailes, sin mesas de festín, son las graves navidades cubanas, llenas sin embargo, de callada seguridad en la venidera Libertad.*”¹³⁹ Após a publicação desse artigo, intensificou-se uma campanha contra o Papai

¹³⁶ RESTITUÍDA a su iglesia la imagen de San Marcos. **Revolución**. La Habana, 27 ene. 1959, n. 45, año II, p.2.

¹³⁷ GEERTZ, Clifford. **op. cit.**, p. 140.

¹³⁸ IZNAGA, Alcides. Las Navidades Cubanas. **Revolución**. La Habana, 16 mar. 1959, n. 85, año II, p. 6.

¹³⁹ **Ibidem**, p. 6.

Noel e a Árvore de Natal no país, atitude que resguardava alguma semelhança, ainda que muito mais sutil, ao que acontecera na União Soviética. São famosas as fotos de crianças fazendo protestos pelas ruas de Moscou. No cartaz abaixo, à esquerda, vê-se escrito: "Pais, não nos confundam, não façam árvores de Natal." Na faixa da direita: "Educar crianças através de professores, e não de Deus."



Figura 4: Alunos do jardim de infância em demonstração antirreligiosa. Moscou, 1929, 1 fotografia. Disponível em: <<http://rus-biography.ru>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

Meses mais tarde, em outubro, corroborando com as declarações feitas na imprensa por Vicentina Antuña, diretora do Instituto Nacional de Cultura, Alejo Carpentier publica um outro artigo no *Revolución* questionando as relações existentes entre o Papai Noel, a árvore de natal e a tradição cristã. Dialogando com Lévy-Strauss, afirmou ser assombrosa a aceitação do primeiro, sendo ele um símbolo nórdico, sem qualquer ligação real com o nascimento de Cristo ou com a hagiografia de São Nicolau; o santo, na opinião do autor, “*fue un sabio doctor que combatió la herejía arriana en el Concilio de Nicea. Era obispo de Mira, en el Asia Menor, por lo cual es bastante difícil verlo asociado al trineo, los renos, la nieve y los pinos, como lo quiere cierta tradición nórdica*”¹⁴⁰. A árvore de natal seria também duramente combatida no artigo, descrita como um símbolo pagão.¹⁴¹

Outro artigo de 17 de outubro de 1959, de Roberto Fernández Retamar, novamente abordaria o assunto, mas iria um pouco além. Segundo ele, eliminar esses costumes estrangeiros

¹⁴⁰ CARPENTIER, Alejo. Navidades Cubanas. *Revolución*. La Habana, 12 oct. 1959, n. 363, año II, p. 18.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 18

das celebrações de fim de ano era, sobretudo, proteger a tradição. E como no cartaz dos protestos das crianças de Moscou, afirmou que eles “*En nada enriquecen nuestra realidad, sino la confunden*”¹⁴². Defendeu, ainda, que a tradição não é

*(...) el manso aire irrespirable que proponen los entecos tradicionalistas: es la osamenta misma de nuestra vida. La revolución hecha a andar esa osamenta, dentro de un cuerpo renovado y desafiante. Nadie puede realizar una revolución sino allí donde exista (acaso empalidecida) esa profunda realidad que se llama la tradición; como nadie puede convencernos de que ama la tradición si no está identificado con ese rostro de la tradición viviente que es la revolución. Lo otro, lo que no tiene ya vida, no es tradición, sino peso muerto o desvío.*¹⁴³

Nos preparativos para as *Navidades Revolucionarias de 1959*, uma política cultural-econômica-nacionalista foi instaurada com o intuito de cubanizar as festas de Natal. Consistiu em um apelo à sensibilidade patriótica do consumidor para adquirir apenas produtos cubanos, apoiando, assim, o desenvolvimento da economia.¹⁴⁴ A ideia era para que deixassem de adquirir artigos de manufatura estrangeiros, quando muitos outros produtos feitos em Cuba poderiam ser utilizados. Mas, para além de preocupações comerciais, buscava-se, especialmente, dar um fervor revolucionário ao Natal.

María del Pilar Castañón afirma que o regime tentou inclusive substituir o Papai Noel por uma figura autóctone de um “*guajiro*” cubano. Don Feliciano, como o chamaram, era apresentado com uma *guayabera* e um *chapéu de palha (yarey)*, típico do interior da ilha.¹⁴⁵ Havia mais substituições, o jornal *Revolución* de dezembro de 1959 anunciou que

*Las Navidades de 1959 no sólo serán las más alegres de nuestra historia, sino las más cubanas también (...). El rechoncho Santa Claus ha sido sustituido por el espigado don Feliciano. El abeto norteño por el pino vueltabajero o el arbusto de nuestros campos. El muérdago por la cenicienta hoja de yagruma... Esto es, tal vez, uno de los triunfos más grandiosos y bellos de la Revolución: la libertad espiritual de nuestro pueblo, la reconquista de nuestra personalidad.*¹⁴⁶

¹⁴² RETAMAR, Roberto Fernández. Navidades cubanas: la tradición como revolución. **Revolución**. La Habana, 17 oct. 1959, n. 269, año II, p. 2.

¹⁴³ RETAMAR, Roberto Fernández. **op. cit.**, p. 2.

¹⁴⁴ CRISTIANIZAR las Navidades es cubanizarlas. **Diario de la Marina**. La Habana, 9 oct. 1959. Editorial, n. 328, año CXXVIII, p. 4.

¹⁴⁵ CASTAÑÓN, María del Pilar Díaz. **Ideología y revolución: Cuba 1959-1962**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004, p. 151.

¹⁴⁶ LEANTE, César. Navidades Ejemplares. **Revolución**. La Habana, 22 dic. 1959, n. 323, año II, p. 2.

O lema daquele Natal foi “*Sea feliz revolucionariamente en Pascuas de Cuba libre*” e a organização das celebrações ficou a cargo de uma instituição laica, o *Ministerio de Bienestar Social*.

Foi o início de um processo de dispersão dos significados desses eventos para direcionar a uma etapa de transição. As festas mais tradicionais passaram a contar com membros do governo na organização. Não apenas isso, foram incluídos aspectos da ideologia revolucionária na composição, sejam os discursos de dirigentes do poder, quando participavam, sejam bandas de milícias, hinos, etc. Enfim a dinâmica começou a ser alterada. Jaime de Almeida contribui de forma significativa para a compreensão desse fenômeno, pois afirma que comemorar é, antes de tudo conservar, mas também prevenir a contestação social, fortalecendo, enfim, a coesão da coletividade.¹⁴⁷ As festas ajudavam a sustentar um sentido de unidade para que o governo pudesse implantar reformas. Outrossim, dar à tradição a cara da Revolução era a busca pela naturalização, algo a que encontramos amparo nos escritos de Bourdieu sobre a necessidade da revolução simbólica para a efetivação da revolução política.

No âmbito político, no fim do primeiro ano do novo governo, as liberdades individuais já tinham sido restringidas, os partidos foram temporariamente proscritos e o controle sobre os negócios privados foi acentuado. Fidel Castro não havia decidido, ou ao menos assumido, a qual lado finalmente se aliaria na bipolaridade do mundo. Iria demorar mais um pouco até que o fizesse oficialmente. A URSS e a China acompanharam com uma certa distância os primeiros embates entre Cuba e os EUA, terminando o ano com um interesse mais aguçado pela América Latina. Proporcionalmente, o regime dava sinais de querer uma maior autonomia diplomática para se relacionar com esses países.

A nomeação de Miró Cardona, um dos políticos mais pró-EUA de Cuba, para o cargo de primeiro-ministro, no início do governo, foi contrabalanceada com a expulsão do presidente Urrutia, que protestou contra a crescente influência comunista. Em seu lugar, assumiu o comando do país Osvaldo Dorticós, membro do PSP desde 1953. O poder de Raúl Castro aumentou com a criação do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias. Che Guevara, notadamente marxista, ocupou por um bom tempo uma posição de destaque no Instituto de Reforma Agrária e, depois, tornou-se Presidente do Banco Nacional. Além disso, muitas outras funções governamentais importantes foram sendo rapidamente absorvidas por líderes da

¹⁴⁷ ALMEIDA, Jaime. **Foliões:** Festas em São Luís do Paraitinga na Passagem do Século – 1888 - 1918. Tese de Doutorado. USP, 1987, p. 686.

esquerda, como é o caso do Ministério do Trabalho, Ministério para a Recuperação de Bens Adquiridos Ilegalmente e o Ministério da Construção.¹⁴⁸

O órgão oficial do governo, o *Revolución*, desde junho mostrou-se bastante interessado em acompanhar com proximidade os acontecimentos na URSS. Enquanto isso, Castro assumia uma posição anti-EUA cada vez mais forte, criticando-os abertamente em recorrentes vezes ao longo do ano. A Igreja, que havia rompido o silêncio no Congresso Nacional Católico e nas discussões sobre o ensino privado/religioso, parecia galgar para uma posição cada vez mais crítica em relação às medidas adotadas pelo novo governo.

¹⁴⁸ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 57.

CAPÍTULO 2

A Igreja Católica na construção do Socialismo em Cuba

O ano de 1960 intensificou o progressivo distanciamento entre a Igreja e a Revolução; o elemento crítico continuava a ser o grau de aproximação entre Cuba e a União Soviética. Os círculos católicos começaram a se afastar de uma política anterior de vacilações para uma ação mais efetiva na oposição. Khrushchev não havia se comprometido abertamente com Cuba e essa postura se alterou publicamente apenas depois da visita de Anastas Mikoyan.

A segunda figura mais importante da União Soviética, à época, chegou a ilha no começo do ano. Além de uma agenda diplomática, participaria dos atos de comemoração de abertura da Exposição Soviética. Foi recebido no evento em meio a protestos de centenas de estudantes universitários, muitos deles católicos, portando cartazes com os dizeres: “¡Viva Fidel, abajo Mikoyan y el Comunismo!”. Os manifestantes foram rechaçados. Os repórteres que estavam no local também acabaram sendo agredidos e tiveram seus equipamentos destruídos.¹⁴⁹

O propósito subjacente da visita de Mikoyan foi analisado pelos membros do bloco capitalista como uma estratégia para usar a Revolução como meio de minar a posição dos EUA no Hemisfério Ocidental. Em Cuba, as dúvidas quanto à guinada comunista do novo governo começaram a se dissipar. Moscou deixou claro através dos discursos de seu enviado quais eram as suas intenções para a América Latina como um todo, evidenciando o quanto as relações com a União Soviética poderiam ser frutíferas. A tensão política já em marcha entre o governo e os núcleos de oposição abriu caminho, aliada a outras razões, para a adoção de medidas mais severas destinadas a conter a insatisfação crescente contra o governo.

A formalização do restabelecimento das relações diplomáticas entre Cuba e a URSS, a ampliação das parcerias econômicas através do primeiro convênio cubano-soviético para venda de açúcar e o convênio cultural entre Cuba e países comunistas do leste europeu¹⁵⁰ evidenciavam o abandono da posição de neutralidade adotada por Fidel Castro nos momentos iniciais. A opção pelo socialismo, diante da inimizade criada com os Estados Unidos, já se fazia mais viável para levar a cabo os projetos revolucionários.

À medida que a aproximação com o bloco comunista se fazia mais visível, uma intensa oposição política contra a Revolução ganhou lugar, apoiada em muitos aspectos por importantes

¹⁴⁹ AGRESIÓN de los comunistas a estudiantes católicos cuando se disponían a honrar a Martí. **Diario de la Marina**. La Habana, 06 feb. 1960. Noticias Nacionales, n. 31, año CXXVIII, p. 1A.

¹⁵⁰ CONVENIO cultural de Cuba y el gobierno rojo yugoslavo. **Diario de la Marina**. La Habana, 30 abr. 1960, n. 102, año CXXVIII, p. 1A.

agrupações católicas. O período se caracterizou pela criação de numerosas organizações, podendo-se citar: *Juventud Demócrata Cristiana* (JUDEC), *Movimiento de Recuperación Revolucionaria* (MRR), *Movimiento Demócrata Cristiano* (MDC), *Movimiento 30 de Noviembre* (M-30-11), *Movimiento Anticomunista Católico Unido* (MACU), *Agrupación Médica Anticomunista Católica* (AMAC), *Agrupación Revolucionaria Anticomunista Católica* (ARACC), *Cristianismo contra Comunismo* (CCC), *Juventud de Acción Católica Anticomunista* (JACA), *Cruzada Patriótica Cubana* (CPC), *Salvar a Cuba* (SAC), *Acción Democrática Revolucionaria* (ADR), *Movimiento Revolucionario del Pueblo* (MRP), *Frente Revolucionario Democrático Estudiantil* (FRDE) y *Directorio Revolucionario Estudiantil* (DRE).¹⁵¹ A mais importante entre elas era o MRR; boa parte de seu contingente esteve envolvido na invasão à Baía dos Porcos.

As críticas à Igreja cresciam paralelamente à iminência da declaração do caráter socialista da Revolução. Em um dos seus discursos na reunião do Instituto de Reforma Agrária, em agosto de 1960, Castro criticou a postura dos religiosos opositores ao governo, referindo-se a eles como escribas e fariseus a favor dos privilegiados, um entrave ao progresso do país, uma fonte de forças reacionárias e traidores dos princípios de Cristo:

*Y entonces veremos que quienes condenan a una revolución que está con el pobre, que está con el humilde, que predica el amor al prójimo y la confraternidad entre los hombres, que predica la justicia entre los hombres, que predica la igualdad entre los hombres, que practica la virtud y condena al vicio, que practica el amor, que practica la generosidad, que practica el bien, ¡quien condene una revolución como esta, traiciona a Cristo! Y al mismo Cristo serían capaces de crucificarlo otra vez, ¡porque Cristo predicó lo que nosotros estamos haciendo!*¹⁵²

A assimetria entre as medidas de extrema-esquerda e a causa da “salvação” dos pobres reivindicada pelo novo governo, permitiram o despertar de questionamentos sobre quais eram as verdadeiras prioridades da Igreja, isto é, atacar o comunismo ou ajudar os humildes? O catolicismo em Cuba estava frente a uma dialética irresolúvel porque por mais que se mostrasse a favor das reformas sociais, temia e já não se permitia calar diante do avanço do comunismo. As circulares durante todo o ano de 1960 buscavam combater os fundamentos das teorias radicais de esquerda, pois, segundo a hierarquia, o inimigo já não estava mais às portas como

¹⁵¹ CRESPO, Ramón Torreira. **La Operación Peter Pan en la Memoria Histórica del pueblo cubano.** Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/49T15.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

¹⁵² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la reunión de coordinadores de cooperativas cañeras, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 10 de agosto de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f100860e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

em 1959, “*No son ya simples rumores ni aventuradas afirmaciones, más o menos interesadas o amañadas. No puede ya decirse que el enemigo está a las puertas, porque en realidad está dentro*”¹⁵³.

Ao passo que a Igreja se desenhava como um obstáculo à Revolução — ainda que no passado muitos de seus núcleos tivessem apoiado a guerrilha —, o comunismo — que havia negado apoio a Castro até os momentos conclusivos da revolta armada — despontava como aliado confiável na consecução dos seus objetivos. Sobre esse aspecto, monsenhor Serantes avaliou:

*Por la Revolución, muy identificados con ella, nuestros capellanes, los sacerdotes Sardiñas, Rivas, Lucas, Guzmán, Castaño, Caveró y Barrientos, los cuales con el mismo espíritu que los valientes soldados de las Sierras, acompañaron a éstos y los alentaron por los caminos de la lucha y de la victoria. Ahora bien, y vamos a cuentas, ¿pudiéramos saber cuántos comunistas hicieron por la Revolución lo mismo que los nuestros, que demostraron generosidad y valor espartano? ¿Y habremos de sufrir mansa y silenciosamente que sean ahora éstos los que vengan a dar a los héroes lecciones de patriotismo? ¡Apañados estamos!*¹⁵⁴

2.1 - Igreja do silêncio

Os padres Juan Ramón O’Farrill e Eduardo Aguirre, exilados nos Estados Unidos desde 1959, apresentaram, em fevereiro de 1960, documentos à OEA sobre violações dos direitos humanos em Cuba. Uma carta enviada pelos dois ao Embaixador Sánchez Gavito alegava que as medidas dos dirigentes revolucionários violavam sete artigos da declaração universal dos direitos humanos. Dentre as acusações, a adoção de métodos de guerra aplicados nos cárceres contra centenas de prisioneiros políticos, os quais estariam recebendo tratamento inumano por parte das autoridades.¹⁵⁵

No dia 3 de maio, os dois padres mais o ex-pároco de Manáguá, Juan Dios Pérez, fizeram declarações junto à Subcomissão do Senado norte-americano responsável por investigar a infiltração comunista no Caribe. O padre Aguirre afirmou que a Revolução estava atacando a Igreja. Já Dios Pérez testemunhou que Fidel Castro lhe propôs fundar a Igreja

¹⁵³ SERANTES, Enrique. Por Dios y por Cuba. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales**. Ciudad de México: La Buena Prensa, 1995, p. 55.

¹⁵⁴ Idem. Ni traidores ni parias. In: **Ibidem**, p. 69.

¹⁵⁵ DOS SACERDOTES cubanos elevan quejas a la OEA. **Diario de la Marina**. La Habana, 19 feb. 1960, n. 42, año CXXVIII, p. 1A.

Revolucionária de Cuba, uma instituição nacionalista, isolada do Vaticano.¹⁵⁶ O governo respondeu através do *Revolución*, no dia seguinte, informando que as declarações dos sacerdotes eram baseadas em rumores espalhados por contrarrevolucionários para criar confusão. Ademais, qualificou a postura deles como traição à pátria e um atentado à soberania nacional.¹⁵⁷ Díaz Lanz, ex-Chefe da Força Aérea Revolucionária, em julho de 1959, também havia feito acusações semelhantes. Disse, na ocasião, que a palavra “Deus” havia sido retirada da constituição de forma a exemplificar suas alegações.¹⁵⁸

Nesse ínterim, havia sido criada uma associação denominada *Agrupación Cívica de Revolucionarios Cubanos “Con la Cruz y con la Patria”* formada por católicos que, no momento de consolidação do regime, mostravam devoção pela Revolução. Seu objetivo era defender o novo governo desde uma posição cristã, encabeçando o clero pró-revolucionário.

Con la Cruz y con la Patria estava vinculada a outra organização: a *Unión de Católicos Revolucionarios* (UCR). Alguns padres importantes nesse processo de estruturação de força de oposição faziam ou haviam feito parte delas: Lucas Irutagoyena, Guillermo Sardiñas, Andrés Valdespino, Juan Ramón O’Farril, Eduardo Aguirre (os dois últimos fugiram de Cuba e denunciaram a Revolução nos Estados Unidos como já mencionado), Mons. Belarmino García Feíto, Mons. Manuel Rodríguez Rozas, Germán Lence, Ignacio Baín, Ángel Gaztelú, Moisés Arrechea.

As atribuições de *Con la Cruz e con la Patria* pareciam extrapolar o engajamento com a causa do governo. Muitos a apontavam como um protótipo de uma Igreja Revolucionária-Patriótica alheia às determinações de poderes estrangeiros (Roma). Algo semelhante à Associação Patriótica Católica Chinesa. O bispo auxiliar de Havana, monsenhor José Domínguez, disse ao secretário da embaixada dos Estados Unidos que “*Es muy posible que los católicos pro Castro y los pocos sacerdotes revolucionarios que aún quedan; declaren que la Jerarquía no les representa y funden su propia iglesia sobre la estructura de la existente organización Con la Cruz y con la Patria*”¹⁵⁹.

¹⁵⁶ ¡CRIMINALES en el Senado Yanqui!. **Revolución**. La Habana, 04 may. 1960, n. 434, año III, p. 17.

¹⁵⁷ **Ibidem**, p. 17.

¹⁵⁸ LANZ, Pedro Luis Díaz. **Communist threat to the United States through the Caribbean. Hearings before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and Other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary, United States Senate, Eighty-sixth Congress, first session**. Disponível em: <https://archive.org/stream/communistthreatt01unit/communistthreatt01unit_djvu.txt>. Acesso em: 15 nov. 2017.

¹⁵⁹ URÍA, Ignacio. **Iglesia y Revolución en Cuba**: Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el obispo que salvó a Fidel Castro. Madrid: Encuentro, 2011, p. 443.

O assessor eclesiástico da organização era o sacerdote Germán Lence; alguns o apontavam como futuro pontífice dessa suposta igreja cubana em criação. Lence foi suspenso de suas funções por rebeldia, proibido de rezar a missa e circulavam rumores de que seria excomungado.

No discurso de fechamento da plenária da federação nacional de trabalhadores açucareiros, Castro desaprovou completamente a medida, dizendo não haver sentido em impedir um padre revolucionário de cumprir suas funções eclesiásticas e permitir que clérigos falangistas, a favor do franquismo, do fascismo, da reação e da exploração continuassem no exercício normalmente. “*Y si al padre Lence, en un acto criminal e injusto, lo excomulgan, ¡junto con el padre Lence tendrán que excomulgar al Gobierno Revolucionario, y tendrán que excomulgar al pueblo de Cuba!*”¹⁶⁰, concluiu.

Os bons católicos, em alguma medida, passaram a ser os identificados com a organização, os demais eram padres falangistas, sob a influência dos Estados Unidos. Sobre essa questão, o arcebispo Serantes esclareceu:

*Decimos asimismo que los funcionarios de Norte América no han ejercido ni una sola vez, directa o indirectamente, influencia alguna sobre Nos, como no la han ejercido jamás los falangistas, ni los franquistas, con los cuales nunca hemos mantenido relaciones de ninguna clase. El que otra cosa afirme se equivoca; y en todo caso no dice verdad. Pero no tenemos rubor en decir, y Nos parecería cobardía no decirlo, que entre norteamericanos y soviéticos, para Nos no cabe vacilar en la elección.*¹⁶¹

O termo “falangista”¹⁶² recorrentemente usado pelos críticos ao se referirem aos clérigos não era completamente infundado. Em 07 de janeiro de 1960, quinze superiores de ordens religiosas, não se sabe ao certo quais foram, escreveram a “*Declaración conjunta de los superiores de religiosos españoles residentes en Cuba*”. No documento, justificavam o levantamento de Franco, chamando-o de “cruzada”, e defenderam o regime estabelecido na Espanha como notadamente católico. A declaração foi entregue ao embaixador da Espanha em

¹⁶⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de clausura de la plenaria nacional de la federación nacional de trabajadores azucareros, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 19 de diciembre de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f191260e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

¹⁶¹ SERANTES, Enrique. Ni traidores ni parias. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 68.

¹⁶² O termo refere-se ao Falangismo, ideologia política da Falange Espanhola Tradicionalista, partido político considerado fascista, legalmente reconhecido durante a ditadura de Francisco Franco, na Espanha. Aliou-se às forças nacionalistas de Franco durante a Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939), ajudando a depor o governo republicano de cunho socialista.

Cuba, divulgada na imprensa nacional e serviu como base para hostilidade contra os sacerdotes da ilha.¹⁶³

Um dos maiores eventos organizados pela *Con la Cruz y con la Patria* foi uma missa em prol da saúde de Fidel Castro, no dia 16 de agosto de 1960. Em torno de 30 mil fiéis participaram da cerimônia liderada pelo padre Lance. No altar, como pano de fundo da imagem da *Virgen de la Caridad*, estava a bandeira de Cuba e ao redor dele as milícias revolucionárias posicionadas. O ato foi concluído com o hino nacional e as vociferações de “¡Cuba sí, yanquis no!”. Configurou-se como uma forma de demonstrar o respaldo dos católicos à Revolução.

Alguns dias antes, em uma circular intitulada *Por la unidad de la Iglesia*, o arcebispo de Santiago Cuba manifestou sua profunda desaprovação a respeito de celebrações realizadas sem a autorização dos dirigentes da Igreja, lembrou mais uma vez que em Cuba havia uma hierarquia a ser respeitada e “*Que nadie debe echar en olvido que es la Jerarquía, y sólo ella, la encargada de dirigir y gobernar la Iglesia, y que sólo a la Jerarquía, en las personas de los Apóstoles, dirigió Jesucristo estas palabras: «el que a vosotros oye, a mí me oye; el que a vosotros desprecie, a mí me desprecia»*”¹⁶⁴.

Nos meios comunicativos, as hostilidades acentuavam-se. Roberto Salobreña, colunista do *Revolución*, criticou a Igreja severamente pelo silêncio característico de sua conduta durante a ditadura de Batista. A través de metáforas, comparou-a, valendo-se do livro do profeta Isaías, com cachorros que não latem quando ladrões invadem para roubar, que, portanto, não cumprem o seu dever, devendo ser castigados. Segundo o autor, ela se calou covardemente diante das torturas, represálias, assassinatos, corrupção administrativa, saque do país, entrega para os interesses estrangeiros e muitas outras injustiças cometidas ao longo dos anos.¹⁶⁵ Por outro lado, a oposição defendia que ela não estava usando todo o seu poder representativo para enfrentar de forma mais severa o regime, como a Igreja polonesa havia feito em contexto similar. Além disso, ela se calou diante dos primeiros excessos do governo, como os paredões de fuzilamento, por exemplo.

Contrariando o epíteto recebido — a Igreja do silêncio —, em uma circular de 7 de agosto de 1960, a cúpula católica denunciou a forma como as medidas de caráter social levadas a cabo pela Revolução não estavam respeitando os direitos dos cidadãos. Mostrou preocupação

¹⁶³ FERNÁNDEZ, Manuel. **Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta**. Miami: Saeta Ediciones, 1984, p. 83.

¹⁶⁴ SERANTES, Enrique. Por la unidad de la Iglesia. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **op. cit.**, p. 67.

¹⁶⁵ SALOBREÑA Roberto. El silencio de la iglesia. **Revolución**. La Habana, 15 sep. 1960, n. 547, año III, p. 2.

quanto ao estreitamento das relações comerciais, culturais e diplomáticas com a União Soviética e disse:

*Condenamos, en efecto, el Comunismo, en primer lugar, porque es una doctrina esencialmente materialista y atea, y porque los gobiernos que por ella se guían figuran entre los peores enemigos que ha conocido la Iglesia y la humanidad en toda su historia. Afirmando engañosamente que profesan el más absoluto respeto a todas las religiones, van poco a poco destruyendo, en cada país, todas las obras sociales, caritativas, educacionales y apostólicas de la Iglesia, y desorganizándola por dentro, al enviar a la cárcel con los más variados pretextos, a los obispos y sacerdotes más celosos y activos.*¹⁶⁶

A circular gerou uma série de protestos em todo o país. Atos de agressão aos templos tornaram-se frequentes. As autoridades afirmavam tratar-se de incidentes causados por católicos reacionários, a hierarquia refutava dizendo ser tumultos causados por pessoas compactuadas com a Revolução:

*(...) en estos casos tan lamentables, se acusa nada menos que a las víctimas de ser los provocadores de tamaños desmanes, detestados siempre por los católicos tradicionales, los cuales han contemplado siempre con horror la profanación de sus templos. Este procedimiento es el colmo y a la vez un modo dañoso de poder gritar, si no, como otrora: “cristianos, a los leones”; al menos, al estilo de ahora: paredón, paredón, que viene a ser en fondo lo mismo, e igualmente injusto.*¹⁶⁷

A situação se agravou de tal maneira que Monsenhor Evelio Díaz exigiu do governo providências para garantir a liberdade dos cultos; caso contrário, seria obrigado a fechar as portas das igrejas e proclamar uma verdadeira “*Iglesia del silencio*” para que o mundo conhecesse a realidade em Cuba.¹⁶⁸

No final de 1960, a hierarquia católica escreveu uma carta aberta ao primeiro-ministro Fidel Castro. Uma denúncia contra o agravamento da campanha antirreligiosa em consequência dos desdobramentos da circular publicada em agosto, na qual se posicionou contra a virada comunista da Revolução. Inicialmente, os prelados condenaram as detenções de sacerdotes e as injúrias contra bispos e instituições católicas através dos meios de comunicação sob o controle do governo. Fizeram referência, de forma não explícita, à *Con la Cruz e con la Patria*, cuja função única, em suas visões, era combater a hierarquia. Concluíram afirmando o compromisso exclusivo da Igreja com Cuba, reiterando apoio sem vacilações ao pleno desenvolvimento econômico do país.¹⁶⁹

¹⁶⁶ SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 61.

¹⁶⁷ SERANTES, Enrique. Vivamos en Paz. In: *Ibidem.*, p. 79.

¹⁶⁸ FERNÁNDEZ, Manuel. *op. cit.*, p. 82.

¹⁶⁹ SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 83.

Para os Estados Unidos, a ascendência do grupo comunista; as defenestrações políticas dos moderados; a expropriação de propriedades americanas sem compensação aceitável e o estabelecimento de relações diplomáticas com o bloco soviético não deixavam dúvidas de que seria necessário mudar as estratégias adotadas até então para conter o avanço do comunismo nas portas de seu território. Diante do agravamento das tensões, o rompimento diplomático aconteceu logo no começo de janeiro de 1961. A medida afetaria sobremaneira a Igreja em Cuba, pois o caminho estava livre para a invasão à Baía dos Porcos.

2.2 – O confronto entre Davi e Goliás: a invasão à Baía dos Porcos e o enfraquecimento institucional da Igreja

Os preparativos para a invasão começaram ainda no final de 1960. A grande preocupação dos Estados Unidos era o perigo representado por Cuba caso esta se tornasse parte permanente do bloco comunista. Obviamente, a ilha nunca significou uma ameaça direta, nunca houve a probabilidade de um ataque militar àquele país, contudo, uma vez comunista, ela proporcionaria uma base efetiva para operações soviéticas no continente.¹⁷⁰

Antes da invasão efetiva, foi empreendida uma série de medidas encobertas contra Castro, as chamadas *covert actions*, incluindo propaganda, sabotagem, ação política e assistência direta aos exilados cubanos no treinamento militar.¹⁷¹ Havia, no entanto, uma enorme discussão dentro das esferas do governo sobre as consequências do plano. Uma operação militar como foi concebida violaria pelo menos o artigo 2º, parágrafo 4º, e o artigo 51 da Carta das Nações Unidas; artigos 18 e 25 da Carta da Organização dos Estados Americanos e o artigo 1º do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca. Caso viessem a fracassar, o efeito seria muito adverso na opinião mundial, gerando uma nova onda desastrosa de antiamericanismo em toda a América Latina; ao mesmo tempo, solidificaria a posição política do novo regime.¹⁷²

¹⁷⁰ CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Paper Prepared in the Central Intelligence Agency.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General, 1/61-4/61. Washington, 17 fev. 1961, p. 101.

¹⁷¹BUNDY, McGeorge. **Memorandum of Discussion on Cuba.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General, 1/61-4/61. Washington, 28 jan. 1961, p. 62.

¹⁷² MANN, Thomas Clifton. **Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Mann) to Secretary of State Rusk.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General 1/61-4/61. Washington, 15 fev. 1961, p. 96.

O governo revolucionário sabia com antecedência sobre a operação. Em 29 de abril de 2000, o *Washington Post*, conhecido jornal estadunidense, publicou um artigo informando que, com base em documentações divulgadas recentemente, a União Soviética sabia a data exata da invasão — consequentemente, Cuba também. Além disso, a CIA tinha tomado conhecimento sobre a informação vazada e mesmo assim deu prosseguimento à operação.¹⁷³ O aparato de inteligência cubano também vinha trabalhando com sua rede de espões, recolhendo informações, prendendo pessoas suspeitas de atividades contrarrevolucionárias em todo país.

No dia 15 de abril, oito aviões-bombardeiro *B-26B Invader* decolaram de Puerto Cabezas (Happy Valley) na Nicarágua com destino a Cuba. Ao chegar, dividiram-se em três grupos: um atacou o aeródromo da *Ciudad Libertad*, o outro se dirigiu a San Antonio de los Baños e o último atacou o aeroporto de Santiago de Cuba. A ação deixou 7 mortos e 53 feridos. No dia seguinte, finalmente foi decretado o caráter socialista da Revolução:

*Eso es lo que no pueden perdonarnos, que estemos ahí en sus narices ¡y que hayamos hecho una Revolución socialista en las propias narices de Estados Unidos! (...) ¡Y que esa Revolución socialista la defendemos con esos fusiles!; ¡y que esa Revolución socialista la defendemos con el valor con que ayer nuestros artilleros antiaéreos acribillaron a balazos a los aviones agresores!*¹⁷⁴

Um dia depois do discurso, em 17 de abril, em torno de 1.400 exilados treinados pela CIA invadiram Cuba em uma operação anfíbia desastrosa, um dos piores erros da política externa dos Estados Unidos na Guerra Fria. As forças de Castro derrotaram os expedicionários em menos de 72 horas, resultando na morte de 200 deles e em 1.197 capturados.¹⁷⁵ O temor da diplomacia se confirmou, pois o embate serviu apenas para consolidar o poder do regime e mostrar ao mundo uma aparência de invencibilidade. Em um de seus discursos, para evidenciar a força de seu inimigo, o líder da Revolução tinha utilizado uma famosa passagem bíblica, associando o evento com “*la lucha de David contra Goliat: la lucha del pueblo pequeño contra el gigante imperialista cuyas largas manos alcanzan a pueblos de todos los continentes del mundo*”¹⁷⁶. A confrontação, nessa conjuntura, era vital. Os erros dos Estados Unidos foram úteis

¹⁷³ LOEB, Vernon. Soviets Knew Date of Cuba Attack. **The Washington Post**. Washington DC, 29 apr. 2000. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2000/04/29/soviets-knew-date-of-cuba-attack/805b049c-4073-4b24-ae4e-d0409695cbd6/?utm_term=.01a05b7619ee>. Acesso em: 11 set. 2017.

¹⁷⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

¹⁷⁵ LOEB, Vernon. **op. cit.**

¹⁷⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el desfile efectuado en la plaza cívica, el 2 de enero de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

para assegurar a veracidade das alocações sobre a necessidade de união de todos para defesa da soberania nacional.

Durante o ataque, vários sacerdotes, religiosos e bispos ficaram em prisão domiciliar. Todas as igrejas ficaram fechadas. Em 18 de abril, foi detido um dos prelados mais importantes da ilha, Eduardo Boza Masvidal, bispo auxiliar de Havana. Membros do Comitê de Defesa da Revolução (CDR) constataram o que definiram como “movimentações suspeitas feitas pelo bispo”. Masvidal foi acusado de participar de atividades contrarrevolucionárias por cuidar de carregamentos de medicamentos para forças opositoristas e portar propagandas subversivas. Na ocasião, o padre Onelio Blanco acabou por ser detido com o bispo. Essas prisões coincidiram com as de outros sacerdotes em Manzanillo: Rafael Monterrey, Gonzalo Blanco Varela, Arturo Sánchez Jérez, Pedro Cruz, Aníbal Morales, Argeo Blanco, Casimiro José, Antonio Carton Arrieta, José Luis Igquia e outros padres não identificados em San Nicolas no mesmo período.¹⁷⁷ O Cardeal Manuel Arteaga foi levado à embaixada da Argentina e o bispo de Pinar del Río, monsenhor Rodríguez Rozas, também buscou asilo diplomático.¹⁷⁸

Entre os expedicionários na *Playa Girón*, havia três sacerdotes: o jesuíta Tomás Macho, o escolápio Segundo Las Heras e o capuchinho Ismael Lugo. Os três, todos eles espanhóis, foram capturados. Sobre suas motivações padre Ismael escreveu:

*Venimos en nombre de Dios, de la justicia y la democracia a restablecer los derechos que han sido coartados, la libertad que ha sido pisoteada y la religión que ha sido sojuzgada y difamada. (...) La brigada de asalto está constituida por millares de cubanos que son cristianos y católicos en su totalidad. Nuestra lucha es la de los que creen en Dios contra los ateos, la lucha de los valores espirituales contra el materialismo, la lucha de la democracia contra el comunismo.*¹⁷⁹

Em resposta, as permissões de sacerdotes estrangeiros foram revogadas. Eles foram obrigados a abandonar o país, acentuando ainda mais o êxodo de religiosos. No ato em que condenou a permanência do clero estrangeiro na ilha, Fidel Castro argumentou:

En esta empresa vergonzosa, ¿quienes los han acompañado? (...) Tres curas vinieron con la brigada invasora. ¿Eran tres curas cubanos? No. Ninguno era cubano. Eran nada menos que tres curas españoles, tres curas falangistas. Entonces, ¿qué ocurre?, ¿que los curas fascistas y falangistas españoles han venido aquí a hacer la guerra contra la Revolución? Pues muy bien: vamos a anunciar aquí, al pueblo, que el Gobierno Revolucionario, en los próximos días decretará una ley en virtud de la cual declarará nulo todo permiso para

¹⁷⁷ PRESOS Boza Masvidal y otro cura falangista. **Revolución**. La Habana, 18 abr. 1961, n. 727, año IV, p. 5.

¹⁷⁸ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 107.

¹⁷⁹ **Ibidem**, p. 108.

*permanecer en el territorio nacional a todo sacerdote extranjero que haya en nuestro país.*¹⁸⁰

Como boa parte dos padres da ilha eram estrangeiros, a medida certamente seria um golpe desestabilizador para Igreja. Anos depois, monsenhor Eduardo Boza Masvidal analisou que

*En 1959 Cuba tenía seiscientos noventa y un sacerdotes para más de seis millones de habitantes. O sea que en un siglo el número de sacerdotes disminuyó en casi cien sacerdotes y el número de habitantes aumentó en más de cinco millones. ¿Cómo es posible así rechazar la ayuda de nuestros hermanos de otros países? Hacer salir de Cuba a los sacerdotes no cubanos equivale, pues, hablando humanamente, a dar la Iglesia cubana, o sea a la Iglesia Católica en Cuba, un golpe mortal.*¹⁸¹

O insucesso da invasão e, como consequência dele, o reforço da posição do regime no poder criaram efeitos psicológicos devastadores para a oposição católica. O aumento da repressão policial, como medida de autodefesa dada as ameaças visíveis do imperialismo, ajudou a desarticular em pouco tempo os dissidentes, por temerem de forma mais significativa as consequências de quaisquer ações contra o governo.

2.3 – Em marcha para o exílio: a Operação Peter Pan e a nacionalização do ensino privado

A migração de cubanos para os Estados Unidos não é uma característica exclusiva da era Castro. Segundo Gott, há séculos ela tem sido uma alternativa à pobreza, opressão e desavenças políticas.¹⁸² Entretanto, o contexto revolucionário conferiu algumas singularidades a esse fenômeno. Os primeiros sacerdotes a deixarem a ilha o fizeram junto ao embaixador dos Estados Unidos, em janeiro de 1959, após sua renúncia oficial. Monsenhor Bryan O. Walsh, de Miami, relatou: “*y me apena tener que decir que los primeros fueron los religiosos americanos que salieron junto con el embajador de los Estados Unidos, Earl T. Smith, a partir del tres de enero*”¹⁸³. O segundo grupo era formado por católicos da classe média alta; muitos deles haviam

¹⁸⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza cívica, 1º de mayo de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

¹⁸¹ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 112.

¹⁸² GOTT, Richard. **Cuba: Uma nova história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 241.

¹⁸³ WALSH, Bryan O. Un católico americano mira a la Iglesia Católica en Cuba. In: INSTITUTO DE ESTUDIOS CUBANOS. **Razón y Pasión: veinticinco años de estudios cubanos.** Miami: Ed. Universal, 1998. p. 30.

sido prejudicados com as transformações econômicas, outros apenas não queriam correr os riscos de viver sob um Estado Socialista.

Com a virada comunista da Revolução e, impulsionado por propagandas dentro e fora de Cuba, havia o medo generalizado de que as crianças fossem doutrinadas, a exemplo da experiência soviética, ou que até mesmo pudessem ser mandadas para países do bloco comunista. Esse temor geraria o maior êxodo de menores não acompanhados registrado na história das Américas, organizado, clandestinamente, por uma operação chamada Peter Pan¹⁸⁴.

A dinâmica de preservar os filhos em um contexto de conflito político acirrado não é nova. Não havia se passado muitos anos desde que o mundo testemunhara os voos de crianças bascas refugiadas da Guerra Civil Espanhola de 1936-1939. Em 1937, 20.000 delas emigraram para países da América Latina e Europa, posteriormente apelidadas de "Geração Guernica" nome de uma cidade destruída por bombardeio.

Nesse mesmo século, durante a Segunda Guerra Mundial, uma operação humanitária chamada *Kindertransport*, de dezembro de 1938 a agosto 1939, transportou 10.000 crianças da Alemanha, Áustria, Checoslováquia e Polônia para o Reino Unido, com o objetivo de salvá-las das políticas anti-judaicas do nazismo. Embora tenham escapado do Holocausto, tragicamente 9.000 dessas crianças nunca mais viram seus pais. Os britânicos também temiam pelos seus próprios filhos: no início da guerra, quase 3.000 crianças inglesas foram evacuadas para o Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Estados Unidos em um esforço organizado pelo *Children's Overseas Reception Board*.¹⁸⁵

O êxodo mais preocupante para os pais cubanos, dada a similaridade dos contextos históricos, talvez tenha sido o da Guerra Civil Grega de 1944-1949, quando mais de 28 mil crianças foram levadas à força para campos espalhados por todo o bloco comunista.¹⁸⁶

Durante meses, as forças opositoras ao governo fizeram circular o boato sobre a existência de um projeto de lei a ser decretado que anularia os direitos assegurados aos pais pela *Patria Potestad*¹⁸⁷. Resumidamente, o pátrio poder seria transferido às autoridades,

¹⁸⁴ O nome faz referência a história do personagem Peter Pan, criado por James M. Barrie, o qual possuía a habilidade de voar.

¹⁸⁵ CONDE, Yvonne M. **Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children**. New York: Routledge, 1999, p. 13.

¹⁸⁶ **Ibidem**, p. 13.

¹⁸⁷ *Patria potestad* deriva de *patria potestas*, um conceito codificado na antiga lei romana referente ao poder *potestas*, exercido por um pai, *pater familias*, sobre seus filhos. Do ponto de vista jurídico, a *Patria Potestad*, regulada pelo Código Civil, é o conjunto de direitos que a lei confere aos pais sobre as pessoas e os bens de suas crianças não emancipadas, bem como o conjunto de funções que também os pais devem cumprir em relação aos seus filhos. A *Patria Potestad* deve sempre ser exercida em benefício das crianças e entre os deveres dos pais estar cuidar deles, protegê-los, alimentá-los, educá-los, fornecer-lhes uma educação integral, representá-los legalmente, etc. **Ibidem**, p. 25.

acarretando a perda da custódia dos filhos, garantindo ao Estado o poder de decidir sobre o destino das crianças cubanas.

Conforme os conflitos entre a Igreja e a Revolução se aguçavam, a possibilidade de que o temido projeto fosse levado a efeito se tornava maior na visão de muitos pais de família. Eles não estavam movidos apenas pelas propagandas a respeito da suposta lei; uma série de medidas tomadas pelo governo, tendo jovens cubanos como alvo, contribuíram para elevar a preocupação em torno da questão.

Em 6 de janeiro de 1960, o Ministério da Educação anunciou um novo programa militar para estudantes do ensino médio. Foi decretado que todos eles seriam obrigados a aprender a portar armas. Parques e outros espaços abertos em todo o país transformaram-se em campos de treinamento para essas patrulhas juvenis.¹⁸⁸

A imprensa dos Estados Unidos contribuía abertamente para o caos. O tema recebia um amplo tratamento informativo nas páginas do *New York Times*, conforme um exemplo destacado a seguir:

*The Castro regime is bending every effort to capture the minds of youth. The pattern of training is similar to that used by many totalitarian governments. It included indoctrination in schools, on radio and television and in the press, military training starting at seven years of age, a hate campaign, this time directed against the United States.*¹⁸⁹

O *Noticiero para el Caribe* divulgou uma notícia, em outubro de 1960, exclamando sobre o perigo em torno da “nacionalização das crianças” diante do avanço do comunismo:

*¡Madre cubana, escucha esto! La próxima ley del gobierno será quitarte a tus hijos desde los cinco años hasta los 18 años. ¡Madre cubana, no te dejes quitar a tu hijo! Es la nueva ley del Gobierno quitártelo [...] y cuando te lo devuelvan serán unos monstruos del materialismo. Fidel se va a convertir en la Madre Suprema de Cuba. ¡No te dejes quitar a tu hijo! ¡Atención cubanos! ¡Ve a la Iglesia y sigue las orientaciones del clero!*¹⁹⁰

Documentos datados de 19 de dezembro de 1960, da embaixada dos EUA em San José, na Costa Rica, relatam sobre o comparecimento de membros da Frente Revolucionária Democrática junto à imprensa costarriquenha com a missão de “despertar a consciência de mães

¹⁸⁸ CONDE, Yvonne M. **op. cit.**, p. 16.

¹⁸⁹ **Ibidem**, p. 20.

¹⁹⁰ CRESPO, Ramón Torreira. **La Operación Peter Pan en la Memoria Histórica del pueblo cubano**. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fsccommand/49T15.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

em toda a América acerca da ameaça que o comunismo de Castro representa para elas e os filhos delas"¹⁹¹.

O governo chegou a reconhecer os rumores através do *Revolución*. Em 26 de dezembro de 1960, anunciou o estabelecimento da *Ficha Escolar Acumulativa*, criada para coletar dados familiares com os quais os educadores poderiam "Entender os problemas e dificuldades das crianças ao mesmo tempo em que se destina a compreender seus interesses e aptidões, observando e registrando todas as atividades dentro e fora da escola". E acrescentou que o tal dossiê não tinha "nada a ver com as falsas versões sobre o Estado sendo guardião das crianças, embora pareça que certas escolas religiosas estão torcendo os fatos e abertamente envolvendo atividades contrarrevolucionárias, conectando uma coisa com a outra"¹⁹².

Nas considerações de Yvonne Conde, os pais cubanos ficaram assustados, viram a ficha como uma manobra do governo para "lançar seus tentáculos" sobre a unidade familiar. Alguns disseram ser uma forma de identificar os filhos mais inteligentes, as crianças com o QI mais alto para enviá-las para a União Soviética.¹⁹³

O temor dos pais não carecia totalmente de razoabilidade; em 21 de janeiro de 1961, Fidel Castro anunciou a intenção de enviar mil estudantes cubanos à União Soviética¹⁹⁴; seu próprio filho de apenas 10 anos de idade também havia sido enviado em outra ocasião. No mesmo ano, em abril, a *America*, uma revista norte-americana, relatou que "Há alguns meses, 88 crianças de orfanatos foram enviadas de Havana para a União Soviética em nome do intercâmbio cultural"¹⁹⁵.

Todos esses fatores aumentaram a preocupação de determinados setores sociais. Para livrá-las da ameaça comunista, mais de 14 mil crianças cubanas não-acompanhadas foram enviadas para os Estados Unidos por meio de um programa criado pelo *Catholic Welfare Bureau* de Miami, sob a responsabilidade do padre irlandês Bryan Walsh. A operação durou vinte meses, entre 26 de dezembro de 1960 e 23 de outubro de 1962, intensificou-se com a interrupção das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos e chegou ao fim com a crise dos mísseis de outubro de 1962, quando os voos comerciais entre os dois países cessaram. Na concepção desses pais, seria uma solução transitória, a Revolução não duraria muito tempo

¹⁹¹ CONDE, Yvonne M. **op. cit.**, p. 25.

¹⁹² **Ibidem**, p. 26.

¹⁹³ **Ibidem**, p. 26.

¹⁹⁴ FONTAINE, Jim. Por qué Castro asfixia a la Educación Católica. **Diario de la Marina**. Miami Beach, 18 fev. 1961, n. 7, año CXXIX, p. 8

¹⁹⁵ CONDE, Yvonne M. **op. cit.**, p. 30.

no poder, as crianças estudariam inglês e logo poderiam retornar, mas não foi exatamente o que aconteceu.

O padre Bryan O. Walsh, diretor do *Catholic Welfare Bureau* e o Sr. James Baker, diretor da *Ruston Academy*, uma escola americana em Havana, trabalhavam em parceria com outras pessoas para pôr em prática a operação. Jovens de todas as partes da ilha emigraram — a maioria era católica, mas também havia várias centenas de protestantes, judeus e não-crentes, filhos de opositores — sendo obrigados a deixar seu país, cultura, amigos e idioma. Aqueles que não possuíam parentes nos Estados Unidos foram enviados para orfanatos ou instituições de caridade.

Dois aspectos concernentes à operação ainda suscitam intensos debates: o primeiro diz respeito ao nível de envolvimento da CIA (Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos) no planejamento e realização da operação; o segundo relaciona-se com a veracidade do projeto de lei. Quando questionado sobre esse último aspecto, o padre Walsh alegou conhecer pessoas nas altas esferas do governo cubano que atestavam a sua existência, mas não possuía nenhuma evidência concreta.¹⁹⁶ María Josefa Gasset-Torrado, ex-diretora de uma escola em Cuba, em uma entrevista concedida a Yvonne Conde afirmou que

*Someone brought me the patria potestad document to school, sometime around early 1961. Every Cuban mother I spoke to was willing to take to the streets if the measure went through. It was vox populi in Havana—mothers were just not going to let their children be taken from them. That is why the government backed down.*¹⁹⁷

Outro relato citado pela mesma autora foi dado por María E. Rodríguez; segundo essa testemunha, um vizinho, oficial do Ministério da Marinha, mostrou-lhe a lei. Ao vê-la, pode constatar que “*It was an official document with the government’s seal and the signatures of three ministers. One was Fidel’s and the other two I don’t remember, but I saw it with my own eyes.*”¹⁹⁸

Finalmente, em um discurso de 19 de setembro, Castro abordou o problema. Publicamente, culpou os contrarrevolucionários pela distribuição do documento falso com a intenção de alimentar a agitação entre os pais. Anunciou a prisão de catorze pessoas por acusações envolvendo a circulação da falsa lei e exclamou: “*¿Qué es esta cosa de la patria*

¹⁹⁶ OPERACIÓN Peter Pan: Volando de Vuelta a Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

¹⁹⁷ CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 40.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 40.

potestad? Este es el invento más absurdo, más inverosímil y más ridículo, es la patraña más descarada que se le ha ocurrido inventar a la contrarrevolución”¹⁹⁹.

Sobre a CIA, padre Walsh disse não possuir nenhuma prova em absoluto do envolvimento direto dela na operação, embora seja algo bastante defendido pela historiografia oficial.²⁰⁰ Recentemente, Antonio Veciana, um cidadão cubano e ex-espião da Central de Inteligência, contou à agência de notícias *AFP* que a sua função era criar notícias falsas que pudessem desestabilizar a Revolução. A primeira criada por ele foi a da suposta lei²⁰¹, conquanto seu nome não seja citado em boa parte da bibliografia existente.

Quando as esperanças a respeito da queda do novo governo pareciam ter se esgotado, outro programa havia sido negociado entre o presidente Lyndon Johnson e o primeiro-ministro Fidel Castro chamado *Vuelos de la Libertad* ou *Freedom Flights*, resultado de uma nova lei de imigração, a Lei de Ajuste Cubano, assinada em 3 de outubro de 1965 pelo presidente dos Estados Unidos.²⁰² Pais e irmãos dos *Peter Pan Children* puderam emigrar em maior quantidade para encontrá-los. Na década de 70, essa afluência começou a ser contida ao constatar-se a perda considerável de importantes profissionais capazes de ajudar a impulsionar a fragilizada economia cubana, marcada por sanções econômicas, erros internos administrativos e esforços inúteis de todos os setores para cumprir a meta de 10 milhões de toneladas de açúcar. Os voos finalmente cessaram em 1973. São poucos, mas existem casos de pais que não conseguiram deixar a ilha e nunca mais voltaram a ver seus filhos.

A singularidade da Operação Peter Pan ampara-se na sua dinâmica de “gotejamento”, isto é, de não ter sido um êxodo massivo de movimento único, mas saídas fragmentadas do país, mesmo que em ritmo mais ou menos contínuo; e também por consistir em mais uma ação estratégica dos Estados Unidos na Guerra Fria para desestabilizar Cuba. Basicamente, ela possibilitava macular de uma vez por todas a imagem do comunismo na América Latina, eliminando a possibilidade de ele ser visto como um movimento político viável para o continente. "Para os Estados Unidos, os jovens refugiados eram a prova viva dos horrores do

¹⁹⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el CMDTE Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de entrega de premios a los ganadores del concurso de canciones populares inspiradas en la revolución, en el teatro “García Lorca”, el 19 de septiembre de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f190961e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²⁰⁰ OPERACIÓN Peter Pan: Volando de Vuelta a Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

²⁰¹ EM LIVRO, ex-agente cubano da CIA conta 'história de fracasso' de tentativas de assassinar Fidel. **Opera Mundi.** São Paulo, 05 jun. 2017. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/47290/em+livro+ex-agente+cubano+da+cia+conta+historia+de+fracasso+de+tentativas+de+assassinar+fidel.shtml>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²⁰² GOTT, Richard. **op. cit.**, p. 244.

comunismo, filhos que tiveram de ser salvos e levados à liberdade"²⁰³. A centralidade da ação se explica na mudança de postura das políticas de imigração. Felix Masud-Piloto explica que nunca antes o governo estadunidense financiara os cuidados de acolhimento de crianças refugiadas no país. Os programas anteriores foram apoiados por organizações privadas, grupos de igrejas e doações individuais.²⁰⁴

O segundo grande impulsionador para o escoamento de centenas de membros do clero do país aconteceu em primeiro de maio de 1961. Fidel Castro anunciou em um discurso no ato de comemoração do dia do trabalhador, ainda como resposta aos confrontos Igreja-Revolução, a nacionalização de todas as escolas privadas²⁰⁵. A Lei 856/61 "*Ley de Nacionalización de la Enseñanza*" foi promulgada em 6 de junho do mesmo ano.

Três meses antes, um atentado com dinamite em frente à Academia Nobel no bairro de La Víbora, Havana, deixou nove estudantes e uma professora feridos. O Ministro da Educação, um dos fundadores do Movimento 26 de Julho, Armando Hart, afirmou existir dentro das escolas privadas, principalmente dentro das escolas privadas católicas, padres "falangistas" realizando campanhas contrarrevolucionárias capazes de criar o ambiente propício para um ato de terrorismo como aquele, disse ainda que "*Es una cosa derivada de la lógica más elemental decir hoy aquí, ante el mundo, decirlo hoy a todos los pueblos del mundo, que los responsables del atentado criminal de ayer son los curas falangistas*".²⁰⁶

O discurso explorou o tema de modo radical: "*¡Criminales! ¡Farsantes! ¡Sepan de una vez, sepan por todas las veces, que el pueblo de Cuba tiene la suficiente moral el suficiente decoro para decirle al mundo entero que ustedes son inmorales, poco virtuosos y canallas!*"²⁰⁷. Os participantes reunidos no ato interrompiam as falas do Ministro com gritos de "*¡Paredón para los curas!*". Hart concluiu dizendo que tudo que acontecesse com os sacerdotes a partir de então seria culpa exclusiva deles e não do governo.²⁰⁸

Jesús Soto, secretário organizador da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), também fez um discurso no dia seguinte ao atentado: os padres, de acordo com sua opinião, não

²⁰³ VAIL, Meghan. **Media Cold Warriors: How the Operation Pedro Panes Reinforced Cold War Policies towards Cuba.** Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2011/vail.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²⁰⁴ MASUD-PILOTO, Felix Roberto. **From Welcomed Exiles to Illegal Immigrants: Cuban Migration to the U.S., 1959-1995.** Lanham: Rowman & Littlefield, 1996, p. 40.

²⁰⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²⁰⁶ MÁS que tolerante ha sido la Revolución. **Revolución.** La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV, p. 2.

²⁰⁷ **Ibidem**, p. 2.

²⁰⁸ **Ibidem**, p. 2

educavam as crianças e sim as impulsionavam a usar bombas, podendo, portanto, levá-las a matar os próprios pais, disse que “*Los curas falangistas llegarán a aconsejar a un hijo que mate a la madre, ya que hay casos de colegios católicos en que se les ha dicho a las niñas que no les hablen a sus padres si son milicianos*”²⁰⁹. Com atentados como esse, disse ele, a Igreja estava provocando o governo a tomar medidas contra ela. A capa do *Revolución* trazia além da culpabilização dos padres, uma imagem mostrando lado a lado um professor revolucionário e um professor padre; na mesa do padre, a suástica do nazismo; na mesa do revolucionário, a bandeira de Cuba.

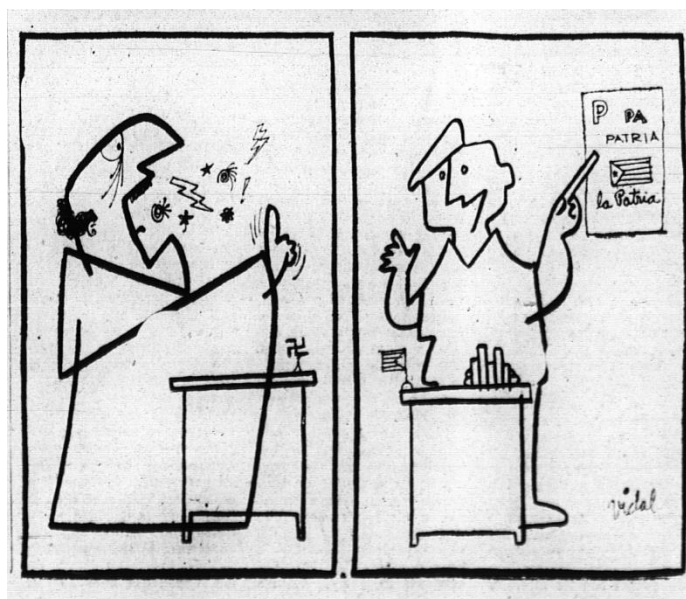


Figura 5: Dos estilos de enseñar. **Revolución**. La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV, p. 1.

Poucos dias mais tarde, Castro também falaria sobre o assunto, segundo ele

*La Revolución ha tolerado demasiado a los que deforman las mentes de los niños y los convierten en contrarrevolucionarios (...). Sería culpa nuestra si en diez años tuviésemos que fusilar a un contrarrevolucionario porque hoy lo dejamos en las manos mohosas de los que quiere, dominar las mentes de la juventud en forma antisocial y anticubana.*²¹⁰

Os discursos em repúdio ao atentado evidenciam a continuação da lógica da confrontação sobre a qual o governo revolucionário foi sendo edificado — explorava-se a imagem do inimigo externo (nesse caso, o imperialismo e o franquismo influenciando os padres cubanos) para conter as discordâncias internas. Ao mesmo tempo, fornecia a justificativa

²⁰⁹ MÁS que tolerante ha sido la Revolución. **Revolución**. La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV, p. 2.

²¹⁰ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 103.

necessária para radicalização de medidas retaliativas contra a oposição. Esse atentado em específico, que aparentemente não retém em si nenhuma ligação lógica com o clero católico, pavimentou o caminho até a nacionalização das escolas privadas pouco tempo depois.

Quando confiscados os colégios, os religiosos dessas instituições se viram motivados a deixar o país em um êxodo “voluntário”, pois a única razão que os prendia a Cuba era o trabalho educacional. No dia 25 de maio de 1961, 110 irmãos das escolas cristãs de La Salle deixaram Cuba com destino a Miami, entre eles havia 84 cubanos, 12 franceses, 8 mexicanos, 5 espanhóis e 1 colombiano.²¹¹ A saída deles foi precedida pela de 200 monjas em 18 de maio do mesmo ano.

De acordo com Ramón Crespo, em todo o país havia sob a direção da Igreja Católica “132 escuelas primarias, 48 de segunda enseñanza, 33 escuelas de comercio, 22 de secretariado, 11 del hogar, 4 high schools y 3 vocacionales”²¹². Ademais, havia também a Universidade Católica de Santo Tomás de Villanueva, a Escola Técnica de Belén e a Academia Comercial de “La Salle”. Todas passaram para o poder do governo. Vislumbrando uma possível desestabilização total da instituição, o Vaticano no mesmo mês enviou a Cuba o Cardeal Silvio Oddi para tentar contornar a situação, sem muito sucesso.

2.4 – As celebrações religiosas no Estado Socialista: espaços de manifestação de fé e de confrontação política

No IV *Congreso Nacional de la Juventud Socialista* em 1960, em Havana, Juan Marinello, importante comunista cubano, presidente do PSP desde 1944, expressou em rede nacional que

*Nada tiene que temerle los católicos al Partido Socialista Popular ni a la Juventud Socialista, mientras permanezcan dentro de sus templos adorando a sus imágenes. Pero si salen del templo y hacen contrarrevolución nos encontrarán en primera fila y luchando contra ellos, no por católicos, sino por contrarrevolucionarios.*²¹³

²¹¹ VALDESPINO, Andrés. **El exilio de los Hermanos de La Salle**. Disponível em: <<http://delasallealumni.org/nuestroeducadores/HermanosDelaSalle-Exilio.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

²¹² CRESPO, Ramón Torreira. **La Iglesia Católica en la primera oleada migratoria Cubana**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/51T13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²¹³ “NADIE puede calificar como acto contrarrevolucionario toda oposición al comunismo”. **Diario de la Marina**. La Habana, 09 abr. 1960, n. 84, año CXXXVIII, p. 1A.

A declaração causou intensa revolta nas organizações católicas nacionais, sendo vista como uma ameaça insolente à liberdade religiosa garantida pela *Ley Fundamental*. Em uma nota divulgada dias depois, a *Acción Católica* declarou que limitar a expressão religiosa ao interior dos templos era um procedimento característico dos totalitarismos anticristãos.²¹⁴

A Rádio Moscou corroborava com posturas semelhantes à de Marinello: condenou, nesse mesmo ano, os atos da Semana Santa por se configurarem como impedimento das pessoas ao trabalho, além de ser um meio de acentuar a obscuridade para a manutenção da moral abjeta. A somar, os sermões sobre ser manso e humilde obstruíam o caminho para a construção do comunismo.²¹⁵ Essa mesma lógica interpretativa seria usada pelo governo cubano poucos anos depois.

Algumas semanas antes da invasão à Baía dos Porcos, o tema da festa do Dia de Reis foi alterado para: “*Los niños con sus juguetes y los padres con las armas de la patria*” e “*Los Reyes también en pie de lucha*”. Encorajava-se os cidadãos a cumprirem a missão pelo bem da pátria como os *Reyes Magos* cumpriram a deles pelo bem da humanidade.

*Hubo Navidad feliz, con pavo, pollo, turrónes y lechón. Hubo fin de año con alegría criolla. Y, porque lo quiere el pueblo, hay Reyes Magos para todos los niños de Cuba. Mientras hombres y mujeres, padres y madres, se aprestan a luchar contra el invasor imperialista, los niños tienen su grande día. Porque ni aun bajo las balas la Revolución los olvida.*²¹⁶

No começo de março, celebrou-se na diocese de Havana o dia do catecismo, com o cartaz do evento trazendo a imagem de uma criança e os seguintes dizeres: “*Este niño, ¿será creyente o ateo? De Vd. depende. Rece por él y coopere con el catecismo*”. Não muito depois, as autoridades imprimiram um semelhante que dizia: “*¿Será este niño un patriota o un traidor? De tí depende. Enséñale a la obra de la Revolución*”.²¹⁷

A guerra travada no campo ideológico ecoava nos espaços das celebrações religiosas, ao impregná-los de cotidianidade transformava-os em campos para atos de violência, traduzindo as tensões internas do período inicial do processo revolucionário. E como assinala Madariaga, extrapolando suas reflexões para a experiência cubana, esses conflitos existem

²¹⁴ “NADIE puede calificar como acto contrarrevolucionario toda oposición al comunismo”. **Diario de la Marina**. La Habana, 09 abr. 1960, n. 84, año CXXVIII, p. 12.

²¹⁵ REITERA Moscú que “la religión es el opio de las masas”. **Diario de la Marina**. La Habana, 17 abr. 1960, n. 91, año CXXVIII, p. 1A.

²¹⁶ Los NIÑOS con sus juguetes y los padres con las armas de la patria. **Revolución**. La Habana, 6 ene. 1961, n. 642, año IV, p. 1.

²¹⁷ CUBA Sí. Direção: Chris Marker. França: Pierre Braunberger, 1961, 1 DVD (53 min).

porque os rituais festivos comportam a reflexividade social, evidenciam as contradições dos sistemas socioculturais com os quais o homem enfrenta seus desafios adaptativos.²¹⁸

A procissão da Sexta-feira Santa, em 31 de março de 1961, é um grande exemplo dessa nova dinâmica. O cortejo saiu da Igreja da Caridade e prosseguiu até o Parque Central, onde iria ocorrer o espetáculo tradicional da Paixão de Cristo. Poucos momentos depois do começo da representação, um grupo de pessoas começou a causar tumulto entre os espectadores; a confusão acabou em tiroteio, deixando 5 feridos, alguns com ferimentos de balas e outros, de faca. O *Revolución* culpou mais uma vez os prelados dizendo que “*Los provocadores contrarrevolucionarios, aleccionados por los esbirros con sotana, realizaron cobarde atentado a la fe de muchos de sus conciudadanos, fe en cuyo nombre ellos combaten a la Revolución de los humildes*”²¹⁹.

Como os dirigentes da Igreja já não possuíam meios de comunicação ao seu alcance para apresentarem a sua versão sobre o caso — até mesmo as circulares já haviam sido proibidas, tendo sido a última publicada em fevereiro de 1961, retornando apenas em 1969 —, não puderam esclarecer ao povo os motivos pelos quais sacerdotes mandariam atacar uma das celebrações de maior importância dentre as efemérides cristãs.

A festa tradicional em homenagem à *Virgen de Regla*, Yemanjá no culto africano, em 10 de setembro, contou com grande apelo popular, mesmo em meio a esses embates. No dia seguinte, o *Revolución* publicou um artigo suprimindo quaisquer informações relacionadas com os católicos. De acordo com o jornal, foram atos de profunda raiz folclórica (não religiosa) onde prevaleceu o júbilo popular puro, em um ambiente de ordem, sem os excessos das classes dominantes que apenas depreciavam as verdadeiras expressões do povo e que “*En los festejos de Regla se ha demostrado una vez más que la Revolución valoriza lo sano de nuestras tradiciones, depurándolo de las lacras que introdujeron en las mismas los explotadores, los privilegiados, los discriminadores...*”²²⁰

No mesmo dia, seria realizada em Havana a procissão da *Virgen de la Caridad*. Monsenhor Masvidal fez o procedimento habitual: solicitou à prefeitura autorização para realizar o evento, ficando acordado que seria às 17 horas. No entanto, no dia 08 de setembro, à noite, foi informado que deveria mudar o horário para às 7 da manhã. Resolveu, então, cancelar, pois àquela altura já não daria para avisar a todos sobre a mudança. Na missa do dia 10,

²¹⁸ MADARIAGA, Celeste Jiménez. Rituales festivos y confrontación social. Cruces de mayo de la provincia de Huelva. **Gazeta de Antropología**. Jaén, v. 27. n. 2, p. 1-15, 2011.

²¹⁹ TIROTEARON a una procesión los contrarrevolucionarios. **Revolución**. La Habana, 1 abr. 1961, n. 713, año IV, p. 3.

²²⁰ LOS CABILDOS de Regla. **Revolución**. La Habana, 11 sep. 1961, n. 851, año IV, p. 8.

informou sobre o cancelamento e retirou a imagem que seria levada pelas ruas. Mais de 4.000 pessoas se reuniram em frente à Igreja, desobedeceram as recomendações de voltarem para suas casas, pegaram um retrato da Virgem em uma casa próxima e saíram em cortejo vociferando: “Queremos liberdade!”, “Cuba sim, Rússia não!”. Tiros foram disparados contra a multidão e acabaram matando Arnaldo Socorros Sánchez, de apenas 17 anos. Alguns anos mais tarde, Masvidal argumentou:

*Si el Pueblo no estaba conforme con que se le arrebataran los derechos, ¿qué podía hacer yo? Si el gobierno hubiera permitido la procesión no hubiera pasado nada, pero, claro, hubiera habido una manifestación masiva de fe, de que el pueblo quería ser cristiano y no comunista y esto no se podía permitir*²²¹

Nas declarações de membros do governo, o jovem fora vítima da ferocidade anticubana do clero falangista a serviço do imperialismo yankee. Jesús Soto, no ato em memória ao rapaz assassinado, disse que “*a sangre fría los curas falangistas llevaron a cabo este nuevo crimen contra un obrero (...) ese es el crimen del clero de nuestro país*”. Por fim, defendeu a morte dele como uma bandeira na construção do socialismo em Cuba.²²² A organização católica revolucionária *Con la cruz y con la Patria* enviou um telegrama ao bispo responsabilizando-o pela morte do rapaz.

Na opinião do Ministro do Interior, Ramiro Valdés, o clero estava usando meios para confundir não só a população de Cuba, mas toda a opinião da América Latina, fazendo parecer haver uma perseguição religiosa no país. O assassinato foi resultado de tiros disparados por contrarrevolucionários de dentro da igreja contra o povo, deixando vários feridos e um morto. Segundo ele, os católicos utilizavam seus templos para esconder criminosos, facilitavam a fuga deles para o estrangeiro, guardavam propagandas subversivas, celebravam reuniões conspirativas e até escondiam explosivos. Os seus prelados, como o bispo Masvidal, responsável pela manifestação-procissão, pertenciam aos círculos aristocráticos reacionários. E as principais organizações católicas como a Ação Católica e a Juventude Operária Católica se converteram em centros ativos de conspiração. Sobre a procissão da Semana Santa e a da Virgem da Caridade, disse que “*la Alta Jerarquia de la iglesia Católica logró utilizar aunque muy deficientemente la conmemoración religiosa para hacer una demostración encaminada a combatir a Gobierno Revolucionario*”.²²³

²²¹ MASVIDAL, Eduardo Boza. **Voz en el destierro**. Miami: Idealpress, 1976, p. 235.

²²² INDIGNACIÓN popular por el asesinato del obrero. **Revolución**. La Habana, 12 sep. 1961, n. 852, año IV, p. 4.

²²³ DECLARACIONES del Ministerio del interior en relación con el suceso del domingo. **Revolución**. La Habana, 13 sep. 1961, n. 852, año IV, p. 11.

Em contrapartida, as autoridades eclesiásticas declararam a autoria do assassinato como sendo um ato das forças militares do governo. Não é possível, do ponto de vista histórico, afirmar sem reservas quem foi o verdadeiro responsável, pois seria necessário avaliar sistematicamente todos os documentos da investigação criminal que supostamente se seguiu após a tragédia. Entretanto, esses documentos não estão disponíveis para consulta, não havendo sequer certeza sobre a sua existência — o mistério ainda permanece. Também é possível supor com base em toda a documentação investigada que, além desses dois casos mais radicais, confrontos semelhantes a esses tenham ocorrido em outras ocasiões; contudo, o acesso a esse tipo de informação ainda é precário dadas as dificuldades em decorrência da censura no país.

Poucos dias depois, 131 sacerdotes foram obrigados a embarcar para a Espanha no navio “Covadonga”, acompanhados de cerca de 300 monges, religiosos, seminaristas e leigos, que decidiram partir por vontade própria. Quando todos já estavam a bordo, a milícia revolucionária trouxe o bispo Eduardo Boza Masvidal, preso desde o dia da procissão, para que também se exilasse. Uma testemunha ocular, Agustín Aleido Román, narrou a chegada dele:

*Lo vimos llegar. Nos encontrábamos dentro del barco español “Covadonga”. Era el mediodía del 17 de septiembre de 1961. Lo traía un grupo de milicianos armados con metralletas. Sus rostros traslucían el desprecio hacia aquel hombre. Lo expulsaban como quien se libera de algo dañino. No había podido afeitarse desde hacía una semana que lo tenían en prisión. Se notaba agotado porque lo habían dejado dormir muy poco con los fuertes interrogatorios que nos hacía el G-2 cuando caíamos en sus manos. Junto a la escalerita del barco lo esperaba el Embajador de España. ¡Qué contraste! El diplomático se arrodilló y besó el anillo del obispo que comenzaba el camino del destierro.*²²⁴

Entre os sacerdotes expulsos havia 33 cubanos, 12 de distintas nacionalidades, principalmente canadenses e franceses, e 86 espanhóis. Dentre esses, estavam no navio: Agustín Aleido Román, que se tornou depois bispo auxiliar de Miami; Ángel Rivas, ex-capelão do exército rebelde na Serra Maestra; Ceferino Ruiz, ex-reitor do Colégio de Belén onde Fidel Castro estudou; José Rubinos, um de seus antigos professores; Félix Feliz, sacerdote que serviu de ligação para negociar a rendição da cidade de Santiago de Cuba às tropas rebeldes; e Francisco Oves, que curiosamente retornaria a Cuba depois e seria consagrado arcebispo de Havana.²²⁵

Anos depois, monsenhor Masvidal emitiu sua opinião sobre o assunto:

En ninguna iglesia encontraron armas, a ningún sacerdote le pudieron acusar de intervenir en movimientos conspirativos. En ese barco metieron pobres

²²⁴ FERNÁNDEZ, Manuel. *op. cit.*, p. 114.

²²⁵ TESTÉ, Ismael. *Historia Eclesiástica de Cuba*. Barcelona: Complejo de Artes Gráficas Medinacelli, S.A., 1975, p. 164.

*viejos que estaban al borde del sepulcro y que murieron al poco tiempo. Nos metieron sencillamente por sacerdotes, para reducir el clero a un número con el que no fuera posible una acción eficaz de la iglesia.*²²⁶

Da Espanha, Monsenhor Masvidal foi para a Venezuela onde se tornou Vigário Geral de Los Teques. Durante as quatro décadas seguintes, fundou a União de Cubanos no Exílio (UCE) e a Fraternidade do Clero e Religiosos de Cuba na Diáspora. Através dessas organizações, esforçou-se para manter unidos os cubanos exilados por causa da perseguição política. Faleceu na Venezuela em 2003 e, atualmente, está aberto um processo para sua beatificação na diocese onde atuou. Enrique Serantes, conhecido por suas críticas contundentes ao governo, conseguiu continuar em Cuba como arcebispo de Santiago. Em 1966, já bastante enfermo, apresentou sua renúncia ao papa Paulo VI, todavia ela foi negada devido ao importante serviço prestado por ele. Faleceu em 18 de abril de 1968 — seus restos mortais encontram-se na Catedral Nossa Senhora de Assunção, na província do oriente. O Cardeal Arteaga, também perseguido nos momentos de maiores conflitos, asilou-se na embaixada argentina. Lá ficou até fevereiro de 1962, indo depois para nunciatura, em seguida para um asilo e morrendo em 1963 em Cuba, tendo sido substituído por Evelio Díaz, que renunciou em 1970.

Os anuários pontifícios, documentos elaborados pelo Vaticano com as estatísticas referentes às condições da Igreja Católica no mundo, mostram que em 1959 havia 699 sacerdotes na ilha,²²⁷ caindo para apenas 215 em 1970,²²⁸ menos de um terço do ano do triunfo da Revolução. As ordens religiosas femininas contavam com 2.225 freiras restando apenas 161 ao final desse recorte temporal.²²⁹ Esse escoamento de força sacerdotal debilitou rapidamente a comunidade católica na ilha, comprometendo irreversivelmente sua influência na estrutura social.

Os desdobramentos do assassinato da procissão não findaram com a expulsão dos sacerdotes, eles conduziram à supressão completa das celebrações religiosas públicas no país, concentrando essas práticas apenas nos espaços das igrejas. No discurso em um ato de entrega de prêmios aos ganhadores de um concurso de canções inspiradas na Revolução, Castro declarou que

²²⁶ MASVIDAL, Eduardo Boza. **Voz en el destierro**. Miami: Idealpress, 1976, p. 235.

²²⁷ VATICANO. **Anuario Pontificio Per L'anno: 1959**. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1959, p. 89-398.

²²⁸ Idem. **Anuario Pontificio Per L'anno: 1970**. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1970, p. 80-390.

²²⁹ CRESPO, Ramón Torreira. **La Iglesia Católica en la primera oleada migratoria Cubana**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/51T13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

*(...) si los permisos que se concedieron para las procesiones han sido utilizados por los contrarrevolucionarios para crear “show”, ¿se acabaron los permisos para procesiones! Se acabaron, sencillamente, los permisos; que ejerzan su culto dentro de la iglesia, que actúen dentro de la iglesia, ¡y se acabó!*²³⁰

Inicialmente, ficou determinada a obrigatoriedade de uma autorização especial para realização de cerimônias públicas. O processo de candidatura exigia a apresentação de uma lista dos participantes com um mês de antecedência e uma explicação de por que o evento precisava ser feito. Ser capaz de delimitar quantas pessoas sairiam de suas casas para participar de uma procissão, por exemplo, era absolutamente inviável naquelas circunstâncias. Além disso, como os pedidos eram constantemente negados, o resultado foi o desaparecimento sistemático de todas os eventos religiosos públicos. Eles só voltaram a realizar-se mais de três décadas depois. Sobre o desfalque de sacerdotes, Castro disse apenas que os padres revolucionários poderiam assumir as missas.

²³⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el CMDTE Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de entrega de premios a los ganadores del concurso de canciones populares inspiradas en la revolución, en el teatro “García Lorca”, el 19 de septiembre de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f190961e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CAPÍTULO 3

A luta pela sobrevivência da Igreja Católica em Cuba

Quando restritas apenas ao recinto eclesiástico, o programa original das celebrações se perdeu, seus significados foram dispersados com as transformações de valores religiosos, filosóficos, econômicos, ideológicos e sociais impulsionados pela oficialização do socialismo.

Virtudes Feliu Herrera, importante antropóloga cubana, aponta que a partir dos anos 1957-1958, no calor da luta revolucionária, começaram a desaparecer algumas festas populares tradicionais. No período de construção do socialismo e, depois quando já consolidado, como resultado das transformações levadas a cabo pelo governo, 703 festejos paulatinamente desapareceram, muito deles importantes eventos religiosos forjadores da memória histórica dos cubanos desde os momentos da colônia espanhola.²³¹

Templos, casas paroquiais, conventos, centros educacionais, associações, terrenos e edifícios de propriedade da Igreja foram tomados depois do triunfo revolucionário. Os anuários pontifícios mostram que em 1959 havia 848 Igrejas e capelas abertas ao público,²³² em 1962 — última vez que esse dado foi fornecido — caiu para 661.²³³ Embora Castro tenha dito ao Frei Betto que “nunca uma só igreja foi fechada no país”²³⁴, os dados destacados anteriormente contestam tal afirmação, mesmo levando em conta alguma margem de erro resultante do procedimento de coleta. Além disso, recentemente, têm saído nos jornais eletrônicos notícias a respeito de um “processo silencioso, discreto e gradual” iniciado em 2009, sob as ordens de Raúl Castro, para restituição das propriedades da Igreja tomadas desde 1959²³⁵, uma medida de reconciliação dentro de um quadro maior de reestabelecimento de melhores relações. Apenas a título de exemplo, a capela de Santa Teresita del Niño Jesús, de Camagüey, finalmente voltou

²³¹ HERRERA, Virtudes Feliú. **Cuba. Cartografía de la memoria. Fiestas populares tradicionales e integración latinoamericana**. Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/48659.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

²³² VATICANO. **Anuario Pontificio Per L'anno: 1959**. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1959, p. 89-398.

²³³ Idem. **Anuario Pontificio Per L'anno: 1962**. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1962, p. 80-390.

²³⁴ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 223.

²³⁵ Cf: VASQUEZ, Felipe Alfredo Santos. Cuba devuelve a la Iglesia Católica varias propiedades. **Latinoamérica Hoy**. Alabama, 29 ene. 2013. Disponível em: <<http://www.latino-news.com/cuba-devuelve-a-la-iglesia-catolica-varias-propiedades/>>. Acesso em: 29 nov. 2017. Cf: RAÚL Castro comienza a devolver propiedades a la Iglesia Católica de Cuba. **América Económica**. Madrid, 07 fev. 2013, año XVIII. Disponível em: <<http://www.americaeconomica.com/noticia.php?id=15141>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

para as mãos dos católicos depois de 50 anos de expropriação. Durante esse tempo, foi utilizada para vários fins, o último tendo sido como depósito de alimentos.²³⁶



Figura 6: Dos milicianos que participaron en la toma de los templos de Cuba (...). DIRECTORIO REVOLUCIONARIO ESTUDANTIL. **La Persecución de la Iglesia Católica en Cuba**. Quito: Casilla, 1963, p. 22.

Depredações de templos e de outros lugares de memória religiosos intensificaram-se a partir de 1962. Um dos casos mais curiosos foi o da estátua da Imaculada Conceição ou *Virgen del Camino santacolareña*. Tratava-se de um monumento público situado na província de Santa Clara, lugar de destaque na história da Revolução por ter sido o palco onde Che Guevara travou sua batalha mais importante. Durante seu mandato como Ministro das Industrias, ele inaugurou

²³⁶ DESPUÉS de 50 años, comunistas cubanos devuelven Capilla a la Iglesia. **Gaudium Press**. La Habana, 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://es.gaudiumpress.org/content/78570-Despues-de-50-anos--comunistas-cubanos-devuelven-Capilla-a-la-Iglesia-#ixzz4zcm9oi8p>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

uma fábrica na província: a Industria Nacional Productora de Utensilios Domésticos (INPUD), cujas portas se abriam em frente à imagem da Virgem.²³⁷

Não se sabe a data ao certo, mas entre 1964 e 1965 a Virgem desapareceu do pedestal onde estivera desde sua inauguração. Em meados dos anos 80, durante a preparação de um terreno nas margens do Rio Cubanicay para a construção de um mercado, a estátua foi acidentalmente encontrada em uma fossa comum. Por fim, em 1995, depois de mais de trinta anos de ocultamento, foi entregue ao Monsenhor Prego e colocada na entrada da Catedral de Santa Clara, onde encontra-se até os dias atuais.²³⁸

Desde o triunfo revolucionário, de acordo com Giliard da Silva Prado, a necessidade de legitimar o novo governo tornou-se uma exigência impreterível. Passou-se a eleger datas, figuras e acontecimentos a serem comemorados, investiu-se na criação de um calendário de caráter ritualístico, instrumento das políticas de memória do governo, estabelecendo assim, do ponto de vista oficial, as efemérides da história nacional.²³⁹ Essa construção se deu, todavia, simultaneamente à eliminação sistemática dos feriados religiosos tradicionais, para que essas celebrações não ofuscassem aquelas eleitas para dar sentido à experiência revolucionária, resultando, assim, na sua “descristianização”. Castro alegou que

*Lo que la Revolución ha hecho es barrer todas esas fechas que no significaban ninguna cosa digna para nuestro pueblo, que no significaban ningún avance real para nuestro país. Y en su lugar ha ido situando las fechas que sí significaron algo trascendental para nuestra patria.*²⁴⁰

Era o momento em que se buscava a (re)fundação de uma cultura nacional aliada às diretrizes estabelecidas pelo governo, que apenas ganhava sentido entrelaçando o combate ao imperialismo e a afirmação da soberania nacional.²⁴¹ A cultura popular deveria migrar para uma cultura revolucionária, reflexo das lutas pela libertação nacional, baseada em um calendário capaz de dignificar as trajetórias heroicas da nação: “(..) *nuestra Revolución barrió todos los*

²³⁷ BARRENECHEA, José Gabriel. La Virgen de la Charca, víctima del Che. **14ymedio**. Santa Clara, 19 nov. 2014. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/cultura/Virgen-Charca-victima-Che_0_1673232667.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²³⁸ **Ibidem.**

²³⁹ PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da Memória: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana** (1959 – 2009). Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2013, p. 5.

²⁴⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de la Playa Girón, celebrado en el teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁴¹ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, 1959-1961.** São Paulo: Xamã, 2003, p. 12.

símbolos falsos, barrió todas las falsas fechas, y reivindicó todas las verdaderas y dignas fechas históricas de nuestra patria”²⁴², explicitou Castro.

Aliados à necessidade de criar uma cultura nacional revolucionária, havia os empreendimentos para estabelecer a verdadeira religião popular, ressignificando a memória republicana da guerra contra o colonialismo espanhol. Nessa perspectiva, não havia, na opinião dos governantes, como Castro chegou a afirmar, uma tradição religiosa organizada, sistematizada e metódica — havia uma mistura de religiões e muitos indivíduos se encontravam sob o espectro de diferentes convicções.²⁴³ Com base nisso, é possível supor que, embora o ateísmo tenha buscado extirpar as influências religiosas da consciência das massas, havia uma tolerância maior com religiões como a Santería, pois os elementos que são as matrizes de sua composição refletem a alteridade da formação histórica da identidade cubana.

3.1 – Religião ou Revolução

A Revolução Cubana passou por diferentes estágios de sovietação durante a sua primeira década: manteve-se aliada ao socialismo soviético, mas não era completamente fiel à sua ortodoxia, resguardando características do trotskismo e também do maoísmo. Conseguia implementar uma política própria entrecruzando diferentes tendências do marxismo com o tradicional nacionalismo da ilha. A heterodoxia de sua linha socialista criava uma série de divergências ideológicas, impulsionadas sobretudo pelas severas críticas de Che Guevara. A grande cisão entre eles, segundo Moniz Bandeira, era a priorização por parte da União Soviética dos seus próprios interesses estratégicos de dominação geopolítica em detrimento do apoio à luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo nos países de Terceiro Mundo, configurando-a, em alguma medida, como cúmplice dos países exploradores do ocidente.²⁴⁴ Ainda que Castro não discordasse completamente de Che Guevara, a dependência de Cuba aumentava à medida que se fazia cada vez mais notável o isolamento internacional do país.

A austeridade da situação econômica, somada à emigração contínua de mão de obra qualificada, levou o governo a investir na criação de supostos campos de trabalhos forçados, na

²⁴² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de la Playa Girón, celebrado en el teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁴³ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 211.

²⁴⁴ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 545.

tentativa de suprir os desfalques deixados pelos exilados, buscando minimizar os erros cometidos pela política econômica revolucionária nos anos iniciais.

Desse modo, promulgou-se a Lei n. 1129, em 26 de novembro de 1963, referente ao serviço militar obrigatório, que precedeu a criação das UMAPs, Unidades Militares de Ajuda à Produção, no final de 1965. Pessoas por alguma razão incapacitadas de cumprir seus deveres militares como objetores de consciência, homossexuais, testemunhas de Jeová, adventistas do Sétimo Dia, sacerdotes católicos, ministros protestantes e quaisquer outros indivíduos considerados “antissociais” ou “contrarrevolucionários” eram enviados para esses locais.

Do ponto de vista analítico de Joseph Tahbaz, as UMAPs não eram uma política revolucionária voltada para um fragmento da população, mas um componente integral, multifacetado das aspirações econômicas, sociais e políticas da Revolução Cubana. A função mais importante dos campos era explorar o trabalho da *lacra social* de Cuba, de forma a compensar a grave escassez de mão-de-obra agrícola, que levava aos desequilíbrios econômicos no mercado. Em média, os internados trabalhavam cerca de 60 horas por semana, recebendo um salário escasso: sete pesos por mês — exatamente um décimo do salário mínimo mensal do estado na agricultura, na época.²⁴⁵

Jovens católicos ativos eram também enviados para esses campos, entretanto, eles compreendiam apenas a uma pequena fração. Um ex-internado estimou uma cifra de 2.000 católicos reclusos de um total de 35.000 internados — pouco mais de 5 por cento.²⁴⁶

Anos depois, Fidel Castro defenderia os campos dizendo que “(...) no eran unidades de internamiento, ni eran unidades de castigo, al contrario, se trataba de levantar la moral, presentarles una posibilidad de trabajar, de ayudar”²⁴⁷. Entre 1966 e 1967, vários artigos na imprensa cubana referenciaram as UMAPs com fotos de campos exuberantes de cana de açúcar e entrevistas com internados alegres.²⁴⁸

²⁴⁵ TAHBAZ, Joseph. Demystifying las UMAP: The Politics of Sugar, Gender, and Religion in 1960s Cuba. **DeRLAS**. Delaware, vol. 14, n. 2, p. 1-17, 31 dec. 2013.

²⁴⁶ VIEIRA, Luiz Félix. A 50 años de las Umap. **Cubaencuentro**. Ciudad de México, 29 sep. 2015. Disponível em: <<https://www.cubaencuentro.com/entrevistas/articulos/a-50-anos-de-las-umap-323725>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁴⁷ FORMENTO, Manuel Castro. **La obra de la Revolución Cubana: Aspectos Relevantes entre 1952 y 2016**. California: Ibukku, 2017, p. 30.

²⁴⁸ Cf: "Unidades Militares de Ayuda a la Producción", **Granma**, 14 de abril de 1966, 8; "Vacaciones en la UMAP por fiestas de fin de año", **Granma**, 13 de dezembro de 1966, 1; "En los cañaverales", **Verde Olivo**, 17 de abril de 1966, 8; "Operación: Testigos de Jeová", **Verde Olivo**, 23 de abril de 1966, 22-24; "Ascensos en las UMAP", **Verde Olivo**, 12 de junho de 1966, 31-33; "Unidades Militares de Ayuda a la Producción: Un Curso", **Verde Olivo**, 19 de março de 1967, 34-38; "¿Qué es la UMAP?" **Verde Olivo**, 27 de março de 1967; "Las Brigadas de Las UMAP", **Verde Olivo**, 15 de maio de 1967, 38; "Un millón en 75 días", **Verde Olivo**, 7 de maio de 1967, 19-21; "Premios en UMAP", **Verde Olivo**, 30 de outubro de 1967, 14-16; etc.

Norberto Fuentes, um informante do G2 cubano, membro do círculo interno de Fidel e Raúl, estimou que entre 30.000 e 40.000 jovens foram internados, dos quais 72 morreram em decorrência de tortura e abusos, 180 se suicidaram e 507 foram hospitalizados por trauma psiquiátrico.²⁴⁹ Apesar de alguma originalidade cubana na composição desses campos, há, para muitos estudiosos, grave semelhança com o *Gulag*, sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos e presos políticos opositores ao regime na União Soviética. Ainda que as UMAPs cubanas não tenham tido como foco o extermínio institucionalizado dos prisioneiros, para muitos pesquisadores representou mais uma etapa da soviétização do regime.

O governo nunca reconheceu publicamente as UMAPs como campos de trabalhos forçados, não obstante tenha admitido a ocorrência de muitas injustiças no período de funcionamento. Um dos presos mais notáveis foi Jaime Ortega, atual Arcebispo da Arquidiocese de Havana. Para ele, a criação dessas unidades significou o aparecimento de novas limitações para a Igreja em 1966. Disse não guardar nenhuma marca negativa dos oito meses internado, apenas afirmou que "*Si Dios quiso que esto fuera así, entonces, ¿qué quisiera él de esto? Ah, que yo sacara una lección tremenda de lo que es el ser humano, de la misericordia que hay que tener con la gente, de lo que sufre la gente y eso es importante*"²⁵⁰.

A duração das UMAPs foi relativamente curta, em 1968 elas foram fechadas devido às inúmeras denúncias feitas tanto nacionalmente — Haydée Santamaría, veterana do assalto ao Moncada e Carlos Franqui, membro do exército rebelde e diretor do *Revolución* — quanto internacionalmente na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e na imprensa internacional.²⁵¹

O afastamento de Che Guevara das atividades administrativas em decorrência das divergências fundamentais com a via para o socialismo adotada em Cuba, seu retorno à luta armada no Congo em 1965, sua morte em 1967 na Bolívia, somada à desarticulação dos principais movimentos anticomunistas internamente, permitiu ao governo cubano acomodar os conflitos ideológicos e concentrar-se nos problemas econômicos do país, orientando sua política cada vez mais em direção à URSS, ajustando-se às suas diretrizes econômicas e ideológicas. Essa atitude materializou-se com o apoio de Cuba aos esforços soviéticos para reprimir a Primavera de Praga na Checoslováquia em 1968.

²⁴⁹ FUENTES, Norberto. **Dulces guerreros cubanos**. Barcelona: Seix Barral, 1999, p. 53.

²⁵⁰ CARDENAL Ortega: 'Las UMAP fueron una experiencia única en la vida para un sacerdote'. **Diario de Cuba**. Matanzas, 15 ago. 2014. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1408123019_9979.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁵¹ GUERRA, Lillian. Gender policing, homosexuality and the new patriarchy of the Cuban Revolution, 1965–70. **Social History**, vol. 35, n. 3, p. 268-289, august 2010.

Em agosto, as tropas do Pacto de Varsóvia invadiram a Checoslováquia para conter a liberalização política iniciada pelo governo de Alexander Dubček. As intenções reformistas dos intelectuais do Partido Comunista Checo convergiam com algumas críticas feitas inclusive pelo próprio Che Guevara a respeito da velha política soviética. Dubček propunha uma tentativa de descentralização parcial da economia, a democratização de todo o sistema social e político através da restauração da garantia dos direitos civis, criando um “socialismo de rosto humano”. A livre organização partidária, a liberdade de imprensa, o Poder Judiciário independente e a tolerância religiosa eram mais algumas das garantias propostas pelo movimento repressivamente freado pela União Soviética.

Para defender a intervenção militar à Checoslováquia, avalia Moniz Bandeira, Castro fez um verdadeiro malabarismo ideológico, pois foi obrigado a reconhecer a ação da União Soviética como uma violação dos princípios de autodeterminação e respeito à soberania nacional, tese fundamental de sua principal crítica ao imperialismo estadunidense, ao mesmo tempo em que defendia a medida como uma “necessidade amarga” para evitar o reestabelecimento do capitalismo naquele país.²⁵²

Finalmente, o pragmatismo necessário para contrapor as falhas do modelo político-econômico adotado levou os dirigentes cubanos a abandonar a linha tradicionalmente independente para abraçar inexoravelmente a ortodoxia soviética. E, não há dúvidas, esse realinhamento ideológico também trouxe consequências para o campo religioso. O dilema de catolicismo ou revolução, como considera Alonso, “se tornou mais agudo pelo fato de que a assimilação estatal do marxismo ao cânone ortodoxo soviético, doutrinariamente ateísta, longe de contribuir para atenuar a incompatibilidade, a generalizava, até mesmo, em termos de ‘religião ou revolução’”²⁵³.

Os esforços para a instituição de uma cultura revolucionária não religiosa empreendiam-se de forma paralela àqueles destinados a salvar a economia. A necessidade de reaproximação com a URSS impulsionou o governo a agir em consonância com os seus interesses, conduzindo Cuba à reconcentração dos esforços na produção de açúcar.

Los diez millones van! Era o slogan do projeto ambicioso para alcançar, em 1970, uma safra recorde, aparentemente impossível, de 10 milhões de toneladas de açúcar. A “batalha do açúcar” mobilizou todas as instituições em prol desse objetivo imposto à sociedade. Não se tratava apenas de uma política econômica, era a oportunidade de dar um novo ânimo ao projeto

²⁵² BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **op. cit.**, 584.

²⁵³ ALONSO, Aurelio. A Igreja Católica, a política e a sociedade. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 25 nº. 72, p. 107-115, May/Aug. 2011.

revolucionário — ao mesmo tempo, serviu como base para um controle maior da política cultural cada vez mais direcionada pelos governantes.

A prioridade dada para alcançar a meta levou à interrupção das celebrações religiosas do Natal: “*Tenemos las tradicionales fechas de fines de año: la Nochebuena, el Año Nuevo, el 2 de Enero. ¿Dónde debemos estar el día 24 de diciembre? (‘¡En la caña!’) ¡En la caña! ¿Dónde debemos estar el día Primero de Enero? (‘¡En la caña!’)*”, exclamou Castro em um de seus discursos²⁵⁴. A pausa de trabalho nesses dias, segundo ele, poderia comprometer o sucesso do empreendimento. Inicialmente, em 1969, as comemorações de fim de ano foram remanejadas para julho, mês que alude às comemorações do assalto ao Quartel Moncada, sob a promessa do retorno à programação normal em 1970:

*Pero en realidad ha sido este un año de duro trabajo, ha sido un año de grandes esfuerzos en todos los campos (...). Entonces el próximo Año Nuevo será posiblemente el 1ro de julio, las próximas Navidades serán más o menos entre el 1ro y el 26 de julio. No es que nos proponamos cambiar las tradiciones, no es que renunciemos definitivamente a las épocas clásicas a las cuales se han habituado nuestros reflejos. Volveremos a los fines de año normales, volveremos a las Navidades normales, pero de ello tendrán que encargarse las máquinas. ¡Las máquinas tendrán que venir en rescate de nuestras tradiciones!*²⁵⁵

Ao assumir o fracasso em produzir as 10 milhões de toneladas, um ano depois, o líder novamente fez um discurso determinando o futuro das tradições no país — a tônica seria a independência frente à cultura burguesa/estrangeira para a criação de uma nova cultura autenticamente nacional. A questão econômica estava guiando mais uma vez a medida radical de supressão do Natal e do Dia de Reis, pois entre novembro e maio, do ponto de vista climático, estão os melhores meses de trabalho para a produção do açúcar:

Los que pusieron la tradición... Miren: si nos hubieran puesto el 24 de julio la Nochebuena, nosotros estaríamos encantados, no protestaríamos. Pero le han puesto universalmente la misma tradición a todo el mundo. Entonces, ¿estamos obligados? ¿Las condiciones del capitalismo son iguales? ¿Y tenemos que ponernos de rodillas frente a determinadas tradiciones? Las

²⁵⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto para dar inicio a la etapa masiva de la zafra de los 10 millones de toneladas, efectuado en el teatro “Chaplin”, La Habana, el 27 de octubre de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f271069e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁵⁵ Idem. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, al conmemorarse el X aniversario del triunfo de la rebelión, en la plaza de la revolución, el 2 de enero de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f020169e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

*tradiciones son, sí, históricas: vienen de atrás, pero también son un fenómeno subjetivo. Y nosotros podemos cambiar una por otra.*²⁵⁶

Segundo Clark, essa é uma medida sem precedentes na história do mundo ocidental, pois, mesmo em países comunistas, observou-se a continuação dessa tradição.²⁵⁷ O Natal foi novamente incorporado ao calendário oficial somente em 1998, como um gesto apaziguador diante da visita do papa João Paulo II a Cuba.

O Dia de Reis transformou-se em *Día de los Niños* e foi transferido para o terceiro domingo de julho, mas acabou desaparecendo depois. Seu destino havia sido traçado nesse mesmo discurso:

*Y nosotros algún día, algún día hasta los Reyes los pasaremos para julio. Porque en realidad el día del niño en este país... ¡Los niños nacieron en este país el día que comenzó la Revolución en este país! Antes, en realidad, eran los Reyes de los ricos, y los muchachos de las familias pobres se morían en pueblos y ciudades y en todas partes de poliomielitis, de gastroenteritis, de tétano y de todas las epidemias y de todos los males habidos y por haber y de hambre.*²⁵⁸

É possível que a perda da tradição do Dia de Reis tenha sido a mais dolorosa para aquela parcela da população ainda arraigada aos costumes religiosos. Essa efeméride remete não apenas a um episódio bíblico, mas às lembranças da infância, resistentes às sucessões das gerações. Ainda hoje, alimenta o imaginário da dissidência, sendo a celebração mais abordada nos jornais da oposição, sempre carregada de um misto de saudosismo e revolta pelo seu desaparecimento. O discurso emocionado de Yoani Sánchez retrata bem esse aspecto:

*Las tradiciones tienen la capacidad de agazaparse cuando son prohibidas. Se convierten en mito y los padres se las transmiten a los hijos en voz baja. Nada es tan absurdo como querer erradicar lo que forma parte del inventario fantástico de una sociedad. Por eso hoy, veinte años después del último juguete que me tocó por la libreta, me he regalado un chocolate. Venía todavía con olor a desierto, a pesebre y a bebé.*²⁵⁹

Além de uma demanda econômica, ela é sobretudo, política, pois a construção de uma memória coletiva encontra-se em estreita “(...) ligação com o poder na medida em que se produz o tempo, produz referenciais temporais, ‘calendários oficiais’, tempos que refletem pública e

²⁵⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, presidente de la República de Cuba, en la clausura de la plenaria nacional de la industria básica, efectuado en el teatro de la CTC, el 7 de diciembre de 1970, “Año de los 10 Millones”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f071270e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁵⁷ CLARK, Juan. **Religious Repression in Cuba** (Cuban Studies Project). Miami: Transaction Publishers, 1985, p. 3.

²⁵⁸ CASTRO, Fidel. **op. cit.**

²⁵⁹ SÁNCHEZ, Yoani. Los reyes a pie. **14ymedio**. La Habana, 07 ene. 2017. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/blogs/generacion_y/reyes-pie_7_168653139.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

individualmente eventos necessários de recordar (...)”²⁶⁰. Todos os feriados remanescentes, com exceção do 1º de maio, fazem referência às lutas pela soberania nacional. Essa medida de criação de uma oficialidade cultural atua com uma dupla função: a primeira, a pedagógica, é de desenvolver uma consciência popular revolucionária; a segunda, de legitimar o regime instituído.

O tempo ritual da Semana Santa passou a coincidir com as comemorações da vitória da invasão à Baía dos Porcos em abril (acompanhadas de mobilizações de trabalhadores), transformando-se, depois, em mais um obstáculo para as metas de produção de açúcar. Sobre esse tema, Castro afirmou em 1965:

*Y aquí, por ejemplo, algunos datos en esta semana de homenaje a los héroes de Girón; semana que coincidió con la época en que se produce la mayor baja, porque coincide con el tradicional descanso de Semana Santa. Porque, realmente, los burgueses establecieron esa costumbre; ellos eran muy católicos, pero cuando llegaba la Semana Santa se iban a pasear, de vacaciones y a parrandear. Pues nosotros tendremos nuestra semana de Girón, y será una semana proletaria, será una semana de trabajo; y sin que esto tenga ningún espíritu antirreligioso, nosotros contrarrestaremos la costumbre burguesa con nuestra semana de gloria también, que es la semana de Girón. Y la haremos coincidir con esa fecha tradicional de la Semana Santa; así que cambiará de fecha según las disposiciones del Santo Padre de Roma.*²⁶¹

As tradições sempre sofrem diante das transformações avassaladoras das revoluções. As experiências revolucionárias Russa, Mexicana e Francesa são exemplos nítidos da proporção que a perda dos costumes pode atingir para a conformação de uma nova política cultural. Todavia, muitos cubanos continuaram fazendo celebrações silenciosas dentro de suas residências. Essa dinâmica favoreceu o surgimento das *casas de misión* na década de 70, uma resposta à escassez de templos e de sacerdotes. São espaços em casas particulares para oração, catequeses, batismos e comemorações diversas. Foram consideradas, recentemente, pelo Papa Francisco,²⁶² como uma das maiores fortalezas da Igreja Católica em Cuba por permitirem, ainda que de forma precária, núcleos de manifestação da fé, criando novos espaços de presença religiosa dentro de uma sociedade aparentemente majoritariamente atea.

²⁶⁰ TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EEDUCS, 2004, p. 125-126.

²⁶¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de Playa Girón, celebrado en el teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁶² LO ULTIMO: Papa elogia casas que hacen trabajo pastoral Cuba. **Chicago Tribune.** Holguín, 21, sep. 2015. Disponível em: <<http://www.chicagotribune.com/hoy/ct-hoy-8468979-lo-ultimo-papa-elogia-casas-que-hacen-trabajo-pastoral-cuba-story.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

Um estudo dedicado a essas celebrações enclausuradas poderá esclarecer, no futuro, as condições em que uma parcela dos cubanos viveu suas tradições religiosas em meio ao desencorajamento oficial. Forçada pelas circunstâncias, a experiência socialista na ilha fez emergir um paralelismo cultural: objetivou-se criar uma cultura nova, moderna, engajada, reformando a popular, mas, equidistantemente da prática institucional, as antigas tradições se mantiveram de modo silencioso nos recônditos dos lares. Duas culturas coexistindo em um mesmo espaço com múltiplos fluxos entre distintos contextos de significação.

A forma como as celebrações precisaram se adaptar não deve ter levado ao fim de sua tradicionalidade. Como assinala Agudo, a transformação continuada é inerente à sua própria condição de ritual tradicional, pois *“la tradición que no se adapta desaparece, sólo si están vivos, si se reproducen cíclicamente, los rituales festivo-ceremoniales siguen siendo tradición”*²⁶³.

No contexto cubano, a insistência pela ciclização, ou seja, seu ato de repetir-se continuamente, é a busca da não cristalização do cotidiano em uma sociedade socialista onde os espaços de existência dessas manifestações foram oficialmente transplantados pelo civismo. Sobre a manutenção das celebrações em situações adversas, Maria Nazareth Ferreira comenta:

Essas práticas, ultrapassando a barreira do tempo, enfrentando diversas dificuldades de diferentes aspectos, vivenciando intensos processos de aculturação, de sincretismo e mesmo de proibições, prevalecem até a atualidade numa reafirmação da cultura como força propulsora de processos civilizatórios integradores e também como poderosos instrumentos de comunicação.²⁶⁴

O aspecto mais importante, todavia, poder-se-ia dizer, é que esses eventos silenciosos devem ter criado lugares de memória marginalizados no âmago do oficialismo. As contribuições de Nora auxiliam na compreensão desse fenômeno:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres notariar atas porque estas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada, sobre focos privilegiados, e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não tivesse

²⁶³ AGUDO, Juan. De rituales festivo-ceremoniales a patrimonio intangible. Nuevas recreaciones de viejas tradiciones. In: FIESTAS Y RITUALES, X ENCUENTRO PARA LA PROMOCIÓN Y DIFUSIÓN DEL PATRIMONIO INMATERIAL DE PAÍSES IBEROAMERICANOS, 10, 2009, Lima. **Anais...** Lima: Corporación para la Promoción y Difusión de la Cultura, 2009, p. 51-66.

²⁶⁴ FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e informação**, Goiânia, v. 9, n.º. 1, p. 111-117, 2006.

ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis.²⁶⁵

No princípio, era necessário recordar o antigo para estabelecer uma continuidade simbólica. Ao mesmo tempo, não esquecer era fundamental para criar um contraponto, pois a nova identidade cubana forjava-se em oposição aos velhos costumes, às ruínas morais da herança colonial. Já no Estado socialista, essas preocupações deveriam diluir-se com a invenção de novos costumes, a gestação de uma nova memória nacional e a recriação da história.

3.2 – A discriminação contra os religiosos

A centralização das políticas culturais perpassava pela centralização política no país: o Movimento 26 de Julho, o PSP e o Diretório Revolucionário fundiram-se para criação das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), transformadas depois em Partido Unificado da Revolução Socialista (PURS) e finalmente em Partido Comunista de Cuba (PCC), a base burocrática do novo governo. Os jornais com uma visão mais crítica do regime foram fechados. *O Diário de la Marina*, uma das fontes principais deste estudo, só conseguiu manter suas publicações até maio de 1960; depois disso, a sua sede foi invadida, suas atividades encerradas e todo o material foi confiscado. Os únicos periódicos autorizados oficialmente, *o Revolución* e *o Hoy*, uniram-se para formar *o Granma*, órgão oficial do PCC em 1965.

A criação do PCC era uma estratégia para conter as forças divergentes no seio da própria cúpula do poder, criando as bases para ancorar a transição para um Estado socialista de fato. Em sua essencialidade, era um partido ateu, não se admitia cristãos. Segundo o líder da Revolução, a intenção não era evitar católicos e sim contrarrevolucionários em potencial. Por isso, precisavam ser muito rigorosos para atingir a “pureza ideológica do partido”, portanto, exigia-se a adesão integral ao marxismo-leninismo.²⁶⁶ Vinte anos mais tarde, Castro reconheceu que a privação de indivíduos portadores de diferentes convicções religiosas era uma forma de discriminação:

Tanto nós, como as Igrejas em Cuba, devemos fazer uma autocrítica, especialmente a Igreja Católica, de não termos trabalhado no sentido de se criarem tais condições, para que desaparecessem as marcas e a sombra daquilo que, no passado, nos obrigou àquele rigor na seleção dos militantes do Partido.

²⁶⁵ NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

²⁶⁶ BETTO, Frei. *op. cit.*, p. 243.

Além disso, penso que tal postura não pode servir de modelo. Como político e como revolucionário, o que fizemos não deve servir de modelo.²⁶⁷

Sobreveio, conforme o critério analítico de Alonso, um maior enfraquecimento da Igreja “pela preponderância no sistema político de um doutrinário ateu, com créditos marxistas, que se traduziria em anos de restrições discriminatórias para os crentes, especialmente para católicos praticantes”²⁶⁸. Publicizar a fé tornou-se estigma diante da hegemonia ideológica do ateísmo. Dados dos Anuários Pontifícios revelam: em 1960, 89% da população se declarava católica; em 1983, esse número declinou para apenas 38%.²⁶⁹ E para escapar da vigilância dos Comitês de Defesa da Revolução, os vestígios de qualquer religiosidade eram mascarados nos lares: quadros religiosos foram sendo substituídos pelas fotografias da tríade heroica da Revolução: Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos. O número de praticantes do catolicismo entrou em declínio acentuado. Evitava-se ir às missas, ver-se publicamente com padres, participar de sacramentos ou demonstrar quaisquer indícios que pudessem suscitar dúvidas sobre a real filiação ideológica do indivíduo.

*En cada formulario que debían rellenar para entrar a un centro de estudios o un nuevo empleo estaba aquella pregunta sobre sus creencias religiosas. Muchos tapaban el crucifijo debajo de la camisa, enfatizaban que eran "compañeros confiables" y marcaban que "no"... que no creían en otra cosa que no fuera la Revolución, su líder y su Partido. De esa y otras maneras se sentaron las bases de la doble moral que hoy recorre la sociedad cubana.*²⁷⁰

Fidel Castro, quando interpelado sobre possíveis discriminações em Cuba, reconheceu que efetivamente houve e ainda há: “Se me perguntarem se há uma sutil discriminação em relação aos cristãos, respondo que sim, honestamente tenho que dizer que sim e que ainda não é uma coisa superada por nós, embora não seja intencional, deliberada, programada”²⁷¹.

3.3 - O socialismo e a religião

Quando se objetiva estudar a etapa socialista da Revolução é preciso observar as convergências e divergências desse modelo com aqueles que dividiam o mesmo espaço temporal. Como já mencionado anteriormente, por mais que tenha se aliado às diretrizes

²⁶⁷ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 247.

²⁶⁸ ALONSO, Aurelio. **op. cit.**, p. 108.

²⁶⁹ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 185.

²⁷⁰ SÁNCHEZ, Yoani. Los nietos de la Revolución aspiran a una vida normal, sin utopía ni frustraciones. **14ymedio**. Guatemala, 12 oct. 2016. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/opinion/Revolucion-aspiran-normal-utopia-frustraciones_0_2088391151.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²⁷¹ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 249.

soviéticas, Cuba resguardou uma heterogeneidade ideológica bastante peculiar em comparação às suas referências. Talvez isso se deu em decorrência de uma análise dos avanços e retrocessos da experiência comunista dos países do leste europeu não apenas no âmbito prático, mas no tocante ao seu legado histórico ou ainda por uma possível filiação ao heterodoxo marxismo latino-americano, encabeçado por políticos como o peruano José Carlos Mariátegui.

De todo modo, alguns questionamentos se impõem: em Cuba, o marxismo-leninismo adotado pelo novo governo a partir de 1961 estava em consonância com as teorias da doutrina oficial comunista em relação à religião? O que os teóricos russos haviam dito a esse respeito e o que os dirigentes do poder cubano decidiram seguir, quando se tem como base os eventos registrados nos capítulos 2 e 3 deste estudo?

O marxismo é herdeiro de uma tradição filosófica do século XVIII que tem como pensamento central a capacidade que o homem possui de melhorar sua situação quando modifica o organismo social. Essa filosofia é a pedra angular da dissensão entre ele e a Igreja. Esta torna-se um obstáculo, dado que, na opinião dos seus ideólogos mais importantes, ensina o proletariado a ser paciente e submisso diante das injustiças aqui da Terra, esperando uma recompensa celestial, impedindo-os, assim, de sair de suas condições de miséria. O socialismo, por sua vez, auxilia o proletariado a libertar-se do sedentarismo reacionário prescrito pelo pensamento religioso, incentivando-o a lutar no presente para uma vida melhor.

Jean-Jacques Rousseau, um dos mais importantes filósofos do iluminismo, já havia desenvolvido críticas semelhantes a respeito do cristianismo. Segundo ele, é um tipo de religião que dá aos homens duas legislações, dois dirigentes, duas pátrias, os submete a deveres contraditórios e os impede de ser simultaneamente devotos e cidadãos, configurando-se assim, a religião do sacerdote:²⁷² “Além disso, em vez de atrair para o Estado os corações dos cidadãos, liberta-os dele como de todas as coisas do mundo. Nada conheço de mais contrário ao espírito social”²⁷³, acrescentou Rousseau.

Em sua concepção, o cristianismo é uma religião preocupada unicamente com as coisas do céu; a pátria do cristão não é desse mundo. Por isso, não usufrui da felicidade pública de um Estado próspero, teme se orgulhar com a glória do seu país e, caso o Estado entre em decadência, ele abençoa a mão de Deus que castiga o seu povo.²⁷⁴ E analisa:

Mas estou a cometer um erro ao falar numa república cristã: estas duas palavras anulam-se uma à outra. O cristianismo prega a escravidão e a

²⁷² ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Oeiras: Editorial Presença, 2010, p. 152.

²⁷³ **Ibidem**, p. 153.

²⁷⁴ **Ibidem**, p. 154.

dependência. Tem um espírito tão favorável à tirania que é impossível para esta não se servir dele. Os verdadeiros cristãos nasceram para escravos, sabem-no e não se inquietam; esta vida é muito curta e pouco vale aos seus olhos.²⁷⁵

A incompatibilidade do cristianismo com a unidade política levaria a necessidade de uma religião civil, cujo objetivo principal é a legitimação da nação. Para tanto, não pertence a esfera privada, ela está essencialmente ligada ao Estado, irá socializar o dever-ser cívico, inscrevendo-o num horizonte ecumênico.²⁷⁶ Segundo Catroga, ela busca solidificar a permanente renovação do contrato social, mediante a educação do sentimento coletivo. Nessa perspectiva, o contrato social se confirma com um “contrato sentimental”.²⁷⁷ Para o filósofo suíço, os dogmas da religião não devem ser contrários ao seu dever com a pátria, pois

(...) interessa muito ao Estado que cada cidadão tenha uma religião que o leve a amar os seus deveres, mas os dogmas desta religião só têm interesse para o Estado, e para os seus membros, na medida em que estes dogmas estão ligados à moral e aos deveres que aquele que a professa deve cumprir para com o próximo.²⁷⁸

As teorias de Rousseau, não restam dúvidas, influenciaram boa parte das ideologias reformistas do século passado, como o socialismo, por exemplo, cuja interpretação que faz do cristianismo alicerça-se inegavelmente nas teorias iluministas.

Ao refletir sobre os princípios filosóficos marxista-leninistas é possível observar o desenvolvimento de uma crítica científica expressiva à religião. Para Lenin, ela era uma forma de opressão espiritual que pesava sobre a consciência das massas, perpetuando-se sobre a impotência das classes exploradas na luta contra os seus exploradores. A sua raiz mais profunda era a condição socialmente oprimida dos indivíduos diante das forças cegas do capitalismo, infligindo-lhes sofrimentos terríveis. Em suas próprias palavras, a “*Religion is a sort of spiritual dope, in which the slaves of capital drown the image of man, their demand for a life more or less worthy human beings*”²⁷⁹. A base filosófica do marxismo, como Marx e Engels declararam, lembrou Lenin em seu artigo *Socialism and Religion*, é o materialismo dialético, absolutamente ateuista e positivamente hostil a toda religião.²⁸⁰

²⁷⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **op. cit.**, p. 155.

²⁷⁶ CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo** (EUA/ França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC, 2005, p. 17.

²⁷⁷ **Ibidem**, p. 18.

²⁷⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **op. cit.**, p. 156.

²⁷⁹ LENIN, V. I. **Socialism and Religion**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1954, p. 6.

²⁸⁰ **Ibidem** p. 6.

Um das críticas mais recorrentes ao cristianismo, à época da estruturação do marxismo, foi o completo abandono dos interesses dos menos favorecidos por parte da hierarquia eclesiástica, não havendo qualquer movimento efetivo, nem por ações, nem por discursos, para erradicar os abusos da burguesia sobre o proletariado. De fato, transcorreram mais de 40 anos do *Manifesto Comunista* à encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, considerada um dos primeiros documentos pontificais sobre os problemas sociais e a classe operária. Pressupostos que também alimentavam as críticas de Fidel Castro sobre a vinculação classista-econômica da Igreja com a burguesia. Ademais, condenava-se a influência dela nos amplos setores da sociedade, inclusive, na questão do trabalho. Um artigo publicado por uma revista editada pela Academia de Ciências da URSS e, disponibilizado no *Diario de la Marina*, dizia que

*(...) no es solamente una iglesia sino una organización política muy extendida que proclama insistentemente su interés en los problemas laborales. La Iglesia Católica se halla íntimamente ligada con los partidos políticos clericales: los Sindicatos Cristianos de Trabajadores y las organizaciones de masas que funcionan dentro del marco de la Acción Católica. Estas conexiones permiten al clero católico ejercer cierta influencia en algunos sectores obreros.*²⁸¹

Rosa Luxemburgo, em 1905, fez uma crítica parecida:

Desde o momento em que os trabalhadores do nosso país e da Rússia começaram a lutar corajosamente contra o governo czarista e contra os exploradores capitalistas, notamos cada vez com mais frequência que os padres, nos seus sermões, se lançam contra os trabalhadores que lutam. É com extraordinário vigor que o clero combate os socialistas e tenta, por todos os meios, minimizá-los aos olhos dos trabalhadores. Os crentes que vão à igreja, nos domingos e dias festivos, são compelidos, cada vez com mais frequência, a ouvirem um violento discurso político, uma verdadeira denúncia do Socialismo, em vez de ouvirem um sermão e nele obterem uma consolação religiosa. Em vez de confortarem as pessoas que estão cheias de preocupações, e cansadas pela vida difícil, e que vão à igreja com fé no Cristianismo, os padres fulminam os trabalhadores que estão em greve e os opositores do Governo; e ainda mais, exortam-nos a suportar a pobreza e a opressão com humildade e paciência. Transformaram a igreja e o púlpito num lugar de propaganda política.²⁸²

A melhor forma de combater a religião era declará-la como um assunto privado em relação ao Estado, mas de modo algum implicava que fosse um assunto privado em relação ao partido. Não deveria haver conexão entre ela e a autoridade governamental e o sistema

²⁸¹ VARGA, Sonia. La guerra del comunismo contra la religión. **Diario de la Marina**. La Habana, 4 jul. 1958, n. 155, año CXXXVI, p. 1A.

²⁸² LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos. **Marxismo Vivo**. São Paulo, n. 11, p. 111-124, 2005.

educacional. Contudo, ao cidadão era resguardado o direito de professá-la livremente, possuindo as garantias de que não sofreria discriminação em decorrência disso, podendo, inclusive fazer parte dos quadros do partido: “*Discrimination among citizens on account of their religious convictions is wholly impermissible. Even the bare mention of a citizen’s religion in official documents should unquestionably be eliminated.*”²⁸³ Disse Lenin. Mas se alguém ambicionava ser um verdadeiro socialista, a regra era que, obrigatoriamente, deveria ser ateu. Diferente do que propôs o teórico político russo, o ingresso de crentes no Partido Comunista Cubano foi e ainda é proibido.

O Partido Comunista não deveria ser indiferente à falta de consciência de classe, ignorância ou obscurantismo na forma de crenças religiosas. A completa desestabilização da Igreja era necessária para poder combater o “nevoeiro religioso” com armas ideológicas — através, principalmente, da imprensa. O programa baseava-se inteiramente na perspectiva científica e materialista do mundo, e a religião somente poderia ser extirpada quando suas verdadeiras raízes históricas fossem explicadas às classes à luz dessa mesma perspectiva: “*We shall always preach the scientific world-outlook, and it is essential for us to combat the inconsistency of various ‘Christians’*”²⁸⁴. A exemplo disso, publicado pelo *Diario de la Marina*, a Academia de Ciências Soviética, em 3 de março de 1958, divulgou:

*Las supervivencias religiosas no mueren por su propio acuerdo en un proceso natural. Para facilitar que la gente que aún padece varias clases de prejuicios religiosos puedan liberarse de ellos es necesario... organizar la propaganda del concepto científico materialista del mundo en escala muy vasta. El partido ha realizado siempre, y mantiene todavía, una guerra ideológica contra la religión. Esta guerra es el resultado de la única concepción científica del mundo: el marxismo leninismo.*²⁸⁵

O marxismo-leninismo considera as religiões como instrumentos da reação burguesa para defender a exploração e confundir a classe trabalhadora²⁸⁶, como seria defendido também por Fidel Castro em várias ocasiões. Além de elas auxiliarem os capitalistas, servem aos seus próprios interesses, pois a eliminação da ignorância das massas seria equivalente ao fim do poder da Igreja. A revolução do proletariado devia ter como um de seus fundamentos básicos a derrocada de todos os atributos do medievalismo, categoria em que a antiga religião oficial se incluía, para que o ideal comunista pudesse ser atingido.

²⁸³ LENIN, V. I. **op. cit.**, p. 7.

²⁸⁴ **Ibidem**, p. 11.

²⁸⁵ VARGA, Sonia. La guerra soviética contra la religión. **Diario de la Marina**. La Habana, 7 jun. 1959, n. 132, año CXXVII, p. 2A.

²⁸⁶ LENIN, V. I. **op. cit.**, p. 12.

Assim, o clero, que se torna o porta-voz dos ricos, o defensor da exploração e opressão, põe-se a si próprio em flagrante contradição com a doutrina cristã. Os bispos e os padres não são os propagadores dos ensinamentos cristãos, mas os adoradores do Bezerro de Ouro e do chicote que açoita os pobres e indefesos (...). Os trabalhadores espantam-se de como na luta da sua classe pela emancipação vão encontrar nos servidores da Igreja inimigos e não aliados. Como é que a Igreja desempenha o papel de defesa da opressão rica e sangrenta, em vez de ser o refúgio dos explorados?²⁸⁷

A liberdade política só é finalmente alcançada quando a separação completa da Igreja e do Estado é efetiva. Isso requer pensá-la a partir da categoria de *luta de classes* e não como uma questão “intelectual” abstrata e idealista.²⁸⁸ Em Cuba, a separação entre o Estado e a religião e entre a religião e a educação foi colocada em prática efetivamente. Da mesma forma, como apontado por Lenin, fez-se uso massivo da imprensa para combater as crenças e reeducar as massas.

Sem embargo, uma guerra contra a religião era totalmente desencorajada. Engels chegou a afirmar que se ela ocorresse seria a melhor maneira de estimular o clericalismo militante dos católicos, impedindo completamente o seu desaparecimento. Apenas uma prática social revolucionária poderia libertar as massas oprimidas do seu jugo, “*The combating of religion cannot be confined to abstract ideological preaching, and it must not be reduced to such preaching. It must be linked up with the concrete practice of the class movement, which aims at eliminating the social roots of religion*”²⁸⁹, disse Lenin concordando com Engels. Educar o proletariado, portanto, levaria fundamentalmente à extinção da religião, não havendo a necessidade de guerras para que isso acontecesse.

Obviamente, nem mesmo a União Soviética seguiu fielmente os ensinamentos aqui apontados, mas é importante observar como a Revolução Cubana os encarou. O governo revolucionário de Cuba tinha uma visão privilegiada do passado. A União Soviética esteve encarregada de fazer os experimentos prévios ao lidar com a questão religiosa em seu território. Havia deixado ensinamentos valiosos sobre a ética complexa da filosofia marxista, e os dirigentes cubanos ainda puderam apreender o que de fato era possível alcançar nesses termos. Além disso, nutria-se do pensamento marxista latino-americano que, em muitos aspectos, se afastava do que foi teorizado pelos alemães e pelos russos. Já não era segredo que apenas educar o proletariado, como defendido por Engels, não era suficiente para eliminar a religião. Esse pressuposto marxista teve que ser revisto. Chegou-se, também, à conclusão, que uma guerra

²⁸⁷ LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos. **Marxismo Vivo**. São Paulo, n. 11, p. 111-124, 2005.

²⁸⁸ LENIN, V. I. **op. cit.**, p. 10.

²⁸⁹ Idem. **Religion**. London: CPGB-ML, 2012, p. 21.

sob os moldes de uma perseguição maciça não era a melhor forma de desestabilizar a Igreja. Mas esse interesse de fato existia? Buscou-se uma perseguição sistemática ou ela aconteceu como uma condição para atingir o ideal socialista na sociedade? Não parece ter feito parte da agenda do governo revolucionário a intenção de extinguir a religião, parece mais seguro afirmar que havia, mesmo que de forma não declarada, a intenção de propor um “deslocamento” do sagrado da religião para política.

Em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, Mariátegui, em um trecho dedicado a Gonzalez Prada, já criticava a postura soviética em relação à religião:

Gonzalez Prada se iludia [...] ao nos pregar anti-religiosidade. Hoje conhecemos muito mais do que na sua época sobre a religião [...]. Sabemos que uma revolução é sempre religiosa. A palavra religião tem um novo valor, um novo sentido. Serve para designar alguma coisa além de um rito ou uma igreja. Não importa que os soviéticos escrevam nos seus panfletos propagandísticos que "a religião é o ópio dos povos". O comunismo é essencialmente religioso. O que ainda motiva equívocos é a velha acepção do termo.²⁹⁰

A Igreja, em contrapartida, produziu acentuadas críticas ao socialismo e ao comunismo. Pelo menos dez papas fizeram condenações a esses sistemas políticos: Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Sendo as encíclicas mais importantes sobre o assunto: a *Rerum Novarum* de Leão XIII, a *Divinis Redemptoris* e a *Quadragesimo Anno* de Pio XI. Nessas e em outras cartas papais, os dirigentes da Igreja abordaram temas como a subversão da ordem “natural” das coisas causada pelo socialismo; a laicidade; o ateísmo; a perda do temor a Deus e a irreverência pelas leis divinas; a supressão do direito à propriedade; o Estado controlador dos regimes comunistas; a perseguição religiosa; o uso abusivo da imprensa; e a idealização do socialismo como “solução simples e radical” para todos os problemas da sociedade.

Para a Igreja, o socialismo/comunismo são movimentos históricos bastante limitados, pois reduzem todos os problemas da sociedade a uma questão de luta de classes, basicamente econômica, pautando-se em termos muito genéricos: apresenta-se sob a máscara da redenção dos humildes e por um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade universal.²⁹¹ Contudo, para atingir tais termos, que em sua essência não contrariam a doutrina católica, tentam revolucionar radicalmente a ordem social, subvertem os fundamentos da civilização

²⁹⁰ MARIÁTEGUI, José Carlos apud LÖWY, Michael. *Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 19, n. 55, p. 105-116, sep./dec. 2005.

²⁹¹ PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

cristã, levando à severa restrição à liberdade humana, subordinando todos os valores e costumes ao fim último de seus projetos.²⁹² Segundo Pio XI, o comunismo

(...) ensina duas coisas e as procura realizar (...): guerra de classes sem tréguas nem quartel e a completa destruição da propriedade particular. Na prossecução destes objetivos a tudo se atreve, nada respeita; uma vez no poder, é incrível e espantoso quão bárbaro e desumano se mostra. Aí estão a atestá-lo as mortandades e ruínas de que alastrou vastíssimas regiões da Europa oriental e da Ásia.²⁹³

Sobre as vítimas do comunismo na União Soviética e no México, ainda acrescentou:

Porque, onde quer que os comunistas conseguiram radicar-se e dominar, - e aqui pensamos com particular afeto paterno nos povos da Rússia e do México, - aí, como eles próprios abertamente o proclamam, por todos os meios se esforçaram por destruir radicalmente os fundamentos da religião e da civilização cristãs, e extinguir completamente a sua memória no coração dos homens, especialmente da juventude. Bispos e sacerdotes foram desterrados, condenados a trabalhos forçados, fuzilados, ou trucidados de modo desumano; simples leigos, tornados suspeitos por terem defendido a religião, foram vexados, tratados como inimigos, e arrastados aos tribunais e às prisões.²⁹⁴

Para esse pontífice, a luta de classes toma o aspecto de uma guerra santa em prol do progresso da humanidade, produzindo uma sociedade baseada unicamente em fundamentos materialistas. Isso significa a formação de uma coletividade, sem outra hierarquia mais do que a derivada do sistema econômico, com a missão de produção de riqueza através do trabalho coletivo, tendo como único fim o gozo dos bens da terra.²⁹⁵ Enfim, a doutrina socialista é inconciliável com a católica:

O socialismo quer se considere como doutrina, quer como facto histórico, ou como « ação », se é verdadeiro socialismo, mesmo depois de se aproximar da verdade e da justiça nos pontos sobreditos, não pode conciliar-se com a doutrina católica; pois concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã.²⁹⁶

²⁹² JOÃO XXIII. **Encíclica Mater et Magistra**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

²⁹³ PIO XI. **Quadragesimo Anno**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

²⁹⁴ Idem. **Divinis Redemptoris**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

²⁹⁵ **Ibidem**.

²⁹⁶ Idem. **Quadragesimo Anno**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

A aceitação dos ideais comunistas pelo mundo, segundo os discursos dos papas aqui analisados, se dá pelo uso “abusivo” do próprio evangelho em favor de suas teorias²⁹⁷ e através da imprensa que, habilmente, explorando sobretudo a crise econômica, apresenta-os camuflados em promessas deslumbrantes: querem apenas melhorar a sorte das classes trabalhadoras; pretendem acabar com os abusos provocados pela economia liberal; desejam uma distribuição mais equitativa dos bens terrenos, etc.²⁹⁸

E essa propaganda, emanada duma fonte única, adapta-se astutamente às condições particulares dos povos; dispõe de grandes meios financeiros, de inúmeras organizações, de congressos internacionais concorridíssimos, de forças compactas e bem disciplinadas; propaganda quer por jornais, revistas e folhas volantes, pelo cinema, pelo teatro, pela radiofonia, pelas escolas enfim e pelas Universidades (...).²⁹⁹

Finalmente, há uma unanimidade entre os pontífices mais críticos do socialismo de que não há semelhanças entre suas propostas e a doutrina de Jesus Cristo, como alguns movimentos de esquerda tentam evidenciar, pois

Embora os socialistas, abusando do próprio Evangelho, a fim de enganarem mais facilmente os espíritos incautos, tenham adotado o costume de distorcê-lo para se adequar aos seus próprios propósitos, é tão grande a divergência entre as suas doutrinas depravadas e a puríssima doutrina de Cristo, que maior não poderia ser. Pois que pode haver de comum entre a justiça e a iniquidade? Ou entre a luz e as trevas?³⁰⁰

A interpretação dos marxistas acerca da história do cristianismo, entretanto, aponta inúmeros pontos de contato entre eles e os cristãos primitivos. Rosa Luxemburgo, por exemplo, chegou a dizer que “é chocante notar que os padres de hoje, que combatem o comunismo, condenam, na realidade, os primeiros apóstolos cristãos. Estes não passaram, de fato, de ardentes comunistas”³⁰¹. Também Fidel Castro elaborou proposições semelhantes, para ele

Não há nenhuma dúvida – nem é questão de mera interpretação – em relação ao fato de que o cristianismo (...) era uma doutrina considerada revolucionária pelo Império Romano e objeto das mais cruéis perseguições, o que posteriormente sempre relacionei com a história dos comunistas, pois estes também foram, desde que o comunismo surgiu como doutrina política e revolucionária, vítimas de atrozes perseguições de torturas e de crimes. A grande verdade histórica é que o movimento comunista tem, também, uma

²⁹⁷ LEÃO XIII. **Encíclica Quod Apostolici Muneris**. Petrópolis: Vozes, 1878, p. 8.

²⁹⁸ PIO XI. **Divinis Redemptoris**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

²⁹⁹ **Ibidem**.

³⁰⁰ LEÃO XIII, **op. cit.**, p. 8.

³⁰¹ LUXEMBURGO, ROSA. **op. cit.**, p. 111-124.

legião de mártires nas suas lutas pela transformação de um sistema social injusto.³⁰²

A prioridade dada pela crítica dos papas resumiu-se às perseguições aos cristãos, à incompatibilidade entre a concepção do homem e à organização social proposta pelo socialismo/comunismo, diametralmente oposta à doutrina católica. A tônica nunca foi encontrar graus de aproximação que pudessem haver entre uma e outra filosofia, tanto na teoria política quanto no modo de ação, embora em algumas poucas ocasiões isso tenha acontecido. Contudo, o Concílio Vaticano II, a Teologia da Libertação e a participação dos cristãos nos movimentos revolucionários da América Latina mudariam esse cenário.

3.4 – Estruturando novos diálogos com a Igreja: o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação

Três fatores foram cruciais para romper minimamente as barreiras criadas no diálogo entre a Revolução e a Igreja na década de 60: a escolha de Cesare Zacchi como novo representante da Santa Sé em Cuba, os ecos do Concílio Vaticano II na América Latina e o surgimento da Teologia da Libertação.

Para tentar conter ainda mais o êxodo dos católicos, o Vaticano enviou o jovem diplomático monsenhor Cesare Zacchi para ilha como encarregado de negócios da Santa Sé. Ele possuía larga experiência em países socialistas da Europa, principalmente na Iugoslávia, de onde foi expulso no momento mais agudo da perseguição religiosa. Trazia consigo a difícil missão de estabelecer um *modus vivendi* com o governo, juntando os pedaços da estrutura fragilizada do catolicismo após os primeiros anos de desencontros ideológicos.

A chegada de Cesare Zacchi, em 1960, foi significativa para contornar os conflitos, claramente uma decisão diplomática realista de Roma, embora a postura dele no trato com o governo tenha sido bastante heterodoxa. O padre François Houtart esteve em Havana em 1963 e, na ocasião, conversou com Zacchi revelando posteriormente o teor da conversa:

Me cuenta como se vio obligado a luchar para impedir un éxodo casi completo de los sacerdotes y de los religiosos de Cuba. Hubo un momento de verdadero pánico y por otra parte, muchos pensaban que la única política a seguir era abandonar completamente la isla, de modo que con esto la iglesia hiciese el vacío (...). Sobre más de tres mil religiosos, por lo menos 2,500 han

³⁰² BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 326.

*partido. Mons. Zacchi me explica con detalles todo lo que intentó hacer para impedirles partir.*³⁰³

Zacchi trabalhou diretamente com o governo para tentar revogar muitas ordens de expulsão de religiosos, concomitantemente, tentava conter o pânico generalizado entre eles, estabelecendo laços de amizade pessoal com Fidel Castro. Atribui-se aos seus esforços grande parte da responsabilidade na acomodação das divergências entre a Revolução e a Igreja Católica, como Castro reconheceu:

Nisso influiu muito um núncio muito inteligente e capacitado que tivemos aqui, monsenhor Zacchi, uma pessoa construtiva, extraordinária, que percebeu a inconveniência de conflitos entre a Igreja e a Revolução e ajudou a evitá-los. Creio que deu importante contribuição para evitar que tais conflitos se aprofundassem.³⁰⁴

Foi criado um escritório junto ao Comitê Central do Partido Comunista exclusivamente destinado a tratar de assuntos eclesiais junto ao Núncio. As demandas apresentadas pelos bispos eram enviadas para Zacchi e ele negociava diretamente com o diretor da *Oficina de Asuntos Eclesiásticos*. Tensões até então consideradas insuperáveis puderam ser amenizadas com essa nova dinâmica.³⁰⁵ Monsenhor Zacchi se tornou Núncio Apostólico de Cuba em 1974, mas permaneceu no cargo apenas até 1975, quando foi convocado a Roma para assumir a presidência da Pontifícia Academia Eclesiástica. O Vaticano nunca rompeu relações diplomáticas com Cuba em todos esses anos. Mesmo se tratando de um país socialista, sempre contou com um representante diplomático da Santa Sé, mantendo avanços e recuos de aproximação nos diferentes contextos da experiência revolucionária.

Em 1965, concluiu-se o Concílio Vaticano II, que pode ser considerado uma “revolução axiológica” da Igreja Católica, cujas deliberações serviram como precedentes para o surgimento, no final da década de sessenta e início da década de setenta, de um movimento progressista denominado Teologia da Libertação. O Concílio foi convocado em 25 dezembro de 1961, através da bula papal *Humanae Salutis* pelo papa João XXIII. Segundo o papa João Paulo II, foi, sobretudo, “um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo”. Esta “reflexão global” vinha como imposição das

³⁰³ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 121.

³⁰⁴ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 223.

³⁰⁵ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 123.

grandes mudanças do mundo contemporâneo e se fez necessária “para dar à Igreja a possibilidade de contribuir mais eficazmente na solução dos problemas da idade moderna”³⁰⁶.

Para o Cardeal Suenens, “O Vaticano II é o 1789 na Igreja”³⁰⁷, tamanhas as transformações inauguradas por ele ao romper as barreiras históricas do tradicionalismo católico para trilhar um caminho mais progressista de atuação no mundo. Cuba demonstrou entender a importância do evento: permitiu a viagem de três de seus bispos para assistir a três sessões do Concílio³⁰⁸.

A efervescência política dos anos 60 ecoou também nas discussões conciliares. Os crescentes esforços de expansão do comunismo no mundo levaram alguns bispos a considerar o momento como uma ótima oportunidade para tratar da questão, até então omitida completamente na análise geral do esquema conciliar. Na segunda sessão, em 1963, alguns padres pediram ao Papa a elaboração de um esquema de constituição em que “Se exponha com grande clareza a doutrina social católica e se denunciem os erros do marxismo, do socialismo e do comunismo do ponto de vista filosófico, sociológico e econômico”³⁰⁹.

Todavia, a encíclica *Eclesiam suam* de Paulo VI, publicada em agosto de 1964, um ano antes do fim do concílio, parecia apontar para uma disposição diferente: se, por um lado, o Pontífice lamentou os sistemas ideológicos que negavam a Deus e oprimiam a Igreja no mundo; por outro, manifestou o desejo “de que eles venham um dia a entabular com a Igreja um colóquio positivo diferente do que parte do pressuposto da nossa deploração e dum nosso lamento obrigado”³¹⁰. Na análise de Andrea Riccardi, historiador italiano e grande referência para estudos sobre a Igreja Católica na Idade Contemporânea, essa era a primeira vez em que se anunciava numa encíclica a política de diálogo com os regimes socialistas.³¹¹

O comunismo voltou para debate na terceira sessão, em 1964, quando os pedidos para que o assunto fosse abordado foram feitos com maior veemência. Mons. Barbieri, bispo de Cassano all'Jonio da Itália defendeu que

O objetivo principal deste Concílio é de caráter pastoral, e, possivelmente, ocorre evitar condenações; mas seria um escândalo para muitos crentes que o Concílio desse a impressão de ter receio de condenar o maior delito de nossa

³⁰⁶ JOÃO XXIII. **Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio**. Vaticano, 11 out. 1962. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

³⁰⁷ LEFEBVRE, Marcel. **Carta Aberta aos Católicos Perplexos**. Rio de Janeiro: Permanência, 1984, p. 60.

³⁰⁸ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 122.

³⁰⁹ MATTEI, Roberto de. **O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes & Costumes, 2013, p. 307.

³¹⁰ **Ibidem**, p. 357.

³¹¹ **Ibidem**, p. 357.

época, o ateísmo científico e prático, que é pior, em si mesmo e nas suas consequências, no plano moral e espiritual, do que a própria bomba atômica.³¹²

Não obstante, a condenação não aconteceu, optando-se por uma linha dialógica no trato com o problema. O texto colocado em aprovação final não se referia explicitamente ao comunismo, pois de acordo com seus redatores, “uma condenação teria contrastado com o caráter pastoral do Vaticano II e constituído um obstáculo ao diálogo com os regimes comunistas”³¹³, contrariando, desse modo, boa parte do corpo conciliar, mas reafirmando a opção notadamente progressista que a Igreja optou por adotar.

Dois eventos pós-concílio, segundo Roberto Mattei, impulsionariam a ampliação da Teologia da Libertação na América: a encíclica *Populum progressio* e a conferência de Medellín. No primeiro documento, publicado em 1967, Paulo VI aponta algumas violações da dignidade humana em que poderia ser legítimo recorrer à revolta armada:

Quando populações inteiras, desprovidas do necessário, vivem numa dependência que lhes corta toda a iniciativa e responsabilidade, e também toda a possibilidade de formação cultural e de acesso à vida social e política, é grande a tentação de repelir pela violência tais injúrias à dignidade humana. Não obstante, sabe-se que a insurreição revolucionária – *salvo um caso de tirania evidente e prolongada que ofenda gravemente os direitos fundamentais da pessoa e prejudique perigosamente o bem comum do país* – gera novas injustiças, introduz novos desequilíbrios provoca novas ruínas. Não se pode combater um mal real à custa de uma desgraça maior.³¹⁴

Um ano depois, teve lugar a Conferência Episcopal Latino-americana em Medellín, na Colômbia. O tema oficial foi “A Igreja nas transformações da América Latina à luz do Concílio”. O objetivo era analisar as transformações sociais do continente à luz da transformação da Igreja promovida pelo Concílio.³¹⁵ O governo cubano mostrou-se bastante interessado no evento, vários representantes do episcopado puderam participar juntamente com Monsenhor Zacchi.³¹⁶ Os debates de renovação ampliados pelo encontro traziam à tona a necessidade de se criar uma teologia condizente com as questões próprias das experiências do continente, dando evidências de uma modificação da cultura católica latino-americana.

A Teologia da Libertação, fruto dessas modificações, engloba várias correntes de pensamento direcionadas a fazer uma reinterpretação do Evangelho, propondo a superação das injustiças econômicas, políticas e sociais — revolucionariamente, se necessário. De acordo com

³¹² MATTEI, Roberto de. **op. cit.**, p. 358.

³¹³ **Ibidem**, p. 418.

³¹⁴ **Ibidem**, p. 466. Grifo nosso.

³¹⁵ **Ibidem**, p. 468.

³¹⁶ FERNÁNDEZ, Manuel. **op. cit.**, p. 131.

Enrique Dussel, a exigência de pensar teologicamente o “compromisso político” para servir aos oprimidos, aos “pobres”, ao povo, exigia que a nascente teologia usasse outros instrumentos analíticos/interpretativos diferente dos utilizados pela tradição teológica anterior;³¹⁷ vê-se, então, a convergência, em setores da Igreja, do cristianismo com o marxismo. Sua adoção, embora rejeite aspectos que lhe pareçam incompatíveis com a religião cristã — o ateísmo, o materialismo cosmológico, a crítica da alienação religiosa etc. —, justifica-se, de acordo com Michael Löwy, porque “o marxismo apareceu aos olhos dos teólogos da libertação como a única teoria capaz de oferecer ao mesmo tempo uma análise precisa e sistemática das causas da pobreza, e uma proposição precisa e radical do método para sua abolição”³¹⁸.

A aproximação de Fidel Castro com a Teologia da Libertação, ainda que o movimento revolucionário que ele protagonizou seja um estandarte para os próprios teólogos, se deu em maior intensidade com o camilismo³¹⁹. Em alguns discursos, reconheceu a importância de Camilo Torres como exemplo para os cristãos da América Latina e apoiou a criação, em Cuba, em 1967, das famosas “*Jornadas Nacionales: Camilo Torres*”³²⁰, idealizadas pelo *Movimiento Estudiantil Cristiano Cubano*. Também nomeou, em 1969, uma escola de ensino integral em homenagem ao Camilo, o *Seminário de Primaria Camilo Torres Restrepo*. Na inauguração da instituição, não poupou elogios ao sacerdote:

*Los nombres de nuestros héroes — héroes cubanos y héroes latinoamericanos — son los nombres que figuran en centros educacionales de nuestro país. Y en esta ocasión nosotros, en homenaje al pueblo colombiano y al heroico combatiente que fue Camilo Torres, queremos proponer que esta escuela lleve el nombre de Camilo Torres. Camilo Torres era un sacerdote, como hay muchos ya que, siguiendo su ejemplo, luchan por la transformación revolucionaria de los pueblos. (...) un sacerdote que fue allí a morir junto a los combatientes por la liberación de su pueblo. Y por ello constituye todo un símbolo de la unidad revolucionaria que debe presidir la liberación de los pueblos de América Latina.*³²¹

³¹⁷ DUSSEL, Enrique. Teologia da libertação e marxismo. In: LÖWY, Michael (Org.). **O Marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 490.

³¹⁸ LÖWY, Michael. Marxismo e Cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.º. 19, p. 5-21, nov. 1989.

³¹⁹ O termo refere-se ao padre colombiano Camilo Torres, um dos pioneiros da Teologia da Libertação, co-fundador da primeira Faculdade de Sociologia da América Latina e membro do grupo guerrilheiro Exército de Libertação Nacional. Além de sua atuação guerrilheira, promoveu o debate entre o Marxismo e o Catolicismo que, em sua concepção, é fundamental para se criar a base para uma sociedade justa e igualitária. Após sua morte, transformou-se em um símbolo de um cristão entregue a causa revolucionária.

³²⁰ A primeira Jornada Nacional Camilo Torres aconteceu em 15 de fevereiro de 1967, sob o título “*El Padre Camilo Torres y la lucha armada, acción*” em memória ao primeiro aniversário da morte do sacerdote. Em 1971, elas novamente foram realizadas, tornando-se anuais a partir desse evento. Somente em 1983 pararam de ser produzidas. Cf: ARCE, Sergio. **Cuba**: un pensamiento teológico revolucionario. La Habana: Centro de Estudios, Consejo de Iglesias de Cuba, 1992.

³²¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la inauguración**

Ademais, a Teologia da Libertação seria discutida por ele em uma longa entrevista dada ao Frei Betto, publicada em forma de livro em 1985, *Fidel e a Religião: Conversas com Frei Betto*. Nessa obra, o presidente cubano disse não se sentir preparado para discutir teoricamente sobre o tema, mas mostrou-se bastante entusiasmado com a causa. O livro foi traduzido em 14 idiomas e publicado em toda a América Latina. Sua tônica foi estabelecer um elo entre os princípios revolucionários cubanos e os ensinamentos de Cristo. A proposta subjacente, por sua vez, foi enfatizar que não houve perseguição religiosa no país.

3.4 – Catolicismo X Revolução: Um problema de luta de classes?

O problema da religião em Cuba foi sintetizado em uma única categoria: a luta de classes. Não havia, nessa perspectiva, proselitismo antirreligioso em nenhuma etapa da experiência revolucionária. A classe rica monopolizava as igrejas, instrumentalizando-as contra o governo. Embora o catolicismo estivesse em confronto com a nova ordem, buscou-se assegurar que ele não fosse visto em sua essencialidade como uma força oposicionista. Nas palavras de Castro,

(...) o que surgiu nos primeiros momentos foi um problema de classes. Não tinha nada a ver com religião. Foi a religião dos latifundiários e dos ricos. E quando se produz o conflito socioeconômico, procuram usar a religião contra a Revolução. Foi o fenômeno que ocorreu. Foi a causa dos conflitos.³²²

A grande crítica do líder à Igreja em Cuba baseava-se na sua concepção de que ela historicamente havia sido utilizada como instrumento de dominação a favor dos ricos/opressores através de uma vinculação classista-econômica com a burguesia. Os templos mais suntuosos localizavam-se nas regiões mais desenvolvidas; em contrapartida, os bairros pobres contavam com escassa assistência religiosa, um revelador do descomprometimento com a missão sacerdotal. Além disso, a maior parte do clero era estrangeira, sobretudo espanhóis nutridos de ideias reacionárias de direita, inclusive franquistas.³²³ O conflito não era com a fé e sim com a instituição. Em verdade, romper com as amarras da religiosidade, nessas

de un seminternado de primaria y um policlínico, en El Cangre, a la vez que el policlínico de Valle del Peru, en Guines, el 5 de enero de 1969. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f050169e.html>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

³²² BETTO, Frei. *op. cit.*, p. 16.

³²³ *Ibidem*, p. 208.

circunstâncias, significava romper com os valores que sustentavam o funcionamento do sistema capitalista, o seu inimigo natural.

Para a Igreja, a linha mestra das divergências com o governo não estava nos interesses da burguesia — conforme analisa Giulio Girardi, ela “não se opõe à revolução primariamente por ela ser contra os interesses da burguesia e do império, mas porque propõe um sistema de valores, uma interpretação da realidade, uma concepção do homem novo e um projeto educativo que são alternativos aos da Igreja”³²⁴.

De qualquer modo, desde os momentos iniciais, a Igreja buscou não evidenciar sua oposição ao regime, evitando ser vista como um contraponto a uma revolução social a serviço do povo e da liberdade. Por sua parte, o regime evitou fuzilar padres opositores para preservar sua imagem humanista. Castro explicou que

Delitos graves foram cometidos por padres e, no entanto, nunca se lhes aplicou a sentença maior (...). De fato, não ocorreram muitos, mas mesmo naqueles que justificariam a pena capital, procurou-se evitá-la. Os sacerdotes sempre foram tratados com especial consideração. Houve casos em que foram condenados à prisão por ações contrarrevolucionárias; mesmo assim, nunca cumpriram a sentença, tínhamos interesse em que saíssem e estiveram presos o mínimo de tempo. Não nos interessava a imagem de um padre preso ou da Revolução que prende sacerdotes, ainda que a penalidade se justificasse.³²⁵

Contudo, o maior erro cometido pela Igreja foi, no primeiro ano do governo, o de não ter mostrado compreensão dos objetivos da Revolução Cubana, culminando em uma desconexão com as propostas fundamentais do projeto e, depois, por ter representado uma força sobre a qual diferentes grupos se apoiavam para agir como um entrave à unidade nacional.³²⁶ Vincent Bloch reforça essa linha interpretativa ao afirmar que

O atrativo representado pela Igreja Católica mascara, aliás, o alcance limitado de sua mensagem, que decorre de sua fraca ancoragem histórica na sociedade cubana. Nela, a Igreja representou antes de tudo a caução moral dos conquistadores e da escravidão, e seu prestígio atual se deve, independentemente de seus valores, ao seu estatuto simbólico de alternativa à ideologia revolucionária, estatuto alimentado sobretudo pela repressão contra os religiosos sob a revolução.³²⁷

Se por um lado, parece que a Revolução Cubana não praticou uma política anticlerical por não ter chegado a um processo de radicalização tão expressivo quanto o que ocorreu na

³²⁴ GIRARDI, Giulio. Cuba después del derrumbe del comunismo. ¿Residuo del pasado o germen de un futuro nuevo? Madrid: Editorial Nueva Utopía, 1994. Apud ALONSO, Aurelio, *op. cit.* p. 2.

³²⁵ BETTO, Frei. *op. cit.*, p. 223.

³²⁶ BLOCH, Vincent. Reflexões sobre a dissidência cubana. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. São Paulo, n. 8, p. 1-28, 2009.

³²⁷ *Ibidem*, p. 1-28.

União Soviética, na França ou até mesmo no México, por outro, não se pode subsumir todos os conflitos religiosos dentro de uma categoria única de luta de classes. Padres, monges, religiosos de todos os tipos foram expulsos do país, estrangeiros e cubanos; escolas confiscadas; prelados, testemunhas de Jeová e pentecostais internados nas UMAPs; sacerdotes, inclusive bispos, presos em celas comuns, asilados em embaixadas; membros da juventude católica fuzilados; igrejas transformadas em instalações governamentais; discriminação religiosa, sobretudo, através da proibição do ingresso de crentes no Partido Comunista Cubano; festas, procissões, quaisquer atos públicos religiosos suprimidos, levando à clandestinidade não apenas católicos, mas santeiros e babalaôs; e a eliminação dos feriados religiosos do calendário oficial. São indícios que convidam a interpretar de forma mais realista a complexidade da relação Catolicismo e Marxismo, bem como entre religião e política no contexto cubano.

CAPÍTULO 4

A Revolução se sacraliza

*One strength of the communist system of the East is that it has some of the character of a religion and inspires the emotions of a religion. Unless the concept of peace based on law gathers behind it the force and zeal of a religion, it can hardly hope to succeed.*³²⁸

Albert Einstein

Para alguns autores, o próprio socialismo é uma religião: segundo uns, ocorre uma forma de transição da religião para o socialismo; já segundo outros, é uma forma de transição do socialismo para a religião. Vladimir Tismăneanu, teórico romeno, crítico do comunismo, destaca que todos os grandes temas da religião cristã – a queda, a felicidade original, o reencontro, a expiação, o sujeito messiânico – se reencontram no mito histórico-escatológico do marxismo. Este promete a salvação da humanidade por intermédio da destruição de um sistema percebido como baseado na dominação, na exploração e na alienação, conduzido pelo Messias comunista: para Marx, o proletariado; para Lenin, o Estado Socialista.³²⁹ A ideologia marxista-leninista, portanto, constituiu-se com base nesse messianismo revolucionário, o que mais tarde permitirá sua identificação com a trajetória de Jesus Cristo.

Lenharo sugere uma análise similar em sua crítica ao regime stalinista:

E o que dizer da “teologia comunista”, com seu receituário de uma nova fraternidade entre os homens e da criação do paraíso na terra, sua “moralidade política” escorada no maniqueísmo do “outro maléfico” (o inimigo) contraposto à figura do “outro benéfico”, o onisciente, todo poderoso, militante, dirigente — o Egocrata? Em que se apoia o culto stalinista da personalidade, se não no fazer, às vezes, de uma nova divindade, travestida de um “corpo mortal que é percebido como invulnerável, que condensa nele todas as forças, todos os talentos, desafia as leis da natureza com sua energia de super-macho?” Os grandes expurgos stalinistas, por sua vez, atualizam simbolicamente, através de um ritual de violência, a comunhão de um culto místico, espécie de “suicídio altruísta”, através do qual o sacrifício de alguns assegura a vitalidade e a regeneração do partido.³³⁰

Neste sentido, o marxismo desponta como o substituto secular da religião tradicional, ocupando simbolicamente os espaços antes destinados às antigas tradições, alimentando-se de

³²⁸ EINSTEIN Albert. **Ideas and Opinions**. New York: Three Rivers Press, 1982, p. 131.

³²⁹ TISMĂNEANU, Vladimir. **Do Comunismo: O destino de uma religião política**. Campinas: CEDET, 2015, p. 12.

³³⁰ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papirus, 1986, p. 154.

um elo social, equiparável ao religioso, capaz de fornecer unidade, impulsionando a crença nos novos valores instituídos. Tismăneanu acrescenta que

O marxismo pretende deter os freios do destino da humanidade, porque afirma que tem a solução para as agonias e as ansiedades milenares da sociedade. Não creio que existiu alguma vez outro projeto revolucionário impregnado de uma pretensão profética mais ampla ou de um sentimento mais maciço de predestinação carismático-histórica.³³¹

A convicção do marxismo na sua capacidade de “salvação total” também foi explorada por Leszek Kołakowski, filósofo e historiador polonês, ao estudar a mentalidade revolucionária do pensamento marxista. Segundo o autor, esse objetivo só seria atingido negando totalmente o mundo existente:

De uma maneira geral, a mentalidade revolucionária é essa atitude espiritual, caracterizada pela crença, particularmente forte, na possibilidade de uma salvação total do homem, em oposição absoluta com a sua situação atual de escravidão de sorte, que entre as duas, não existirá nem continuidade nem mediação; mais ainda que a salvação total seria o único objetivo verdadeiro da humanidade ao qual todos os outros valores deveriam ser subordinados como meios. Haveria somente um único fim e um único valor que seria a negação total do mundo existente.³³²

A mentalidade revolucionária, ainda segundo Kołakowski, define-se através do que ele chamou de princípio do “tudo ou nada”, que, para ele, é também uma característica fundamental da doutrina de Cristo. Isto é, a ideia de salvação completa subordina todos os valores da vida para evitar a condenação final, todas as vias alternativas estão boqueadas. Só há como escolher entre o Reino dos Céus ou do Mal, entre o mundo dos filhos de Deus e dos condenados.³³³ Quando a Igreja começa a pensar em uma via intermediária, em um “escalonamento da salvação”, pela necessidade de se adaptar à realidade da sociedade, é quando ela se afasta do marxismo. Pois, para ele, não há flexibilidade de escolha, e ao fazer essa flexibilização “A Igreja havia traído sua vocação para adaptar-se às imperfeições do mundo”³³⁴. O marxismo é calcado na “ideia de uma salvação pela negação, o que significa que não somente todo o mal da história só tem sentido em relação à liberdade final, mas que ele é a condição necessária dessa libertação”³³⁵.

³³¹ TISMANEANU, Vladimir. **op. cit.**, p. 21.

³³² KOLAKOWSKI, Leszek. **O espírito revolucionário**. Marxismo – utopia e antiutopia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 7.

³³³ **Ibidem**, p. 8.

³³⁴ **Ibidem**, p. 10.

³³⁵ **Ibidem**, p. 10.

“*Dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada*”³³⁶, bordão bastante utilizado por Fidel Castro em seus discursos, ou então, “*¡Ser anticomunista es ser contrarrevolucionario!*”³³⁷, usado por figuras proeminentes do governo como Blas Roca, secretário do PSP, e David Salvador, secretário geral da CTC, podem exemplificar de maneira precisa a radicalidade do princípio apontado por Kolakowski, embora o autor não tenha se dedicado à questão cubana. Todas as esferas da vida subordinam-se, ou melhor, devem contribuir para a conquista da salvação final — no caso cubano, seria a concretização do marxismo na sociedade que, subsequentemente, levaria à eliminação de todas as injustiças perpetuadas pelos regimes anteriores. As escolhas díspares a essa poderiam levar ao caminho da “condenação” resguardado aos contrarrevolucionários. Tudo pareceu, em vários momentos da história da Revolução Cubana, resumir-se a essa dicotomia. A negação de todo o resto discordante, pensando aqui nos conflitos com a Igreja, fez com que esse “resto” perdesse a autonomia da sua sacralidade e esta pudesse, então, ser transferida, conforme será discutido mais adiante.

Na doutrina revolucionária de Marx, quando a sociedade encontra-se completamente submetida aos poderes alienantes é que a revolução final torna-se imprescindível, ela é o instrumento para a libertação definitiva do homem.

Os poderes alienantes despertados pela própria humanidade lhe impuseram seu domínio, sob a forma de leis econômicas constrangedoras. Elas não são apenas fontes de miséria, de sofrimento e de exploração: são etapas necessárias no caminho da cruz da liberdade.³³⁸

A revolução é para o socialismo, na leitura de Kolakowski, a descida ao inferno que precede a grandiosidade da ressurreição.³³⁹ Para tanto, ela não pode ser setorizada, não pertence à esfera apenas política ou econômica, ela é total, até mesmo o campo religioso deve ser subordinado.

A Revolução que virá deve ser global, o que significa que ela deve abranger todos os domínios da vida social e transformá-los radicalmente, pois, na história anterior, todas as formas de progresso tecnológico e cultural voltaram-se finalmente contra o homem.³⁴⁰

³³⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario e secretario del PURSC, como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas em la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

³³⁷VARGA, Sonia. La guerra soviética contra la religión. **Diario de la Marina.** La Habana, 27 mar. 1960, n. 73, año CXXVIII, p. 1A.

³³⁸ KOLAKOWSKI, Leszek. **op. cit.**, p. 10.

³³⁹ **Ibidem**, p. 11.

³⁴⁰ **Ibidem**, p. 11.

Finalmente, a radicalidade revolucionária leva, segundo Kolakowski, ao rompimento violento da continuidade da cultura — uma vez que a revolução socialista deve transformar a sociedade em todos os seus setores, toda a cultura do passado passa a ser vista apenas como um conjunto de instrumentos a serviço dos interesses das classes privilegiadas. A sua destruição se justifica porque contribui para a destruição da velha sociedade com a qual se busca romper. Para que a revolução seja completa, portanto, toda “a criação cultural deve ser subordinada às tarefas políticas do Estado ‘Proletário’, em particular à glorificação do sistema existente”³⁴¹. Jean-Paul Rabaut Saint-Étienne, político francês, antecipou as reflexões de Kolakowski ao pensar sobre a religião no contexto revolucionário de 1789; para ele, “*No es para la destrucción de la fuerza moral de la religión por lo que hay que trabajar. Hay que pensar solamente en quitarla de las manos incorrectas y asociarla a la energía moral de la política poniéndola en las manos del administrador único de los intereses sociales*”³⁴².

A descontinuidade da cultura servirá para a criação de um novo tipo de hegemonia da cultura que, como explica Roger Griffin, citado por Tismăneanu, procurará “realizar uma ‘revolução antropológica’ através do apelo a uma política essencialmente transformadora e ritualística”³⁴³.

3.1 – A Revolução Cubana e a transferência de sacralidade

O ritualismo é, sem dúvidas, uma palavra chave para compreender um fenômeno bastante peculiar das revoluções — incluindo a cubana —, a transferência de sacralidade. Uma temática discutida amplamente nos estudos sociológicos sobre as festas da Revolução Francesa por autores como Alphonse Aulard, Albert Mathiez, Michel Vovelle e Mona Ozouf. A revolução de 1789 foi, com efeito, de acordo com Johnson, a primeira revolta milenarista moderna e pressagiu Karl Marx, Mao Tse-tung³⁴⁴ — e pode-se acrescentar o próprio Fidel Castro. É um dos exemplos mais consistentes sobre o quanto é possível imbricar o sentimento revolucionário com o sentimento religioso para a consolidação do poder. Embora com a propagação das ideias iluministas, imbuídas de uma prática anticlerical, tenha-se protagonizado

³⁴¹ KOLAKOWSKI, Leszek. **op. cit.**, p. 13.

³⁴² MATHIEZ, Albert. **Los orígenes de los cultos revolucionarios (1789-1792)**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2012, p. 72.

³⁴³ TISMANEANU, Vladimir. **op. cit.**, p. 29.

³⁴⁴ JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 436.

uma perseguição sistemática aos cristãos de nível bastante radicalizado³⁴⁵, a Revolução Francesa entendeu logo cedo — e isso é possível notar através dos seus teóricos mais proeminentes — que a religião e a política podem uma servir de instrumento à outra.³⁴⁶ Seus pesquisadores trouxeram um tema de extrema importância para inúmeros estudos posteriores: o papel da religião nas cerimônias de Estado.

A perseguição aos cristãos levou, inevitavelmente, ao enfraquecimento do culto religioso, mas Mona Ozouf considera que esse tipo de enfraquecimento leva à necessidade de substituí-lo por outros, uma vez que em um mundo em que se desloca os valores cristãos, a sacralidade torna-se imperiosa.³⁴⁷ Isso é possível porque “(...) as legitimações religiosas nascem da atividade humana, mas uma vez cristalizadas em complexos de significados que se tornam parte de uma tradição religiosa, podem atingir um certo grau de autonomia em relação a essa atividade”.³⁴⁸ Permitindo, assim, sua transferência.

Nesse contexto, surgem os cultos cívicos, promovidos pelo Estado, para sobrepor aqueles anteriormente suprimidos. Esses empreendimentos acabam conduzindo a criação de uma espécie de “religião secular”, resultante da união de referências tanto cívicas quanto religiosas. Sua análise, a despeito de falar especificamente da Revolução Francesa, é expansível para outras revoluções em contextos distintos.

Ainda conforme essa autora, esse movimento se dá primeiramente através da imitação: a criação da “nova religião” deverá, como a anterior, ter seu centro de sacralidade, o altar da pátria, lugar simultaneamente religioso e cívico; um livro, delimitador único das prescrições, portador de incontestáveis princípios, capaz de substituir o livro da missa; uma série de hinos patrióticos, sermões cívicos e orações constitucionais para substituir orações e preces; um calendário litúrgico de cerimônias cívicas que irá remodelar a vida cultural dessa nova sociedade; uma quaresma cívica, cujo jejum será requisitado em favor da liberdade; padres revolucionários, pessoas comuns que irão presidir casamentos, atestar nascimentos, reconfortar os doentes, etc.³⁴⁹

As festas selecionadas para compor o novo calendário revolucionário, transformadas em populares, aliam-se para sacralizar a experiência por suas características propriamente pedagógicas e por serem, como afirma Ozouf, instituintes³⁵⁰. Nelas, é possível despertar

³⁴⁵ Cf. JOHNSON, Paul. *op. cit.*, p. 436-441.

³⁴⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Oeiras: Editorial Presença, 2010, p. 57.

³⁴⁷ OZOUF, Mona. *La fête révolutionnaire: 1789-1799*. Paris: Gallimard, 1976, p. 450.

³⁴⁸ BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 55.

³⁴⁹ OZOUF, Mona. *op. cit.*, p. 450.

³⁵⁰ OZOUF, Mona. *op. cit.*, p. 461.

sentimentos quase religiosos de devoção e apoio ao fortalecimento da revolução, porque, finalmente, como mostra Mathiez: “*Las fiestas populares constituyen la mejor manera de educar al pueblo*”³⁵¹.

Concorrendo com os atos religiosos, emergiram as festas cívicas cubanas. Tratavam-se de grandes concentrações populares em datas significativas para o país, compostas por extensos desfiles de bandas militares, tanques, milícias e longos discursos de dirigentes políticos, isso porque “*Un primer aspecto es la tendencia a sacralizar los actos de fundación del Estado a través de la ritualización de su memoria*”³⁵².

Novos marcos temporais foram eleitos, associando-os aos momentos identificados como gloriosos do processo revolucionário: o aniversário do triunfo da Revolução em 1 de janeiro ou “dia da libertação” (concorrendo com as comemorações cristãs do Natal e Dia de Reis); o aniversário do assalto aos quartéis Moncada e Manuel de Céspedes em 26 de julho ou o “dia da rebeldia nacional” (data que passou por algum tempo a comportar o Dia de Reis, a grande festa natalina das crianças, como mostrado no capítulo anterior) sem dúvidas, uma das comemorações de maior simbolismo para a Revolução Cubana, pois remete ao dia em que ocorreram as ações que inauguraram a luta insurrecional³⁵³; as comemorações da vitória contra os Estados Unidos na Baía dos Porcos, em 19 de abril, (impossibilitando as comemorações da Semana Santa); Dia dos Mártires da Revolução Cubana em 30 de julho (algo análogo ao Dia de Todos-os-Santos da liturgia católica).

Todas essas comemorações eram ocasiões oportunas onde podia-se, principalmente, reforçar o apoio popular ao governo. O desfile, sempre encabeçado pelos grandes dirigentes, explicitava quem era a hierarquia política do país. As bandas militares, os tanques de guerra e as milícias mostravam o grau de militarização do regime. Os palanques de onde os líderes faziam os seus discursos configuravam-se nos altares da pátria. Concomitantemente, eram os espaços das “boas novas” — ali era onde os cubanos se informavam sobre as transformações econômicas, políticas, etc. (que viriam ou já estavam em curso), a memória histórica nacional era gestada, como analisou Giliard Prado³⁵⁴ e novamente escrita, como Fidel Castro declarou:

³⁵¹ MATHIEZ, Albert. **op. cit.**, p. 62.

³⁵² RIDOLFI, Maurizio Ridolfi. Las fiestas nacionales: religiones de la pátria y rituales políticos en la Europa liberal del «largo siglo XIX». **Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea**, n. 3, pp. 135-153, 2004.

³⁵³ PRADO, Giliard da Silva. **op. cit.**, p. 17.

³⁵⁴ **Ibidem**, p. 17.

“no nos reunimos para hacer un recuento de la historia, no nos reunimos para recordar la historia pasada; nos reunimos para escribir la historia nueva”³⁵⁵.

Elas atuavam como tribunas políticas e, por vezes, tribunais revolucionários, onde condenava-se e absolvía-se indivíduos sem muitas formalizações. À vista disso, a conjuntura histórica fez uma mesma cerimônia ter significados distintos, podendo ser uma reafirmação simbólica da Revolução, mas em contextos adversos, servindo como um tribunal de júri, por exemplo. Um balanço dos discursos de Fidel Castro nesses eventos é claro nesse sentido. Mas, ao passo que essas cerimônias se multiplicavam, os atos religiosos iam desaparecendo.

Finalmente, eram espaços didáticos para reeducação das massas, primeiro para os novos valores revolucionários, posteriormente, para divulgação do pensamento marxista-leninista. No dia seguinte, esses sermões cívicos eram publicados no *Revolución*, podendo-se dizer que eram como parte de uma “bíblia revolucionária” cuja função maior era atuar como instrumento moralizante para a população.



Figura 7: A celebration in Santiago de Cuba on July 26, 1964, the anniversary of the attack on the Moncada military barracks that started the Cuban revolution. Santiago de Cuba, 1964, 1 fotografia. Fonte: The New York Times. Disponível em: <<https://cn.nytimes.com/international/20161127/fidel-castro-dies/en-us/>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

O Dia do Trabalhador, em 1º de maio, o aniversário do nascimento de Jose Martí, em 28 de janeiro, os aniversários da morte de Camilo Cienfuegos, em 28 de outubro, e de Che

³⁵⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario de Cuba y Primer Secretario General del PURSC, en la conmemoracion del X Aniversario del 26 de julio, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

Guevara, em 8 de outubro³⁵⁶, adquiriram caráter de procissão ao longo dos anos, absorvendo de referências religiosas elementos tanto simbólicos quanto ritualísticos. No primeiro, multidões percorrem as ruas de Cuba com cartazes portando os rostos dos principais líderes do país. No segundo, fazem-se extensas peregrinações de indivíduos portando tochas da Universidade de Havana até a *Fragua Martiana* (importante salientar que essa prática surgiu antes do triunfo, como um protesto ao governo de Batista, mas, à época, ainda não havia adquirido o caráter cívico-processional). No terceiro, há peregrinações em toda a ilha direcionadas ao mar, onde são jogadas oferendas florais em homenagem a Camilo. No último, por fim, a peregrinação destina-se ao monumento erguido em Santa Clara a Che Guevara, lugar em que repousam seus supostos restos mortais.

A arquitetura dessas cerimônias é feita através de um amálgama de elementos religiosos e patrióticos, embora a motivação política se mostre com mais clareza. A rememoração de seus grandes mártires — ou “santos revolucionários”, como os críticos mais radicais ousam chamar — atua para continuar dando sentido às lutas diárias pela pátria, fortalecendo o patriotismo dos indivíduos nos chamados “períodos especiais”, em que a ideologia tende a desfalecer-se em vista dos momentos de austeridade econômica.

Nas comemorações da Revolução Francesa, o retorno ao passado, defende Ozouf, é um dos pilares sacralizantes. Os nomes de indivíduos que se destacaram na história serviam como modelos de grandeza, uma forma de povoar os sonhos dos cidadãos com exemplos capazes de ajudar a viver e às vezes a morrer quando necessário.³⁵⁷ Facilmente, pode-se observar essas mesmas referências no contexto cubano, quando da decadência do passado surgem os “mártires da liberdade”, os “homens memória”.

Esses rituais patrióticos cubanos mais importantes dividiam espaços com comemorações de datas “menos” gloriosas, mas que fazem referência a alguma conquista do governo, aniversário de algum fato político, econômico, social, médico, jurídico, pedagógico, científico, agrícola, etc. Apenas para citar alguns exemplos, comemora-se o aniversário da nacionalização das empresas norte-americanas, aniversário do fim do analfabetismo, aniversário da declaração do caráter socialista da Revolução, aniversário da lei da reforma agrária, entre outros.

Afirmar que os cultos cívicos revolucionários apenas serviam ao propósito de legitimar as etapas da Revolução, para “celebrar o passado revolucionário” ou “manter viva a chama da

³⁵⁶ Ernesto Guevara morreu em 9 de outubro de 1967, na Bolívia. No entanto, em Cuba, o dia 8 de outubro foi instituído como o “Dia do Guerrilheiro Heroico”, no qual acontecem os atos em homenagem a sua morte.

³⁵⁷ OZOUF, Mona. **op. cit.**, p. 458.

revolução”³⁵⁸, como analisou Alphonse Aulard em seus estudos sobre a Revolução Francesa, ou ainda que o surgimento deles é resultado puramente da eliminação dos atos religiosos, no caso cubano, é uma visão reducionista de um processo intensamente complexo. Não que o enfraquecimento simbólico das tradições religiosas, fruto das tensões com a Igreja, tenha deixado de contribuir para a institucionalização de costumes seculares; de fato, a descristianização das práticas — mesmo valendo-se, por vezes, de referências religiosas — foi imperativa, mas a discussão é mais ampla.

Para Ozouf, o sentido da comemoração, pensando no contexto francês, aproximar-se-ia mais da percepção de que se celebrava a concretização da experiência e não os estágios da luta revolucionária. Não seria preciso mais ter insurreição, o objetivo final fora alcançado: a liberdade conquistada, a soberania afirmada, a nação forjada. Desse modo, “É o espírito da insurreição que se propaga, com sua bandeira vermelha, seu toque de alarme, suas lanças e seus canhões? Ou o anúncio de que não haverá mais insurreição?”³⁵⁹

As comemorações da Revolução Cubana parecem reunir em si todas essas vertentes discutidas pelos teóricos da Revolução Francesa: há claramente a intenção de gestar a memória nacional, celebrar o passado, manter viva a chama da Revolução, mas há também a necessidade de reunir-se em prol da unidade, há as tentativas de ensinar a Revolução ao povo, de ofuscar as vozes discordantes, de instituir novos valores, de reafirmação da soberania, de busca por respaldo popular, pela construção de novos significados em torno de velhas referências.

Mas não foram apenas as cerimônias que contribuíram para a sacralização da Revolução. A vida cultural da ilha se alterou drasticamente. As canções estrangeiras foram desaparecendo com a disseminação dos festivais voltados para as “*canciones populares inspiradas en la Revolución*”; até mesmo o uso de alguns instrumentos musicais, como o saxofone, julgado como destoante da cultura cubana, foi desencorajado. Um novo hino, o *Himno del 26 de Julio*, e a bandeira do movimento igualaram-se em importância ao hino e à bandeira nacionais. O teatro, a dança, o cinema e as artes engajaram-se com a causa revolucionária. As Ciências Humanas e a literatura ganharam impulsos semelhantes para escrever uma nova história da nação, colocando de lado as obras de muitos autores de fora da ilha. O mesmo pode ser dito a respeito dos livros didáticos, completamente reformulados a partir de 1961.

³⁵⁸ RODRIGUES, João Paulo. Festas e comemorações cívicas na Revolução Francesa (1789-1799): a perspectiva crítica de Mona Ozouf e outras interpretações. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 1, p. 217-237, janeiro-junho, 2015.

³⁵⁹ **Ibidem**, p. 217-237.

As aspirações milenaristas da Revolução em contato com as crenças religiosas criaram também as relíquias revolucionárias: o iate *Granma* ainda é reverenciado no Museu da Revolução como o objeto sintetizador da odisseia cubana por sua liberdade. As armas, os automóveis, utilizados em batalha, estão distribuídos por museus em todo o país. Réplicas de boinas de Ernesto Guevara percorrem a província de Santa Clara em caráter ritualístico em centrais de trabalhadores, escolas e entidades governamentais, como uma forma de incentivar os trabalhos voluntários. Essas boinas são recebidas com honras e promessas de maior contribuição ao país, sob o slogan de *¡Seremos como el Che!*".³⁶⁰



Figura 8: Una de las réplicas. Santa Clara, 2017. 1 fotografia. Fonte: **Diario de Cuba**. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1493144165_30638.html>. Acesso em: 02 jan. 2018.

3.2 – A corporificação religiosa do Estado

Alcir Lenharo, ao analisar o governo brasileiro dos anos 1930, teceu importantes reflexões sobre o corpo teológico do poder, tentando entender a maneira pela qual ele se sacraliza. Um dos principais teóricos com quem dialoga é Hegel, pensando, sobretudo, na semelhança que há entre o conceito de “divino Estado” e o corpo místico de Cristo. Essa tese é melhor descrita pelo filósofo alemão na seguinte citação:

³⁶⁰LA BOINA del Che: último recurso para aumentar la producción. **Diario de Cuba**. Santa Clara, 25 abr. 2017. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1493144165_30638.html>. Acesso em 23 jan. 2018.

Ocorre com a idealidade (...) do Estado como na vida de um corpo orgânico: ele está presente em toda parte, há uma só vida em todos os órgãos e ela não encontra nenhuma resistência. Separado desta vida, um órgão morre. É este também o caso dos estados, poderes ou corporações, mesmo que eles tenham uma tendência a querer manter-se e subsistir por si próprios. Eles se encontram na mesma situação do estômago num organismo vivo: se este procura tornar-se independente, encontra-se no mesmo ato suprimido e retorna ao Todo.³⁶¹

Tais proposições podem ser importantes nas reflexões sobre as razões que levam determinados sistemas de governo a defender que a fé, a concepção do sagrado, a própria religião, devem unir-se indivisivelmente ao Estado. Se a religião for pensada como um órgão associado a um corpo maior, um todo, então não há como uma coisa e outra andarem de modo independente, ainda que, em teoria, o marxismo pregue a sua separação total. A religião deve desempenhar seu papel para o perfeito funcionamento da estrutura, mesmo que para isso deva ceder seu depósito de símbolos, dogmas ou sua própria organização. Se por alguma razão, esse “órgão” comprometer a integridade social do corpo ou, minimamente, não esteja disposto a contribuir, então ele precisará ser combatido, reeducado. Quando a integração política ocorre de forma absoluta e é alinhavada por forças muitas vezes irracionais é nessa ocasião que “a política transforma-se dessa maneira em teologia”³⁶². A sacralização do poder tem como objetivo claro alcançar essa integração.

O combate à religiosidade, como considera Lenharo, não bane completamente os conteúdos cristãos de uma dimensão sacralizada do poder, eles continuam operando no corpo político do Estado.³⁶³ Poder-se-ia dizer, inclusive que, de alguma forma, a teologia católica adapta-se para a prática política: “o processo sacralizador do poder pautou-se por copiar os movimentos e a organização da Igreja”³⁶⁴. Isso significa que esses empreendimentos não levam à irreligiosidade, os valores espirituais cristãos se mantêm atuantes através da transferência de sacralidade.

O Estado cria os próprios símbolos litúrgicos de seu caráter soberano e transcendente, assim como um culto especial passa a ser dirigido aos governantes. Acima de tudo, comenta um teólogo católico, arraiga no social a imagem do Estado salvador, providencial, portador de uma força superior em autoridade e eficiência, assim como elaborador de uma “ciência que conhece as forças transcendentais, as vontades e decisões do destino e trata de agir sobre estas forças”.³⁶⁵

³⁶¹ LENHARO, Alcir. **op. cit.**, p. 145.

³⁶² **Ibidem**, p. 153.

³⁶³ **Ibidem**, p. 155.

³⁶⁴ **Ibidem**, p. 156.

³⁶⁵ **Ibidem**, p. 155.

Também Maffesoli, sociólogo francês, proporia algo semelhante. Segundo ele, “O Estado é estruturado como uma Igreja cuja função essencial é garantir o depósito da fé, sua intangibilidade e sua transmissão por meio de dogmas, decretos e prescrições políticas”³⁶⁶. Tudo indica, para esses estudiosos, que as figuras políticas devem ter se dado conta da capacidade do Estado/Igreja de forjar mecanismos para moldar a população e passaram, cada vez mais, a fazer uso deles para a manutenção do poder ou para atingir os seus objetivos diversos.³⁶⁷

3.3 – A “Invenção das tradições” pela Revolução Cubana

As funcionalidades do retorno ao passado, lembrando as contribuições de Ozouf, são objetos de estudo também para uma temática bastante importante, explorada por Hobsbawm, que, quando extrapolada para o contexto cubano, permite uma compreensão mais aprofundada do legado deixado pela Revolução: as “tradições inventadas”. A condução para o “mundo novo” ensaiado pelas revoluções demandava a gênese de um conjunto de práticas, de natureza ritual e simbólica, capazes de definir novas formas de comportamento, ancoradas em um apelo de continuidade com o passado.³⁶⁸ Basicamente, “são situações novas que ou assumem a forma de referência a relações anteriores ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”.³⁶⁹

A “tradição inventada” ocorre com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade (uma revolução, por exemplo) “debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis”³⁷⁰. Ao estudar os empréstimos simbólicos entre os antigos e novos modelos é possível perceber que essa dinâmica não é muito rígida, ou seja, às vezes é preciso conservar os velhos costumes em condições diferentes daquelas em que eles existiam ou utilizá-los para o logro de novos fins. A transferência de sacralidade é um bom exemplo disso. “Às vezes, as novas tradições podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem

³⁶⁶ MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 194.

³⁶⁷ LENHARO, ALCIR. **op. cit.**, p. 157.

³⁶⁸ HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 10, p. 9.

³⁶⁹ **Ibidem**, p. 10.

³⁷⁰ **Ibidem**, p. 12.

supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais — religião e pompa principesca, folclore e maçonaria”.³⁷¹

De alguma forma, os estudos reunidos na obra de Hobsbawm dialogam com os de Ozouf. Os dois concordam sobre o medo que se tem do “vazio” ou dos “vácuos” deixados pela ação dos novos regimes. Tratam-se dos espaços inocuados em decorrência da dispersão das velhas tradições. Para Hobsbawm, esses espaços são preenchidos com tradições inventadas que, segundo sua análise, podem se classificar em três categorias sobrepostas:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.³⁷²

Os valores por elas inculcados podem variar de acordo com a efervescência política do momento, variando desde: “patriotismo”, “lealdade”, “dever”, “espírito escolar”, e assim por diante. Porém, como sugere o autor, sua eficiência é limitada, elas ocupam apenas uma parcela do espaço deixado pela decadência secular das velhas tradições.³⁷³

Indo ao encontro mais uma vez dos estudos de Ozouf, Hobsbawm aponta três novidades importantes trazidas pela invenção das tradições — e embora não tenha pensado na experiência cubana quando desenvolveu essas teses, elas facilmente podem ser expansíveis para a ilha —: “a primeira foi o desenvolvimento de um equivalente secular da igreja”, tendo como consequência uma educação primária imbuída de princípios revolucionários e republicanos, dirigida pelo equivalente secular do clero. Esse fenômeno esteve presente também na institucionalização da Revolução Cubana e nos seus desdobramentos, como a nacionalização das escolas; “a segunda novidade foi a invenção das cerimônias públicas” para reafirmação da soberania da nação, tema já discutido neste capítulo; “a terceira novidade foi a produção em massa de monumentos públicos. (...) as figuras civis barbadas que o patriotismo local escolhia para reverenciar, fossem vivos ou mortos”³⁷⁴.

Esse último aspecto é bastante interessante no que concerne à experiência cubana. Certamente, ainda está por ser feita uma historicização adequada dos monumentos criados após 1959. De toda forma, o volume de obeliscos, estátuas e esculturas erguidos depois desse período foi considerável. Uma nova história do país pode ser lida através dessas imagens tombadas em

³⁷¹ HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (orgs.). **op. cit.**, p. 13.

³⁷² **Ibidem**, p. 17.

³⁷³ **Ibidem**, p. 19.

³⁷⁴ **Ibidem**, p. 279.

referência aos momentos gloriosos da Revolução, como o *Sitio Histórico del Descarrilamiento, acción y toma del Tren Blindado*, erguido em homenagem à batalha final de Che Guevara em Santa Clara, o *Granma Memorial*, anexado ao Museu da Revolução, o *Mausoleo de los Mártires de Artemisa*, em homenagem aos mártires do assalto ao Quartel Moncada, a *Colina Lenin*, entre muitos outros. Também há aqueles erguidos em homenagem aos principais dirigentes: Frank País, Che Guevara e Camilo Cienfuegos ainda são as estátuas mais frequentemente encontradas. Além, é claro, dos monumentos aos heróis independentistas, tidos na interpretação histórica oficial como precursores da Revolução, os mais comuns: Jose Martí, Antonio Maceo, Carlos Manuel de Céspedes e Máximo Gómez.

Também há, em vários locais de Havana, os monumentos que fazem alusão aos embates que ocorreram durante os anos com os Estados Unidos. Dentro do Museu da Revolução, foram colocadas caricaturas de Ronald Reagan, George H. W. Bush e George W. Bush no "*Rincón de los Cretinos*". Destroços de um avião espião dos EUA abatido em 1962, durante a crise dos mísseis, podem ser vistos do lado de fora do museu. No porto em Havana, foi construído o Monumento aos Mártires do vapor *La Coubre*³⁷⁵ com os restos do barco. Também em Havana há um museu a céu aberto com réplicas dos mísseis instalados pela União Soviética durante a *Crisis de Octubre* de 1962. Sobre a batalha mais importante entre os dois países, foi construído o *Museo de Playa Girón*.

Uma reconfiguração territorial também foi feita em contribuição à memória histórica da Revolução. A nova divisão política administrativa concretizada pela lei número 1.304, criou a província *Granma*, nome do lendário iate que levou os membros do Movimento 26 de Julho desde o México até as proximidades da *Sierra Maestra*. Também, recentemente, foi criada a província de Artemisa, nome escolhido em homenagem à cidade Artemisa, lugar de onde saiu a maior quantidade de combatentes do assalto aos quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes. Cerca de trinta *artemiseños* e *guanajayenses* participaram dessa ação de combate, 17 dos quais morreram no ataque ou mais tarde na luta revolucionária.

3.4 – É possível falar de uma religião revolucionária em Cuba?

³⁷⁵ Em 04 de março de 1960, o vapor francês carregado de armas e munições belgas explodiu no porto de Havana, deixando 100 mortos e 200 feridos. O ato terrorista foi apontado pelo governo como mais uma ação da CIA para desestabilizar a revolução.

Todos esses movimentos sacralizantes feitos pela Revolução apontados até aqui, que escapam, por muitas vezes, aos olhares dos pesquisadores dada a sua afluência à política de memória do governo, indicam a tendência de tentativa de transferência de sacralidade entre a religião e a Revolução. Embora seja arriscado afirmar que em Cuba criou-se uma religião revolucionária como Albert Mathiez propôs sobre o estudo da religião na Revolução Francesa, é plausível dizer que houve intensos esforços que buscaram convergir os fenômenos religiosos e os fenômenos políticos em prol da sacralização da experiência revolucionária. Muitos desses esforços traduziam-se nas aproximações que os ideólogos da Revolução Cubana faziam entre a história sagrada e os princípios revolucionários.

Se a Igreja exige: “não roubar!”, também aplicamos com rigor este princípio. Uma das características de nossa Revolução é a erradicação do roubo, da malversação e da corrupção. Se a Igreja exige: “amar o próximo como a si mesmo”, é precisamente o que pregamos através do espírito de solidariedade humana que está na essência do socialismo e do comunismo; o espírito de fraternidade entre os homens, que é também um dos nossos objetivos mais apreciados. Se a Igreja exige: “não mentir”, entre as coisas que mais censuramos, criticamos e repudiamos com firmeza está a mentira. Se a Igreja exige: “não cobiçar a mulher do próximo”, nós consideramos que um dos fatores éticos de relações entre os revolucionários é, precisamente, o princípio do respeito à família e à mulher do companheiro. Quando, por exemplo, a Igreja incute o espírito de sacrifício e de austeridade ou valoriza a humildade, também valorizamos exatamente o mesmo, quando afirmamos que o dever de um revolucionário é o de estar disposto ao sacrifício, à vida austera e modesta.³⁷⁶

Em 1962, em um discurso em homenagem aos mártires do assalto ao palácio presidencial, Castro colocou a filosofia marxista em um patamar equiparável à religião, ao dizer que

*(...) para luchar contra el imperialismo y para luchar contra el latifundismo y para luchar contra la explotación no es obstáculos que uno sea creyente, tenga una religión, sea cristiano, sea de cualquier religión, y el otro sea marxista, el otro tenga su fe en la filosofía marxista.*³⁷⁷

A fé no marxismo e a comparação ético-política entre a mística dos revolucionários e a dos cristãos havia sido explorada também por Mariátegui, quando defendeu que o conceito de religião cresceu em extensão e profundidade e não pode ser, portanto, reduzido a uma Igreja ou a um ritual:

³⁷⁶ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 257.

³⁷⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto homenaje a los mártires del asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

O socialismo e o sindicalismo, apesar de sua concepção materialista da história, são menos materialistas do que aparentam ser. Fundamentados no interesse da maioria, eles tendem a enobrecer e dignificar a vida. Os ocidentais são místicos e religiosos ao seu jeito. Por acaso a emoção revolucionária não seria uma emoção religiosa? No Ocidente acontece que a religiosidade transferiu-se do céu para a terra. Seus motivos são humanos, são sociais; não são divinos. Pertencem à vida terrestre e não à vida celeste.³⁷⁸

A dominação carismática de Fidel Castro sobre as grandes massas, aliada aos seus longos discursos, garantia o envolvimento emocional das massas — porque a fé implica esse tipo de envolvimento, podendo ser instrumentalizada a favor do poder — e conduzia à mitificação das etapas da Revolução, atuando como mais uma força sacralizante, pois como argumentou o próprio Fidel: “uma fé religiosa tem por base o raciocínio, pois o desenvolvimento do pensamento e do sentimento são duas coisas inseparáveis”³⁷⁹. Um espaço muito tênue delimita o domínio secular e o domínio do sagrado na política cubana. Para entender melhor essa abordagem, é preciso antes ter uma compreensão mais aprofundada sobre o que é o sagrado. Émile Durkheim é, sem dúvida, uma das maiores referências para dialogar sobre essa temática. Segundo suas proposições, o que define o sagrado é que ele se acrescenta ao real:

Vimos, com efeito, que se a vida coletiva, quando atinge um certo grau de intensidade desperta o pensamento religioso, é porque determina um estado de efervescência que muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são supraexcitadas, as paixões ficam mais intensas, as sensações mais fortes; há algumas inclusive que só se produzem nesse momento. O homem não se reconhece; sente-se como que transformado e, em consequência, transforma o meio que o cerca. Para ter uma noção das impressões muito particulares que sente, ele atribui às coisas com as quais está mais diretamente em contato propriedades que elas não têm, poderes excepcionais e virtudes que os objetos da experiência vulgar não possuem.³⁸⁰

A laicização de importantes sacramentos católicos, através da burocratização do Estado, contribuiu para a diminuição do poder simbólico da Igreja, que já não tinha, pelo menos pensando de uma perspectiva oficial, os mecanismos que garantiam a manutenção do seu poder: ditar os caminhos para a salvação.

O Estado revolucionário, posto como o salvador da população, reivindica para si a autoridade não somente sobre os sacramentos, mas também sobre os milagres da narrativa

³⁷⁸ MARIÁTEGUI, José Carlos apud LÖWY, Michael. **op. cit.**

³⁷⁹ BETTO, Frei. **op. cit.**, p. 132.

³⁸⁰ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 466.

religiosa³⁸¹, aproximando ainda mais os mitos revolucionários aos mitos religiosos. A arquitetura revolucionária eterniza os grandes feitos, os monumentos transformam-se em um texto narrando uma história de glórias e conquistas. Ao passo que desaparecem os monumentos católicos, como no caso da estátua da *Virgen del Camino santacolareña*, ocultada por mais de 20 anos. As procissões pelos grandes mártires da Revolução suprimiram as procissões em homenagens aos santos. As festas e feriados tradicionais foram substituídos pelos rituais cívicos.

A veneração imagética, típica dos costumes católicos, é, sem dúvidas, um grande fator sacralizante e pode ser observada nos mais diferentes segmentos da sociedade cubana: as imagens dos mártires da Revolução estão espalhadas pelas ruas em todas as províncias, escolas, hospitais, nos grandes congressos do partido, nas cerimônias, nas instalações governamentais, inclusive nos escritórios dos dirigentes do poder, e mesmo chegando aos poucos a substituir as imagens dos santos nos lares. Eles são como guias espirituais de toda a nação, que encorajam nos momentos difíceis, instilam o espírito de colaboração e pontificam os valores revolucionários.



Figura 8: Fidel Castro en el 2do. Congreso del Partido. Havana, 1980, 1 fotografia. Fonte: CMHW. Disponível em: <<http://www.cmhw.cu/nacionales/775-cronologia-del-i-al-vi-congreso-del-partido-comunista-de-cuba>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

³⁸¹ LA MARINA, la Revolución y el catolicismo. **Revolución**. La Habana, 17 nov. 1959, n. 294, año 2, p. 2.

Na imagem, vê-se no primeiro plano, à esquerda, Fidel Castro discursando durante o congresso. Acima dele e atrás, os heróis da independência, da esquerda para a direita e acima: Máximo Gómez, Antonio Maceo e José Martí. À direita e acima, os pais do comunismo internacional: Lenin, Friedrich Engels e Karl Marx (o último não aparece na foto devido ao ângulo). Abaixo e no meio, os principais heróis já mortos da Revolução: Che Guevara, Camilo Cienfuegos (que curiosamente não era marxista) e Julio Antonio Mella (que não participou da Revolução, foi assassinado em 1929 no México e era fundador do Partido Comunista na ilha). Três tempos históricos convergem nesse discurso iconográfico para escrever a história daquele dado momento como um resultado da luta de três marcos da história de Cuba: sua independência, a revolução e o socialismo.

Em torno da iconografia revolucionária, um imaginário político complexo foi construído. Uma nação imaginada com seus grandes mártires, que consolidam o ideal humano, o poder da representação e a natureza invejável do mito. Talvez, o mais importante a reter da imagem acima selecionada seja sua função didática, pois, como Courtine considerou sobre o uso das imagens na política:

Uma das consequências mais marcantes do desenvolvimento de uma tecnologia da comunicação política terá sido a de modificar a relação entre enunciação do discurso e espetáculo do corpo falante, em proveito deste último. (...) As técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso central da representação política. É como se se passasse de uma política do texto, veículo de ideias, para uma política da aparência, geradora de emoções.³⁸²

A religião revolucionária defendida na França por Mathiez revela algum grau de equiparação com o que a Revolução Cubana criou, com seus símbolos e dogmas, seu conjunto de práticas regulares e seus sistemas de cerimônias. O enfraquecimento do catolicismo — e não o desprendimento total dele, pois era uma fonte para a transferência de sacralidade para as instituições do Estado — sem dúvida contribuiu para a mitificação da experiência revolucionária e também para uma maior laicização da vida pública, superando as contradições surgidas na década de 60 entre a formação religiosa e o dever social dos cidadãos.

³⁸² COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. do R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja nos recônditos dos lares seja nas cerimônias que compõem a liturgia cívica do Estado, a permanência dos vestígios da religião na vida diária dos cubanos pode ser vista com facilidade. Isso porque uma das características mais significativas do cristianismo, que permitiu sua irradiação por todo o mundo, é a sua capacidade de adaptação, aceitando influência das condições temporais, ainda que para isso precise flexibilizar pontos essenciais de sua própria filosofia. A história da Igreja Católica em Cuba é bastante representativa neste sentido. Diferentes tipos de governo receberam o seu apoio ao longo dos séculos, inclusive a ditadura de Fulgencio Batista, o que conferiu legitimidade — a somar com o fato de ser a religião dos conquistadores — para sua desmoralização frente à Revolução Cubana. Seu maior desafio continua sendo o mesmo: sobreviver à aceleração do tempo atual, às novas demandas em um país comunista e ao constante processo de laicização da sociedade.

O ateísmo somente conseguiu ganhar proporções tão grandes em Cuba porque o país já estava sofrendo uma secularização visível das suas práticas, o que não significa que a Revolução não tenha acelerado esse processo; com efeito, o triunfo de 1959 foi definitivo para sua expansão, pois sob o signo do dissenso com a religião — ainda que não somente com ela, os Estados Unidos assumiram uma função especial nisso — o governo foi se consolidando.

Quatro etapas principais dessa relação conflituosa com a Igreja podem ser apontadas: o primeiro momento foi marcado por diálogos amistosos e, até certo ponto colaborativos, como na etapa insurrecional, na qual o Movimento 26 de Julho contou com o apoio de organizações católicas, contemplado no primeiro capítulo deste estudo; a segunda etapa, após o triunfo, foi marcada pelo guerrilheirismo simbólico, em que a Igreja reivindicou a divulgação de seu apoio à Revolução iniciando-se, em contrapartida, um intercâmbio, nem sempre consensual, de símbolos e rituais religiosos a favor da legitimação revolucionária; o terceiro momento circunscreveu o período de maior conflito, com a oficialização do socialismo, com a expulsão de sacerdotes, supressão das práticas religiosas, nacionalização do ensino privado, entre outros agravantes, contemplados no segundo capítulo; o quarto momento se dá a partir de 1965, quando a Igreja e o Estado em Cuba começam a estruturar novas formas de diálogo, temática explorada no terceiro capítulo desta dissertação.

O saldo dos dezessete anos que constituem o recorte temporal aqui analisado, embora reconhecendo os consideráveis avanços trazidos pelo governo revolucionário em outros âmbitos da sociedade, não poderia ser menos animador para a religião: a Igreja era tolerada, mas não deixava de ser vigiada; seus fiéis, discriminados; o clero tinha se reduzido muito em

número e prestígio; não podia construir novos templos; só podia fazer manifestações públicas da fé, como procissões por exemplo, com autorização especial; o monopólio completo dos meios de comunicação era do governo; não havia alternativas educacionais: a escolarização apenas se dava dentro da ideologia do regime; os sacramentos foram secularizados; e, como observou Alonso, Cuba estava “Navegando, ainda por cima, num contexto sociopolítico que privilegiava o ateísmo”³⁸³. A religião ficou marcada pelo estigma da contrarrevolução e, nas análises mais aprofundadas, isso foi visto como um epifenômeno das relações de produção. Contudo, os antagonismos ideológicos foram acomodados e um *modus vivendi* com o Estado tornou-se possível a partir das contribuições das renovações propostas pelo Concílio Vaticano II, do surgimento da Teologia da Libertação, dos esforços de Monsenhor Cesare Zacchi, encarregado de negócios da Santa Sé, e das visitas dos papas à ilha, cuja temática extrapola os limites deste trabalho.

A visão diplomática do Vaticano, não restam dúvidas, ajudou a evitar o completo desmantelamento da Igreja em Cuba, dadas as condições em que saiu dos conflitos dos anos iniciais. Colaboradores importantes da Santa Sé haviam adquirido larga experiência com as visitas aos países comunistas do leste europeu. Agostino Casaroli, então secretário da Congregação de Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, iniciou em 1963 um *tour* diplomático por vários deles (Hungria, Checoslováquia, Iugoslávia), onde não demorou a estabelecer relações diplomáticas.

A intenção era implantar, segundo as análises de Uría, uma “diplomacia de distensão” (*razryadka*, em russo) para lograr pequenos espaços de liberdade religiosa, uma forma de manter a Igreja atuante. O Vaticano percebeu que não poderia abandonar ao ateísmo milhares de católicos que viviam sob o domínio soviético, bem como milhares de leigos que poderiam ser evangelizados, era preciso fazer uma manobra de aproximação ao comunismo.³⁸⁴

Contudo, uma fase confusa se inicia em Cuba, pois essas tentativas de acomodação das divergências geraram um comportamento dúbio na sociedade católica pela dificuldade que passaram a enfrentar em aceitar os valores marxista-leninistas e manter os princípios cristãos. Por um lado, a Igreja, enquanto instituição, aceitou ser apenas mais uma entre tantas outras e, com isso, acelerar a perda da sua já decadente influência nas decisões políticas do país; por outro, seus fiéis já não tinham tanta certeza quanto a quem deveriam devoção.

³⁸³ ALONSO, Aurelio. A Igreja católica, a política e a sociedade. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 25 nº. 72, p. 107-115, May/Aug. 2011.

³⁸⁴ URÍA, Ignacio. La estrategia geopolítica de la Iglesia Católica. **Nueva Revista de política y cultura**. La Rioja, n. 147, p. 224-239, 2014.

Importantes reflexões podem ser apreendidas dessa relação socialismo-religião/revolução/religião nas suas mais diferentes experiências: 50 anos de perseguição religiosa na União Soviética não tinham sido suficientes para aniquilar o cristianismo naquele país. O governo se viu obrigado a voltar atrás e reabrir as Igrejas sob o seu domínio; também o México, depois de conflitos bastante acirrados, como em especial a Guerra Cristera³⁸⁵, foi obrigado a fazer concessões. Vê-se que o radicalismo desses sistemas não suprime a religião, mas inviabiliza suas manifestações públicas, o que a debilita profundamente. Talvez isso se deva ao fato de que muitas vezes sua função é subestimada pela perspectiva política.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.³⁸⁶

Para a Revolução Cubana, a coexistência era benéfica, não sendo conveniente a confrontação com as crenças religiosas, para que não recaíssem sobre ela as críticas que as Revoluções Russa, Mexicana e Francesa sofreram. O que, de fato, aconteceu. Não é comum ver-se falar sobre “anticlericalismo” cubano, expressão facilmente associada às outras revoluções dos últimos séculos. Houve um cuidado considerável por parte dos dirigentes do governo para que historicamente esse fardo de uma “revolução contra a religião” não pesasse sobre os ombros de Cuba.

Embora pouco discutida, buscou-se também, durante as diferentes etapas do seu processo, a aliança entre o conteúdo espiritual e as estratégias políticas, invadindo a órbita da tradição eclesial, absorvendo muitos de seus elementos, instrumentalizando-os para a sacralização da experiência revolucionária, formando um “corpo único, religioso e social”³⁸⁷. As implicações da religião na política conduziram a essas tentativas de sacralização que contribuíram para um maior controle político dos diferentes âmbitos da sociedade, ao mesmo tempo que também ajudaram a amenizar as contradições que surgem da cisão dramática entre a esfera política e a esfera religiosa nesses contextos.

³⁸⁵ A Guerra Cristera foi um conflito armado que se desenvolveu no México, no período entre 1926 e 1929, entre o governo mexicano, milícias de leigos e religiosos católicos contra a aplicação da chamada *Ley Calles*, que visava limitar o culto católico no país, resultando na morte de aproximadamente 250.000 pessoas. ROJAS, Edgar Danés. **Noticias del Edén: la iglesia católica y la Constitución mexicana**. Tamaulipas: Universidad Autónoma de Tamaulipas, 2008, p. 82.

³⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 42.

³⁸⁷ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papirus, 1986, p. 205.

Um país sacralizado nos seus mitos fundacionais, ritos e expressões, ancorado na cosmovisão materialista, em que paradoxalmente irá fomentar a inclusão afetiva. Nesse tipo de estratégia, observa Catroga analisando o cenário português — mas que se adequa as questões aqui suscitadas —, “a reprodução da moderna racionalidade política transportava consigo certas formas de sacralidade”³⁸⁸. Entretanto, mesmo transitando sob o domínio do sagrado, a estabilidade não é facilmente alcançada, o que também pode ser observado na experiência cubana pois

Trazendo para o seu domínio a força da fé, o poder temporal não vê, no entanto, assegurada a certeza de sua estabilidade e progressão pelo simples motivo de que remetida ao terreno das paixões humana, a fé se faz acompanhar do seu contrário, a dúvida e com ela a incerteza diante do imprevisto.³⁸⁹

Um dos caminhos que podem conduzir a uma melhor convivência entre os dois poderes parece já ter sido apontado pelo teólogo protestante Harvey Cox em seu livro *La ciudad secular*, onde discursa sobre a “dessacralização da política”, um processo que haviam tentado pôr em prática na Europa Oriental:

*Otra forma de describir el proceso sería llamarlo la secularización del comunismo. Los cristianos de la Europa Oriental quieren que el comunismo sea realmente “secular”. Quieren que se purgue de su aura cuasi religiosa de santidad y sea lo que realmente es, una forma entre otras de relacionar las instituciones económicas con el poder del Estado.*³⁹⁰

Fidel Castro também já havia desenvolvido críticas equivalentes, não obstante ainda seja, em muitos aspectos, difícil visualizá-las na prática:

*No voy a decir que el movimiento revolucionario, y en general el movimiento comunista, haya dejado de representar un papel, e incluso un importante papel en la historia del proceso revolucionario y de las ideas revolucionarias en América Latina; adquirió un método, un estilo, y en ciertas cosas no pocas características de iglesia. Y creemos sinceramente que ese carácter debe ser superado.*³⁹¹

Um ano depois dessa primeira crítica, afirmou:

³⁸⁸ CATROGA, Fernando. **op. cit.**, p. 10.

³⁸⁹ **Ibidem.** p. 205.

³⁹⁰ COX, Harvey apud FERNÁNDEZ, Manuel. **Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta.** Miami: Saeta Ediciones, 1984, p. 190.

³⁹¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la primera conferencia de la Organización Latino-americana de Solidaridad (OLAS), celebrada en el teatro “Chaplin”, el 1º de agosto de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f100867e.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

*Tuvo el marxismo geniales pensadores: Carlos Marx, Federico Engels, Lenin, para hablar de sus principales fundadores. Pero necesita el marxismo desarrollarse, salir de cierto anquilosamiento, interpretar con sentido objetivo y científico las realidades de hoy, comportarse como una fuerza revolucionaria y no como una iglesia seudorrevolucionaria. Estas son las paradojas de la historia. ¿Cómo cuando vemos a sectores del clero devenir en fuerzas revolucionarias vamos a resignarnos a ver sectores del marxismo deviniendo en fuerzas eclesiásticas?*³⁹²

Finalmente, cabe lembrar que o foco desse estudo circulou constantemente entre a escala micro das festas religiosas, a escala média das tradições e a escala macro da sacralidade da política. Um grande desafio metodológico se apresentou pela dificuldade de acesso a fontes relativas às festas propriamente ditas. Embora escassas, tais fontes apresentam um feixe bastante fecundo de possibilidades para a análise histórica, já que são capazes de relacionar o público e o privado, o econômico, o social e o cultural, o político e o religioso, remetendo à identidade, à memória. Contudo, percebidas fragmentariamente, as festas religiosas cubanas deste período são assumidamente lugares de silêncio, fruto das constantes lutas simbólicas que as permeiam, pondo em conflito os significados e exigindo do historiador, para além de erudição, intuição para perceber aquilo que não é dito espontaneamente. Porque *“En definitiva, los rituales festivos son el reflejo de nuestra realidad social más inmediata, de las condiciones en que viven los colectivos protagonistas, de cómo se enfrentan a nuevas situaciones, de sus prioridades y sus aparentes contradicciones”*³⁹³. São dimensões singulares das sociedades, não são a própria sociedade. O maior desafio ao encarar as tradições religiosas como uma variável de análise histórica está em não as pensar pelo viés da sociedade, mas a sociedade a partir delas, o que, em até certo ponto, buscou-se lograr aqui.

As inúmeras transformações trazidas pela Revolução Cubana, aliadas aos confrontos político-religiosos, às dificuldades econômicas, à secularização da sociedade e à propagação do ateísmo foram minando a maior parte das bases sociais que davam sustentação às antigas tradições, causando uma profunda mutação cultural no país com rupturas irreversíveis para identidade cubana.

Entretanto, o início do que parece ser uma democratização progressiva e parcial do país, até agora conduzida por Raúl Castro, inspiram esperanças de um futuro menos conturbado entre os fiéis e o governo, favorecendo o reaparecimento das tradições religiosas. Um “porvir” que

³⁹² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura del Congreso Cultural de La Habana, en el teatro “Chaplin”, el 12 de enero de 1968.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f120168e.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

³⁹³ MADARIAGA, Celeste Jiménez de. *Rituales festivos y confrontación social. Cruces de mayo de la provincia de Huelva.* **Gazeta de Antropología.** Jaén, v. 27. n. 2, p. 1-15, 2011.

se tornou uma questão central na política atual, exigindo dos historiadores americanistas um esforço de reavaliação dos estudos históricos sobre o papel da Igreja na política cubana.

De alguma forma, espera-se que este trabalho impulse novas abordagens não apenas nesses caminhos espinhosos que se entrecruzam na esfera política e religiosa, no comunismo e no catolicismo, mas também naqueles que partindo da cultura consigam transitar em todos esses meios, inclusive no mundo complexo das tradições, cujas portas podem conduzir para terrenos totalmente inexplorados, mesmo se tratando de temas já tão amplamente trabalhados, como é o caso da Revolução Cubana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – FONTES

1.1 – Periódicos

VATICANO. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1959. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1959.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1960. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1960.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1961. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1961.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1962. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1962.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1963. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1963.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1964. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1964.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1965. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1965.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1966. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1966.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1967. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1967.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1968. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1968.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1969. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1969.

_____. **Anuario Pontificio Per L'anno:** 1970. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1970.

Diario de la Marina. La Habana, 22 ene. 1957, n. 19, año CXXV.

_____. La Habana, 5 feb. 1957. Crónica Habanera, n. 31, año CXXV.

_____. La Habana, 2 mar. 1957. Crónica Habanera, n. 53, año CXXV.

_____. La Habana, 19 abr. 1957. Crónica Católica, n. 128, año CXXV.

_____. La Habana, 21 may. 1957. Noticias Nacionales, n. 120, año CXXV.

_____. La Habana, 19 abr. 1957. Provincias, n. 94, año CXXV.

_____. La Habana, 21 jun. 1957. Noticias Nacionales, n. 145, año CXXV.

- _____. La Habana, 26 jul. 1957. Crónica Habanera, n. 175, año CXXXV.
- _____. La Habana, 10 ago. 1957. Noticias Nacionales, n. 188, año CXXXV.
- _____. La Habana, 10 sep. 1957. Crónica Católica, n. 215, año CXXXV.
- _____. La Habana, 06 oct. 1957. Noticias Nacionales, n. 237, año CXXXVI.
- _____. La Habana, 7 feb. 1958. Noticias Nacionales, n. 33, año CXXXVI.
- _____. La Habana, 4 jul. 1958, n. 155, año CXXXVI.
- _____. La Habana, 19 nov. 1958. Noticias Internacionales, n. 271, año CXXXVI.
- _____. La Habana, 27 dic. 1958. Noticias Nacionales, n. 305 año CXXXVI.
- _____. La Habana, 17 ene. 1959. Noticias Nacionales, n. 5, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 10 ene. 1959. Editorial, n. 8, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 11 ene. 1959. Editorial, n. 9, año, CXXXVII.
- _____. La Habana, 15 abr. 1959. Editorial, n. 88, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 26 abr. 1959, n. 98, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 7 jun. 1959, n. 132, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 22 jul. 1959, n. 170, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 8 sep. 1959. Noticias Nacionales, n. 211, año CXXXVII.
- _____. La Habana, 9 oct. 1959. Editorial, n. 328, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 17 nov. 1959, n. 271, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 1 dic. 1959, n. 283, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 16 dic. 1959, n. 296, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 06 feb. 1960. Noticias Nacionales, n. 31, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 19 feb. 1960, n. 42, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 09 abr. 1960, n. 84, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 17 abr. 1960, n. 91, año CXXXVIII.
- _____. La Habana, 30 abr. 1960, n. 102, año CXXXVIII.
- _____. Miami Beach, 18 feb. 1961, n. 7, año CXXXIX
- Revolución.** La Habana, 8 ene. 1959, n. 29, año II.
- _____. La Habana, 15 ene. 1959, n. 35, año II.
- _____. La Habana, 19 ene. 1959, n. 38, año II.
- _____. La Habana, 27 ene. 1959, n. 45, año II.
- _____. La Habana, 20 feb. 1959, n. 66, año II.
- _____. La Habana, 2 mar. 1959, n. 73, año II.
- _____. La Habana, 14 mar. 1959, n. 84, año II.

- _____. La Habana, 16 mar. 1959, n. 85, año II.
- _____. La Habana, 15 jun. 1959, n. 161, año II.
- _____. La Habana, 12 oct. 1959, n. 363, año II.
- _____. La Habana, 17 oct. 1959, n. 269, año II.
- _____. La Habana, 17 nov. 1959, n. 294, año II.
- _____. La Habana, 1 dic. 1959, n. 306, año II.
- _____. La Habana, 22 dic. 1959, n. 323, año II.
- _____. La Habana, 28 dic. 1959, n. 327, año II.
- _____. La Habana, 04 may. 1960, n. 434, año III.
- _____. La Habana, 15 sep. 1960, n. 547, año III.
- _____. La Habana, 6 ene. 1961, n. 642, año IV.
- _____. La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV.
- _____. La Habana, 1 abr. 1961, n. 713, año IV.
- _____. La Habana, 11 sep. 1961, n. 851, año IV.
- _____. La Habana, 12 sep. 1961, n. 852, año IV.
- _____. La Habana, 13 sep. 1961, n. 852, año IV.

1.2 - Encíclicas

JOÃO XXIII. **Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio.** Vaticano, 11 out. 1962. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. **Encíclica Mater et Magistra.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

LEÃO XIII. **Encíclica Quod Apostolici Muneris.** Petrópolis: Vozes, 1878.

PIO XI. **Divinis Redemptoris.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

_____. **Quadragesimo Anno.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

1.3 – Documentos Diplomáticos

ARNESON, R. Gordon. **Memorandum From the Deputy Director of Intelligence and Research (Arneson) to the Secretary of State.** US. Department of State, central files 737.00/4–158. Washington, 2 apr. 1958.

BONSAL, Philip. **Telegram From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files, 611.37/10–2359. Havana, 23 out. 1959.

_____. **Telegram From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, Central Files, 837.413/11–3059. Havana, 30 nov. 1959.

BRADDOCK, Daniel M. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files 837.413/1-1058. Havana, 10 jan. 1958.

_____. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files, 737.001/4–1459. Havana, 14 apr. 1959.

_____. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State. Central Files, 737. 00/12–660. Havana, 6 dec. 1960.

BUNDY, McGeorge. **Memorandum of Discussion on Cuba.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General, 1/61-4/61. Washington, 28 jan. 1961.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Paper Prepared in the Central Intelligence Agency.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General, 1/61-4/61. Washington, 17 fev. 1961.

_____. **Special National Intelligence Estimate.** US. Department of State, Washington National Records Center, RG 330, OASD (C), A Files: FRC 71 A 2896, McNamara Briefing Notebooks. Washington, 17 jan. 1962.

DEPARTMENT OF STATE. **Draft Memorandum Prepared in the Office of Middle American Affairs.** Central files, 737.00/7–2158, 25. Washington, jul. 1958.

DULLES, John Fost. **Instruction From the Department of State to the Embassy in Cuba.** US. Department of State, central files, 737.001/7–258. Washington, 2 jul. 1958.

GILMORE, Eugene A. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files 737.00/2–2858. Havana, 28 feb. 1958.

GUERRA, Oscar H. **Despatch From the Consulate at Santiago de Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files 737.52/2–2158. Santiago de Cuba, 21 feb. 1958.

HOLLAND, Henry F. **Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Holland) to the Secretary of State.** US. Department of State, central files, 737,00/5-856. Washington, 8 may 1956.

MANN, Thomas Clifton. **Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Mann) to Secretary of State Rusk.** US. Department of State, Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Cuba, General 1/61-4/61. Washington, 15 feb. 1961.

SMITH, Earl T. **Despatch From the Ambassador in Cuba (Smith) to the Department of State.** US. Department of States, central files, 737.00/12-757. Havana, 7 de dec. 1957.

_____. **Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files, 737.00/7-2458. Havana, 24 jul. 1958.

WOLLAM, Park. **Despatch From the Consulate at Santiago de Cuba to the Department of State.** US. Department of State, central files, 737.00/1-1459. Santiago de Cuba, 14 jan. 1959.

_____. **Telegram 37 from Santiago de Cuba, December 15; Department of State.** US. Department of States, central files, 737.00/12-1558. Santiago de Cuba, 15 dec. 1959.

1.4 – Discursos

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la reunión de coordinadores de cooperativas cañeras, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 10 de agosto de 1960.** Disponible em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f100860e.html>>. Acceso em: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de clausura de la plenaria nacional de la federación nacional de trabajadores azucareros, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 19 de diciembre de 1960.** Disponible em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f191260e.html>>. Acceso em: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el desfile efectuado en la plaza cívica, el 2 de enero de 1961.** Disponible em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acceso em: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acceso en: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de la Playa Girón, celebrado en el teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1965.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acceso en: 27 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza cívica, 1º de mayo de 1961.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acceso en: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el CMDTE Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de entrega de premios a los ganadores del concurso de canciones populares inspiradas en la revolución, en el teatro “García Lorca”, el 19 de septiembre de 1961.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f190961e.html>>. Acceso en: 26 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario e secretario del PURSC, como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>. Acceso en: 23 jan. 2018.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto homenaje a los mártires del asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1962.** Disponible en: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acceso en: 28 jan. 2018.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del gobierno revolucionario de Cuba y Primer Secretario General del PURSC, en la conmemoración del X Aniversario del 26 de julio, celebrada en la Plaza de la Revolución,**

el 26 de julio de 1963. Disponible em:
<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acceso em: 23 abr. 2009.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de Playa Girón, celebrado en el teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1965.** Disponible em:
<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acceso em: 27 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la primera conferencia de la Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS), celebrada en el teatro “Chaplin”, el 1º de agosto de 1967.** Disponible em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f100867e.html>>. Acceso em: 26 jan. 2018.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura del Congreso Cultural de La Habana, en el teatro “Chaplin”, el 12 de enero de 1968.** Disponible em:
<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f120168e.html>>. Acceso em: 26 jan. 2018.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, al conmemorarse el X aniversario del triunfo de la rebelión, en la plaza de la revolución, el 2 de enero de 1969.** Disponible em:
<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f020169e.html>>. Acceso em: 27 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la inauguración de un seminternado de primaria y um policlínico, en El Cangre, a la vez que el policlínico de Valle del Peru, en Guines, el 5 de enero de 1969.** Disponible em: < <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f050169e.html>>. Acceso em: 14 mar. 2018.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto para dar inicio a la etapa masiva de la zafra de los 10 millones de toneladas, efectuado en el teatro “Chaplin”, La Habana, el 27 de octubre de 1969.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f271069e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, presidente de la República de Cuba, en la clausura de la plenaria nacional de la industria básica, efectuado en el teatro de la CTC, el 7 de diciembre de 1970, “Año de los 10 Millones”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f071270e.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

LANZ, Pedro Luis Díaz. **Communist threat to the United States through the Caribbean. Hearings before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and Other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary, United States Senate, Eighty-sixth Congress, first session**. Disponível em: <https://archive.org/stream/communistthreatt01unit/communistthreatt01unit_djvu.txt>. Acesso em: 15 nov. 2017.

1.5 – Legislações e Decretos

CUBA. **Ley Fundamental de 1959**. La Habana, 7 de febrero de 1959. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/38.pdf>>. Acesso em :31 jul. 2017.

1.6 – Livros

BETTO, Frei. **Fidel e a Religião: Conversas com Frei Betto**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LENIN, V. I. **Socialism and Religion**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1954.

_____. **Religion**. London: CPGb-ML, 2012.

SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. **La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales**. Ciudad de México: La Buena Prensa, 1995.

1.7 – Periódicos Online

BARRENECHEA, José Gabriel. La Virgen de la Charca, víctima del Che. **14ymedio**. Santa Clara, 19 nov. 2014. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/cultura/Virgen-Charca-victima-Che_0_1673232667.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CARDENAL Ortega: 'Las UMAP fueron una experiencia única en la vida para un sacerdote'. **Diario de Cuba**. Matanzas, 15 ago. 2014. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1408123019_9979.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

LA BOINA del Che: último recurso para aumentar la producción. **Diario de Cuba**. Santa Clara, 25 abr. 2017. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1493144165_30638.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SÁNCHEZ, Yoani. Los nietos de la Revolución aspiran a una vida normal, sin utopía ni frustraciones. **14ymedio**. Guatemala, 12 oct. 2016. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/opinion/Revolucion-aspiran-normal-utopia-frustraciones_0_2088391151.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. Los reyes a pie. **14ymedio**. La Habana, 07 ene. 2017. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/blogs/generacion_y/reyes-pie_7_168653139.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

2 – BIBLIOGRAFIA

2.1 – Livros

ARCE, Sergio. **Cuba: un pensamiento teológico revolucionario**. La Habana: Centro de Estudios, Consejo de Iglesias de Cuba, 1992.

AMBROSE, Stephen E. **Nixon: The Education of a Politician, 1913-1962**. New York: Simon & Schuster, 1988.

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 4. ed rev. São Paulo: Canção Nova, 2006.

BOURDEAUX, Michael. **A religião cristã na URSS**. Rio de Janeiro: Vozes, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARLYLE, THOMAS. **Heroes and Hero worship.** New York: The Macmillian Company, 1897.
- CASTAÑÓN, María del Pilar Díaz. **Ideología y revolución:** Cuba 1959-1962. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.
- CASTRO, Juanita. **Fidel e Raúl, meus irmãos:** a história secreta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito:** religião civil e comemoracionismo (EUA/ França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC, 2005.
- CLARK, Juan. **Religious Repression in Cuba.** Miami: Transaction Publishers, 1985.
- CONDE, Yvonne M. **Operation Pedro Pan:** The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children. New York: Routledge, 1999.
- DAWSON, Christopher. **A divisão da cristandade.** São Paulo: É Realizações, 2014.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EINSTEIN Albert. **Ideas and Opinions.** New York: Three Rivers Press, 1982.
- FERNÁNDEZ, Manuel. **Religión y Revolución en Cuba:** Veinticinco años de lucha ateísta. Miami: Saeta Ediciones, 1984.
- FORMENTO, Manuel Castro. **La obra de la Revolución Cubana:** Aspectos Relevantes entre 1952 y 2016. California: Ibukku, 2017.
- FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.
- FUENTES, Noberto. **Dulces guerreros cubanos.** Barcelona: Seix Barral, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva.** São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- GOTT, Richard. **Cuba:** Uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GREGOLIN, M. do R. **Discurso e mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (orgs.). **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- INSTITUTO DE ESTUDIOS CUBANOS. **Razón y Pasión:** veinticinco años de estudios cubanos. Miami: Ed. Universal, 1998.
- JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

- KOLAKOWSKI, Leszek. **O espírito revolucionário**. Marxismo – utopia e antiutopia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- KUZNICK, Peter J.; GILBERT, James. **Rethinking Cold War Culture**. Washington, D.C.: Smithsonian, 2001.
- LEFEBVRE, Marcel. **Carta Aberta aos Católicos Perplexos**. Rio de Janeiro: Permanência, 1984.
- LE GOFF, Jacques; NORA Pierre (orgs). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus, 1986.
- LÖWY, Michael (Org.). **O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARTÍ, José. **Obras Completas: Poesía**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2016.
- MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MASUD-PILOTO, Felix Roberto. **From Welcomed Exiles to Illegal Immigrants: Cuban Migration to the U.S., 1959-1995**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1996.
- MASVIDAL, Eduardo Boza. **Voz en el destierro**. Miami: Idealpress, 1976.
- MATHIEZ, Albert. **Los orígenes de los cultos revolucionarios (1789-1792)**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2012.
- MATOS, Huber. **Cómo Llegó la Noche**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002.
- MATTEI, Roberto de. **O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes & Costumes, 2013.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, 1959-1961**. São Paulo: Xamã, 2003.
- MOMMÉJA, Edith. **As festas cristãs: história, sentido e tradição**. São Paulo: Paulus, 2014.
- OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire: 1789-1799**. Paris: Gallimard, 1976.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
- ROJAS, Edgar Danés. **Noticias del Edén: la iglesia católica y la Constitución mexicana**. Tamaulipas: Universidad Autónoma de Tamaulipas, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Oeiras: Editorial Presença, 2010.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Caxias do Sul: EEDUCS, 2004.

TESTÉ, Ismael. **Historia Eclesiástica de Cuba**. Barcelona: Complejo de Artes Gráficas Medinacelli, S.A, 1975.

TISMANEANU, Vladmir. **Do Comunismo: O destino de uma religião política**. Campinas: CEDET, 2015.

URÍA, Ignacio. **Iglesia y Revolución en Cuba: Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el obispo que salvó a Fidel Castro**. Madrid: Encuentro, 2011.

2.2 – Artigos

ALONSO, Aurelio. A Igreja católica, a política e a sociedade. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 25 n°. 72, p. 107-115, May/Aug. 2011.

ANDRADE, Débora El-Jaick. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. **História e Perspectivas**, Uberlândia, vol. 35, p. 211-246, jul/dez.2006.

BARROS, José D'Assunção. História Política, Discurso e Imaginário: Aspectos de uma interface. **Sæculum – Revista de História**, João Pessoa, v. 12, p. 128-141, jan./ jun. 2005.

BLOCH, Vincent. Reflexões sobre a dissidência cubana. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**. São Paulo, n. 8, p. 1-28, 2009.

CRESPO, Ramón Torreira. **La Operación Peter Pan en la Memoria Histórica del pueblo cubano**. Disponível em:

<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/49T15.pdf>>.

Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. **La Iglesia Católica en la primera oleada migratoria cubana**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/51T13.pdf>>.

Acesso em: 26 nov. 2017.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e informação**, Goiânia, v. 9, n°. 1, p. 111-117, 2006, p.112.

GUERRA, Lillian. Gender policing, homosexuality and the new patriarchy of the Cuban Revolution, 1965–70. **Social History**, vol. 35, n. 3, p. 268-289, august 2010.

HERRERA, Virtudes Feliú. **Cuba. Cartografía de la memoria. Fiestas populares tradicionales e integración latinoamericana.**

Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/48659.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

LÖWY, Michael. Marxismo e Cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, nº. 19, p. 5-21, nov. 1989.

_____. Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 19, n. 55, p. 105-116, sep./dec. 2005.

LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos. **Marxismo Vivo**. São Paulo, n. 11, p. 111-124, 2005.

MADARIAGA, Celeste Jiménez de. Rituales festivos y confrontación social. Cruces de mayo de la provincia de Huelva. **Gazeta de Antropología**. Jaén, v. 27. n. 2, p. 1-15, 2011.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PRADO, André Pires do; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções. **Religare**. João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 04-31, março de 2014.

RODRIGUES, João Paulo. Festas e comemorações cívicas na Revolução Francesa (1789-1799): a perspectiva crítica de Mona Ozouf e outras interpretações. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 1, p. 217-237, janeiro-junho, 2015.

TAHBAZ, Joseph. Demystifying las UMAP: The Politics of Sugar, Gender, and Religion in 1960s Cuba. **DeRLAS**. Delaware, vol. 14, n. 2, p. 1-17, 31 dec. 2013.

VAIL, Meghan. **Media Cold Warriors: How the Operation Pedro Panes Reinforced Cold War Policies towards Cuba.** Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2011/vail.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

VALKENIER, Elizabeth. The Catholic Church in Communist Poland, 1945-1955. **The Review of Politics**. Cambridge, vol. 18, nº. 3, pp. 305-326, jul., 1956.

URÍA, Ignacio. La estrategia geopolítica de la Iglesia Católica. **Nueva Revista de política y cultura**. La Rioja, n. 147, p. 224-239, 2014.

2.3 – Publicações em Anais

AGUDO, Juan. De rituales festivo-ceremoniales a patrimonio intangible. Nuevas recreaciones de viejas tradiciones. In: FIESTAS Y RITUALES, X ENCUENTRO PARA LA PROMOCIÓN Y DIFUSIÓN DEL PATRIMONIO INMATERIAL DE PAÍSES IBEROAMERICANOS, 10, 2009, Lima. **Anais...** Lima: Corporación para la Promoción y Difusión de la Cultura, 2009, p. 51-66.

2.3 – Teses e Dissertações

ALMEIDA, Jaime. **Foliões**: Festas em São Luís do Paraitinga na Passagem do Século – 1888 - 1918. Tese de Doutorado. USP, 1987.

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da Memória**: Estratégias de Legitimação da Revolução Cubana (1959 – 2009). Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2013.

2.4 - Jornais Online ou Websites

DESPUÉS de 50 años, comunistas cubanos devuelven Capilla a la Iglesia. **Gaudium Press**. La Habana, 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://es.gaudiumpress.org/content/78570-Despues-de-50-anos--comunistas-cubanos-devuelven-Capilla-a-la-Iglesia-#ixzz4zcm9oi8p>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

EM LIVRO, ex-agente cubano da CIA conta 'história de fracasso' de tentativas de assassinar Fidel. **Opera Mundi**. São Paulo, 05 jun. 2017. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/47290/em+livro+ex-agente+cubano+da+cia+conta+historia+de+fracasso+de+tentativas+de+assassinar+fidel.shtml>>. Acesso em: 26 nov. 2017

LLANO, Pablo de. “En la isla se está expandiendo la religión, pero no el catolicismo”. **El País**. La Habana, 19 sep. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2015/09/18/actualidad/1442610888_788166.html>. Acesso em: 31 jan. 2018.

LOEB, Vernon. Soviets Knew Date of Cuba Attack. **The Washington Post**. Washington DC, 29 apr. 2000. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2000/04/29/soviets-knew-date-of-cuba-attack/805b049c-4073-4b24-aeef-d0409695cbd6/?utm_term=.01a05b7619ee>. Acesso em: 11 set. 2017.

LO ULTIMO: Papa elogia casas que hacen trabajo pastoral Cuba. **Chicago Tribune**. Holguín, 21, sep. 2015. Disponível em: <<http://www.chicagotribune.com/hoy/ct-hoy-8468979-lo-ultimo-papa-elogia-casas-que-hacen-trabajo-pastoral-cuba-story.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

RAÚL Castro comienza a devolver propiedades a la Iglesia Católica de Cuba. **América Económica**. Madrid, 07 fev. 2013, año XVIII. Disponível em: <<http://www.americaeconomica.com/noticia.php?id=15141>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

VASQUEZ, Felipe Alfredo Santos. Cuba devuelve a la Iglesia Católica varias propiedades. **Latinoamérica Hoy**. Alabama, 29 ene. 2013. Disponível em: <<http://www.latinonews.com/cuba-devuelve-a-la-iglesia-catolica-varias-propiedades/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

VALDESPINO, Andrés. **El exilio de los Hermanos de La Salle**. Disponível em: <<http://delasallealumni.org/nuestroeducadores/HermanosDelaSalle-Exilio.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

VIEIRA, Luiz Félix. A 50 años de las Umap. **Cubaencuentro**. Ciudad de México, 29 sep. 2015. Disponível em: <<https://www.cubaencuentro.com/entrevistas/articulos/a-50-anos-de-las-umap-323725>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

3 – REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

3.1 – Documentários

FIDEL Castro America's Nemesis. Produção e Direção: Tistan Quinn. Reino Unido: BBC, 25 nov. 2016, 1 DVD (50 min).

OPERACIÓN Peter Pan: Volando de Vuelta a Cuba. Direção: Estela bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

CUBA Sí. Direção: Chris Marker. França: Pierre Braunberger, 1961, 1 DVD (53 min).

ANEXO

Lista dos sacerdotes e religiosos expulsos de Cuba em setembro de 1961³⁹⁴

Clero diocesano

1. S.E.R. Mons. Eduardo Boza Masvidal
2. Mons. Dr. Trinidad Torrebaja Casanova
3. Mons. José Novo Vázquez
4. Mons. Genaro Suárez Muñiz
5. Mons. José Manuel Couce Euchaurren
6. Mons. Angel Valdés Valdés
7. Mons. Salvador Basulto Rodríguez
8. Mons. Víctor Garay Udibiarte
9. Mons. Vicente Jobaní Mas
10. P. Agustín A. Román Rodríguez
11. P. Romeo Rivas Sánchez
12. P. José Cabanas Vila
13. P. Manuel F. Colmena Jiménez
14. P. Francisco Hernández Díez
15. P. Nicanor Valdés y Alvarez de la Campa
16. P. Francisco Quintero Pérez
17. P. José Moco-roa Miranda
18. P. Francisco Oves Fernández
19. P. José Cortina Varona
20. P. Miguel Becerril Blazquez
21. P. Manuel Mendiola Roura
22. P. Orlando Fernández Villar
23. P. Pedro Oriol Miret
24. P. Angel Ribas Cánepa
25. P. Rafael Escala Manday
26. P. Cristóbal Novoa García

³⁹⁴ EXPULSIONES de religiosos por el régimen cubano en 1961. **UEPPC**. Disponível em: <<http://www.ueppc.com/wp-content/uploads/2015/01/RELIGIOSOS-EXPULSADOS-DE-CUBA-en-1961-0717.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

27. P. Carlos Comas López
 28. P. Ramiro Ribas Pichel
 29. P. Fabián Chelala Saravia
 30. P. Rolando García Castañeda
 31. P. José Lence González
 32. P. Mérito González Artigas
 33. P. Herculano N. Hernández Caballero
 34. P. Carlos E. Madrigal Pentón
 35. P. Francisco Parrón López
 36. P. Sebastián Marquiegui Sarasqueta
 37. P. Teodocio Ylleras Pérez
 38. P. Elías Teodoro Olmos
 39. P. Regino Alcívar Guenaga
 40. P. Pedro Wong
 41. P. Arnaldo Bazán Ventura
 42. P. Agnelio Blanco Blanco
 43. P. Cristián Baguer Chacón
- Capuchinos
44. P. Celedonio Fernández del Blanco
 45. P. Honorio Hurtado Reyero
 46. P. Abraham Pablos Escanciano
 47. Hno. Lorenzo Prieto Diez
- Pasionistas
48. P. Angel Melitón Alonso Diez
 49. P. Anastasio Martínez Aldea
- Jesuitas
50. P. Ceferino Ruiz Rodríguez
 51. P. Francisco J. Arnáiz Zarandona
 52. P. Félix Feliz Lozada
 53. P. Fernando Nova Rodríguez
 54. P. Federico Arbesú del Castillo
 55. P. Fernando Arango Alvarez
 56. P. Teodoro Bercedo García

57. P. Angel Olano Arias
 58. P. Esteban Ribas Serna
 59. P. Manuel López Rodríguez
 60. P. Juan del Río Ratón
 61. P. Silvio González Herrero
 62. P. José Goberna Costas
 63. P. Eutiquio Varona Calle
 64. P. Rafael Garrido Vicente
 65. P. José Rubinos Ramos
 66. P. Juan Manuel Dorta Duque
 67. P. Alberto Villaverde Alcalá Galiano
 68. P. Francisco Tadeo Herrero
 69. P. Severino Hidalgo Juárez
 70. P. Francisco Bartolomé Chico
 71. Hno. Luciano Cofréces Cea
 72. Hno. Estanislao Peláez Nozal
 73. Hno. Juan José Muñoz Arriceta
 74. Hno. Ramón Pérez Martínez
 75. Hno. Esteban Bedoya Gómez
- Salesianos
76. P. Rafael Mercader Armengol
 77. P. José Miguel Hernández López
 78. P. Jorge Du Breuil
 79. P. Janos Dluztus Boge
 80. P. Fernando Perdomo Perdomo
 81. P. Nuncio Bordonaro Giulio
- Paules
82. P. Jacinto Ortiz de Zárate
 83. P. Amador Méndez Alvarez
 84. P. Maximino Bea-Murguía Ochoa
 85. P. Demetrio Zúñiga Abadía
 86. P. Florentino Villanueva López
- Escolapios

87. P. Antonio M. Entralgo de la Vallina
88. P. Raúl Arnulfo Palma
89. P. Francisco Botey Vallés
Sacramentinos
90. P. Segundo Urquía
- 91.P. Martín Gorostidi Altuna
Franciscanos
92. P. Guillermo Basterrechea Embeitia
93. P. José María Biain Urrutia
94. P. Basilio Guerra Tellería
95. P. Timoteo Urrutia Garategui
96. P. José María Biain Anduaga
97. P. Eduardo Arsuaga y Altuna
98. P. Francisco Hernández Rodríguez
99. P. Victorio Beain Biain
- 100.P. Jesús Auzmendi Barandiarán
- 101.P. Julián Zubizarreta Garay
- 102.P. Tomás Olazabal Galarraga
- 103.P. José Miguel Aldaz Rabace
- 104.P. José Luis Sarragoitia Lazpica
- 105.P. Francisco García Muiño
- 106.P. José L. Aguirebeña Leceta
- 107.P. Felipe Izaguirre Odriozola
- 108.Hno. Apolinar Echevarría Oyarzabal
- 109.Hno. José Cobo Fernández
- 110.Hno. Bautista Maiza Artola
- 111.Hno. Nicolás Larrañaga Garchonea
- 112.Hno. Pedro Galdeano García
Carmelitas
- 113.P. Feliciano Guerra Bartolomé
- 114.P. José Sastre Roncero
- 115.Hno. Hipólito Sutil Calderón
- 116.Hno. Francisco Hernández de Miguel

117.Hno. Marcelino Martínez Maestre

Misioneros de Quebec

118.P. Ivan Labelle Lagarde

119.P. Guy Rivard Chabot

120.P. Harry Smith Dupuis

121.P. Louis Gerard Campagna

122.P. Jacques de Cherrete

123.P. Claude Laquerre

124.P. Horace Gauvin

Hermanos de La Caridad

125.Hno. Luc Nolet

126.Hno.. Roland René

Dominicos

127.P. Eugenio Pérez Hermida

128.Hno. Patricio Blanco Jiménez

129.Hno. Feliciano del Val Torrijo

San Juan de Dios

130.Hno. Eugenio Yoldi Vidal

De La Salle

131.Hno. Augusto Charbonnier Vernet